KRISHNAMURTI

REALI
ZAÇÃO
SEM ES
FORÇO

J. KRISHNAMURTI

Realização Sem Esfôrço

TRADUÇÃO DE
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Presidente Vargas, 418, sala 809
RIO DE JANEIRO — BRASIL

— I —

TEMOS um grande número de graves problemas, no mundo inteiro, e ainda que venham a criar-se "Estados de Bem-Estar" e os políticos consigam estabelecer uma paz superficial de coexistência, com prosperidade econômica, num país como êste, onde o contínuo desenvolvimento da produção industrial promete um futuro feliz, não creio que os nossos problemas possam ser resolvidos com tanta facilidade. Nós desejamos que êles sejam resolvidos, mas esperamos que outros os resolvam: os instrutores religiosos, psicoanalistas, os guias ou líderes; e também confiamos na tradição ou apelamos para os livros e filosofias. E parece-me que é por esta razão que vos achais aqui: para que vos indiquem o que deveis fazer. Ou supondes que, ouvindo explicações, ficareis aptos a compreender os problemas que desafiam a cada um de nós. Mas eu penso que estais cometendo um grave êrro, se esperais que, pelo simples fato de ouvirdes uma ou duas palestras, sem prestardes muita atenção, sereis guiados à compreensão dos nossos múltiplos problemas. Não é, em absoluto, minha intenção explicar-vos de maneira simplesmente verbal ou intelectual, os problemas que se nos apresentam; antes, pelo contrário, o que vamos tentar, durante estas palestras, é penetrar muito mais fundo na causa fundamental que torna todos êsses problemas tão complicados e tão infinitamente dolorosos e aflitivos.

Peço-vos tenhais paciência para escutar, sem vos deixardes levar por palavras e sem objetardes a esta ou àquela frase ou idéia. Necessita-se de infinita paciência para se decobrir o que é verdadeiro. Os mais de nós temos

pressa, queremos um resultado, queremos bom êxito, um objetivo, um certo estado de felicidade, ou experimentar algo a que a mente possa prender-se, apegar-se. Mas o que se necessita, penso eu, é de paciência e perseverança no buscar, sem se ter nenhum fim em vista. Quase todos nós buscamos alguma coisa, e por isso vos achais aqui; em nossa busca, porém, queremos achar algo, um resultado, um alvo, um "estado de ser" de felicidade e paz; nossa busca, por conseguinte, já está determinada, não é assim? Quando buscamos, estamos a demandar algo que desejamos e, assim, nossa busca já está predeterminada e, portanto, deixa de ser uma verdadeira busca. Acho de muita importância compreender-se isto. Quando a mente busca um determinado estado, a solução de um problema, quando busca a Deus, a Verdade, ou deseja uma certa experiência, mística ou de outra ordem, ela já concebeu, já formulou a coisa que deseja; e, visto que já a concebeu e formulou, é infinitamente vã a sua busca. E uma das coisas mais difíceis é o libertarmos a mente dêsse desejo de resultado.

A meu ver, os nossos incontáveis problemas só podem ser resolvidos quando ocorrer uma revolução fundamental da mente, porque só uma revolução dessa ordem pode proporcionar a compreensão do Verdadeiro. Nessas condições, importa compreendermos o funcionamento de nossa própria mente, não por um processo de auto-análise ou introspecção e, sim, pelo percebimento claro do seu processo total; e é êste processo total que desejo investigar nestas palestras. Se não nos vemos como somos, se não compreendemos o "pensador" — a entidade que busca, que está perpètuamente a exigir, a interrogar, a querer descobrir, a entidade que está criando o problema, isto é, o "eu", o "ego" — então o nosso pensar, a nossa busca, não terá significação alguma. Enquanto o nosso "instrumento de pensar" não fôr lúcido, enquanto estiver pervertido, condicionado, tudo o que pensarmos há de ser, inevitàvelmente, limitado, estreito.

Nosso problema, pois, é de como libertarmos a mente de todos os condicionamentos, e não "de que maneira condicioná-la melhor". Compreendeis, senhores? Quase todos nós estamos em busca de um condicionamento melhor. Os comunistas, os católicos, os protestantes e as demais seitas, por todo o mundo, inclusive hinduístas e budistas — todos visam a condicionar a mente de acôrdo com um padrão mais nobre, mais vrtuoso, mas abnegado, ou um padrão religioso. Cada indivíduo, no mundo inteiro, está interessado em condicionar sua mente de uma maneira melhor, e nunca se levanta a questão do libertar a mente de todo e qualquer condicionamento. Mas quer-me parecer que, enquanto a mente não estiver livre de todo o seu condicionamento, isto é, enquanto estivermos condicionados como cristãos, budistas, hinduístas, comunistas, etc., não pode deixar de haver problemas.

Sem dúvida, só é possível descobrir o que é real ou se existe Deus, quando a mente está livre de todo condicionamento. A mera ocupação da mente a respeito de Deus, da Verdade, do Amor, não tem realmente nenhuma significação, porquanto essa mente só pode funcionar dentro da esfera de seu condicionamento. O comunista que não crê em Deus, pensa de um modo, e o homem que crê em Deus, que está ocupado com um dogma, pensa de outro modo; mas a mente de todos os dois está condicionada e, portanto, nem um nem outro é capaz de pensar livremente, e todos os seus protestos, suas teorias e crenças muito pouco significam. Religião, pois, não é freqüentar a igreja, ter certos dogmas e crenças. A religião deve ser uma coisa de todo diversa, pode significar a total libertação da mente de tôda esta vasta e secular tradição; porque só a mente livre é que pode achar a verdade, a realidade, aquilo que transcende tôdas as projeções mentais.

Pode-se ver que isto não é uma teoria pessoal, minha, se observarmos o que está acontecendo no mundo. Os comunistas pretendem solucionar os problemas da vida de uma maneira, os hinduístas de outra maneira, os cristãos

ainda de outra maneira; a mente de todos êles, por conseqüência, está condicionada. Vossa mente está condicionada como cristã, quer o admitais, quer não. Podeis libertar-vos superficialmente da tradição cristã, mas as camadas profundas do vosso inconsciente estão cheias dessa tradição, condicionadas por séculos de educação segundo um determinado padrão; e, por certo, a mente que deseja achar algo **mais além** — se tal coisa existe — essa mente tem de libertar-se, em primeiro lugar, de todo condicionamento.

Fica entendido, pois, que nestas palestras não vamos de modo nenhum tratar da questão do aperfeiçoamento pessoal, nem tampouco nos interessa o aperfeiçoamento de nenhum padrão; não pretendemos condicionar a mente segundo um padrão mais nobre, ou um padrão de maior alcance social. Pelo contrário, o que pretendemos é descobrir como libertar a mente, a consciência total, de todo condicionamento, porque, a menos que isso aconteça, nunca haverá o experimentar da realidade. Podeis falar sôbre a realidade, ler inúmeros volumes a seu respeito, ter todos os livros sagrados do Oriente e do Ocidente, mas se vossa mente não estiver cônscia de seus próprios processos, não perceber que ela própria está funcionando dentro de um determinado padrão, e não fôr capaz de libertar-se dêsse condicionamento, é bem de ver que sua busca será sempre vã.

Nessas condições, parece-me da maior importância comecemos por nós mesmos, comecemos por estar cônscios de nosso próprio condicionamento. E como é difícil uma pessoa saber que está condicionada! Superficialmente, nas camadas conscientes da mente, podemos perceber que estamos condicionados; podemos libertar-nos de um padrão e adotar outro, abandonar o Cristianismo e nos tornarmos comunistas, deixar o Catolicismo e aderir a outro grupo igualmente tirânico, e, assim fazendo, pensar que estamos evolvendo para a Realidade. Mas isso, pelo contrário, é mera troca de prisões.

Todavia, é isto o que quase todos queremos: encontrar um lugar seguro, no nosso pensar. Queremos seguir um padrão fixo e não ser perturbados em nossos pensamentos, em nossas ações. Mas só a mente capaz de observar com paciência o seu condicionamento e dêle libertar-se, só essa mente é capaz de uma revolução, uma transformação radical, e descobrir, assim, o que se acha infinitamente além da mente, além de todos os nossos desejos, nossas vaidades e paixões. Sem o autoconhecimento, sem nos conhecermos exatamente como somos — e não como gostaríamos de ser, que é simples ilusão, fuga idealística — sem conhecermos os movimentos do nosso pensar, todos os nossos "motivos", nossos pensamentos, nossas inumeráveis reações, não haverá possibilidade de compreendermos e ultrapassarmos o processo do pensar.

Tivestes o trabalho e o incômodo de vir aqui, nesta tarde quente, para ouvir esta palestra. Mas eu estou a me perguntar se realmente a estais escutando. Que é escutar? Acho importante examinarmos isso um pouquinho, se não vos desagradar. Estais realmente escutando, ou apenas interpretando segundo o vosso próprio entender? Sois capazes de escutar a alguém? Ou dar-se-á que, no processo de escutar, estão surgindo pensamentos e opiniões vários, e por conseguinte os vossos conhecimentos e experiência própria estão intervindo, pondo-se de permeio entre o que se está dizendo e a vossa compreensão?

Acho importante se compreenda a diferença entre "atenção" e "concentração". A concentração implica escolha, não é verdade? Estais procurando concentrar-vos no que estou dizendo e, por conseguinte, a vossa mente está focada, estreitada, e outros pensamentos estão intervindo; assim sendo, não há um verdadeiro escutar, mas, sim, uma batalha que se está travando na mente, um conflito entre o que estais escutando e o vosso desejo de traduzí-lo, de aplicar o que estou dizendo, etc. Mas, por outro lado, a atenção é uma coisa completamente diferente. Na atenção não há enfocamento, não há escolha;

há percebimento completo, sem interpretação. E, se somos capazes de ouvir tão atenta e completamente o que se está dizendo, esta mesma atenção produzirá o milagre da transformação, na própria mente.

Estamos falando a respeito de algo de imensa importância, porque, se não houver uma revolução fundamental em cada um de nós, não percebo como será possível operarmos uma vasta e radical transformação no mundo. E esta transformação radical, decerto, é sumamente relevante. A mera revolução econômica, de caráter comunista ou socialista, é destituída de qualquer importância. Só pode haver revolução de natureza religiosa; e a revolução religiosa não será possível se a mente está apenas ajustada ao padrão de um condicionamento anterior. Enquanto uma pessoa fôr cristã ou hinduísta, não poderá haver revolução fundamental, no sentido verdadeiramente religioso da palavra. E nós temos real necessidade desta revolução. Quando a mente estiver livre de todo condicionamento, ver-se-á surgir a ação criadora da Realidade, de Deus, ou o nome que preferirdes; e só a mente que se acha nesse estado, a mente que está a experimentar constantemente essa criação, só ela poderá criar uma perspectiva nova, valores diferentes, um mundo diferente.

É, pois, importante compreendermos a nós mesmos, pois não? O autoconhecimento é o comêço da sabedoria. O autoconhecimento não se consegue de acôrdo com algum psicólogo, livro ou filósofo; êle consiste em conhecermos a nós mesmos tais como somos, de momento a momento. Compreendeis isso? Conhecer a si mesmo é cada um observar o que pensa, o que sente, não apenas superficialmente, pois devemos estar profundamente cônscios do que **é**, sem condenação, sem julgamento, sem avaliação ou comparação. Experimentai-o, e vereis como é difícil a uma mente que foi exercitada durante séculos para condenar, julgar e avaliar, deter todo êsse processo e ficar simplesmente a observar **o que é**. Entretanto, se não se fizer esta observação, não apenas no nível superficial, mas em todo o

conteúdo da consciência, nunca será possível penetrarmos as profundezas da mente.

Vêde, por favor, se aqui estais realmente com o fim de compreender o que se está dizendo, que é **isto** que deve interessar-nos, e nada mais. Vosso problema não é o de saber a que sociedade pertencer, a que gênero de atividades entregar-vos, que livros ler, e outras superficialidades dessa ordem, mas, sim, de saber como libertar a mente do condicionamento. A mente não é apenas a consciência desperta, ocupada com as atividades diárias, mas é também as camadas profundas do inconsciente, onde se encontra todo o resíduo do passado, da tradição, dos instintos raciais. Tudo isso é a mente, e a menos que essa consciência total seja livre, de ponta a ponta, a nossa busca, nossa investigação, nosso descobrimento, será limitado, estreito, insignificante.

A mente está toda condicionada. Não há uma só parte da mente que não esteja condicionada. Nosso problema, portanto, é êste: Pode a mente, assim condicionada, libertar-se? E **quem** é a entidade que poderá libertá-la? Compreendeis o problema? A mente é a consciência total, com tôdas as suas camadas de conhecimentos, aquisições, tradições, instintos raciais, memórias. Esta mente pode libertar-se? Ou só pode libertar-se ao perceber que está condicionada e que todo movimento que faça para sair de seu condicionamento é outra forma de condicionamento? Espero que estejais compreendendo. Se não, continuaremos a examinar êste ponto nos dias vindouros.

A mente está tôda condicionada, o que é um fato evidente, se refletimos a tal respeito. Isso não é invenção minha, é um fato. Pertencemos a uma dada sociedade, fomos educados de acôrdo com determinada ideologia, certos dogmas, tradições, e a vasta influência da civilização, da sociedade, condiciona-nos incessantemente o espírito. Como pode êsse espírito ser livre, se todo movimento para libertar-se resulta de seu condicionamento e, por conse-

guinte, produzirá, forçosamente, mais condicionamento? Só há uma resposta: A mente só pode ser livre quando está **completamente** tranqüila. Embora tenha problemas e inúmeros impulsos, conflitos, ambições, se — mercê de autoconhecimento, da autovigilância sem aceitação ou condenação — ela estiver cônscia, imparcialmente, do seu próprio processo, então, dêsse percebimento há de resultar um silêncio extraordinário, uma tranqüilidade de espírito em que não se observa movimento de espécie alguma. É só então que a mente é livre, porquanto nada mais deseja, nada mais busca, não visa a nenhum objetivo ou ideal — que são as projeções de tôda mente condicionada. E se logrardes alcançar essa compreensão em que não há automistificação, encontrareis a possibilidade de ver surgir aquela coisa extraordinária que se chama criação. Só então está a mente apta a compreender aquela imensidade que se pode chamar Deus, a Verdade, ou como quiserdes — a palavra tem muito pouca importância. Podeis ser prósperos, socialmente, possuir muitos bens — automóveis, casas, geladeiras — ter paz superficial, mas, sem o surgimento daquilo que é imensurável, encontrareis sempre aflições. A libertação da mente de seu condicionamento é o fim do sofrimento.

Tenho aqui muitas perguntas. Que função tem o fazer-se uma pergunta e receber-se uma resposta? Resolve-se algum problema, fazendo-se uma pergunta? Que é um problema? Tende a bondade de seguir o que estou dizendo, pensando junto comigo. Que é um problema? Só pode nascer um problema quando a mente está ocupada com alguma coisa, não é verdade? Se tenho um problema, que significa isso? Suponhamos que minha mente está ocupada, da manhã à noite, com a inveja, o ciúme, o sexo, o que quer que seja. A ocupação da mente com um objeto é que cria o problema. A inveja pode ser um fato, mas é a ocupação da mente com o fato, que cria o problema, o conflito. Não é exato isso?

Suponhamos que eu sou invejoso ou tenho uma paixão violenta, desta ou daquela natureza. A minha inveja se torna manifesta, e a mente fica então ocupada com o conflito por ela gerado. Como libertar-me dela, como dissolvê-la, que fazer com relação a ela? É a ocupação da mente com a inveja que cria o problema, e não a própria inveja; examinaremos mais adiante êste ponto, quando apreciarmos o verdadeiro significado da inveja. Nosso problema, por conseguinte, não é o fato, mas a ocupação com o fato. E pode a mente libertar-se dessa ocupação? É ela capaz de atender ao fato, sem dêle se ocupar? Examinaremos esta questão relativa à ocupação, no curso destas palestras. É com efeito interessantíssimo observar a própria mente em operação.

Assim, no estudo destas perguntas, vamos tentar libertar a mente da ocupação, e isso significa considerar cada fato sem se ficar ocupado com êle. Isto é, se sou atuado por determinada compulsão, posso dar atenção a essa compulsão, sem dela me ocupar? Por favor, observai o vosso caso peculiar, vossa irritabilidade ou o que quer que seja. Podeis observar essa compulsão sem que vossa mente fique ocupada com ela? A ocupação implica que estais fazendo esfôrço para resolver a compulsão, não é exato? Estais a condená-la, a compará-la com outra coisa, desejando alterá-la, dominá-la. Por outras palavras, tentar fazer alguma coisa com relação à compulsão, é uma ocupação, pois não? Mas, podeis dar atenção ao fato de que estais sob determinada compulsão, uma paixão, um desejo, dar-lhe atenção, sem comparar, sem julgar e, por conseguinte, sem pordes a funcionar o processo da ocupação?

Psicològicamente, é muito interessante observar como a mente é incapaz de dar atenção a um fato, tal seja a inveja, sem pôr em jôgo todo o vasto complexo de opiniões, juízos, avaliações, com que a mente está ocupada; dêsse modo, nunca resolvemos o fato, e só multiplicamos os problemas. Espero que me esteja fazendo claro. E

acho importante compreender o processo da ocupação, porque atrás dêle está em ação um fator muito mais profundo; o mêdo de não se estar ocupado. Se a mente está ocupada com Deus, com a Verdade, ou se está ocupada com o sexo ou com o vício de beber, sua qualidade é essencialmente a mesma. O homem que medita sôbre Deus e se torna eremita poderá socialmente ter mais importância, ser de mais valor para a sociedade do que o beberrão; mas os dois se acham ocupados, e a mente que está ocupada nunca será livre para descobrir o que é a Verdade.

Por favor, não aceiteis nem rejeiteis o que estou dizendo; prestai-lhe atenção, investigai. Se cada um de nós puder realmente dar atenção a essa simples coisa, prestar tôda a atenção ao processo da ocupação da mente a respeito de qualquer problema, sem procurar livrar a mente dessa ocupação, o que não passa de outra maneira de se estar ocupado — se pudermos compreender êsse processo completamente, totalmente, acho que então o próprio problema se tornará sem importância. Quando a mente se vê livre da ocupação com um problema, livre para observá-lo, estar cônscia de tôdas as suas particularidades, o problema pode então ser resolvido com relativa facilidade.

PERGUNTA: *Tôdas as nossas tribulações parecem provir do desejo, mas podemos ficar livres do desejo? O desejo é inerente à nossa natureza ou é produto da mente?*

KRISHNAMURTI: Que é "desejo"? E por que separamos o desejo da mente? E quem é a entidade que diz: "O desejo cria problemas e, por conseguinte, devo ser livre de desejo"? Entendeis? Temos de compreender o que é o desejo, e não, perguntar como livrar-nos do desejo, porque êle nos traz tribulações, ou se o desejo é produto da mente. Em primeiro lugar, precisamos saber o que é o desejo, para podermos examiná-lo com mais profundida-

de. Que é o desejo? Como nasce o desejo? Eu vou explicá-lo, e vós podereis ver, mas não vos limiteis a escutar as minhas palavras. "Experimentai" realmente a coisa sôbre que estamos falando, e, dêsse modo, as palavras terão significação.

Como se origina o desejo? Pode-se dizer com segurança que êle nasce do perceber ou ver, do contacto, da sensação — depois, o desejo. Não é exato isso? Primeiro, vêdes um automóvel, depois vem o contacto, a sensação, e, por fim, o desejo de possuir o carro, conduzi-lo. Tende a bondade de acompanhar lentamente, com paciência, o que estou dizendo. A seguir, ao procurardes adquirir o carro, que é a manifestação do desejo, há conflito. Nessas condições, na própria realização do desejo há conflito, há dor, sofrimento, alegria, e cada um deseja manter o prazer e livrar-se da dor. É isto o que de fato está acontecendo a cada um de nós. A entidade criada pelo desejo, a entidade que está identificada com o prazer, diz: "Preciso livrar-me daquilo que desagrada, que é doloroso". Nunca dizemos: "Quero livrar-me da dor **e do prazer**". Queremos reter o prazer e livrar-nos da dor; mas é o desejo que cria as duas coisas, não é verdade? O desejo, que nasce da percepção-contacto-sensação, está identificado com aquêle "eu" que deseja apegar-se ao que é agradável e afastar de si o que é doloroso. Mas tanto o doloroso como o agradável são igualmente produtos do desejo, que faz parte da mente, não se acha fora da mente; e enquanto existir uma entidade a dizer: "Quero conservar isto e livrar-me daquilo", será inevitável o conflito. Visto que queremos livrar-nos de todos os desejos dolorosos e apegar-nos àqueles que primàriamente proporcionam prazer, vantagem, nunca consideramos no seu todo o problema do desejo. E quando dizemos: "Preciso livrar-me do desejo" — quem é essa entidade que está tentando livrar-se de alguma coisa? Essa entidade não é também filha do desejo? Estais compreendendo?

Como disse no início desta palestra, necessitamos de infinita paciência para compreender estas coisas. Para as perguntas fundamentais não há respostas absolutas, "sim" ou "não". **O importante é o formular a pergunta** fundamental e não o achar-lhe a resposta; e se somos capazes de considerar a pergunta fundamental, sem buscarmos uma resposta, então, esta mesma observação da coisa fundamental cria a compreensão.

Nosso problema, por conseguinte, não é de como libertar-nos dos desejos dolorosos, ao mesmo tempo que nos apegamos aos agradáveis; o problema é de compreender, no seu todo, a natureza do desejo. Isto sugere a pergunta: Que é conflito? E quem é a entidade que está sempre a escolher entre o que é agradável e o que é doloroso? A entidade a que chamamos "eu", "ego", a mente que diz "Isto é prazer, isto é dor, prender-me-ei ao agradável e rejeitarei o doloroso" — essa entidade não é desejo? Mas, se formos capazes de olhar com atenção todo o campo do desejo, sem o propósito de conservar alguma coisa ou livrar-nos de alguma coisa, descobriremos, então, que o desejo tem um significado completamente diferente.

O desejo cria a contradição, e a mente que é vigilante, muito ou pouco, não gosta de viver em contradição, e por isso tenta livrar-se do desejo. Mas, se a mente puder compreender o desejo, sem tentar afastá-lo de si, sem dizer "Êste é um desejo melhor, e aquêle é um desejo pior; vou ficar com êste e desfazer-me daquele" — se puder conhecer todo o campo do desejo, sem rejeitar, nem escolher, nem condenar, ver-se-á, então, que a mente é desejo, não está separada do desejo. Se compreenderdes realmente isto, a mente se tornará muito tranqüila; os desejos surgirão, mas não terão mais "poder de choque", já não terão muita significação, já não fincarão raízes na mente, nem criarão problemas. A mente reagirá, pois do contrário não estará viva, mas sua reação será superficial e não criará raízes. Eis porque é importante compreendamos, no seu todo, o processo do desejo, processo em que

quase todos estamos aprisionados. Presos nesse processo, sentimos a contradição, a dor infinita que êle causa, e, portanto, lutamos contra o desejo, e essa luta cria dualidade. Mas, se, por outro lado, pudermos dar atenção ao desejo, sem julgamento, sem avaliação ou condenação, veremos que, então, êle não cria mais raízes na mente. A mente que faculta terreno propício aos problemas nunca encontrará o que é Real. A questão, por conseguinte, não é de como dissolver o desejo, mas, sim, de compreendê-lo, e só é possível compreendê-lo quando não o condenamos. Só a mente que não está ocupada pelo desejo, pode compreender o desejo.

6 de agôsto de 1955.

— II —

TALVEZ convenha, em primeiro lugar, considerarmos o que se entende por "escutar". Evidentemente, estais aqui para escutar e compreender o que se está dizendo; e acho de importância averiguar **como escutamos**, uma vez que a compreensão depende da nossa maneira de escutar. Quando escutamos, estabelecemos em nós mesmos uma discussão do que se está dizendo, interpretando-o de acôrdo com nossas opiniões pessoais, conhecimentos, idiossincrasias, ou ficamos simplesmente a escutar, com atenção, sem intuito de interpretação? E que significa "prestar atenção"? Parece-me realmente importante diferenciar entre "atenção" e "concentração". Sabemos escutar com uma atenção completamente isenta de interpretação, oposição, ou aceitação, de modo que compreendamos integralmente o que se diz? É bastante óbvio, penso eu, que, se somos capazes de escutar com atenção completa, esta mesma atenção produz um efeito extraordinário.

Por certo, há duas maneiras de escutar. Pode-se seguir superficialmente as palavras, perceber sua significação, alcançando-se meramente o significado exterior da descrição; ou pode-se escutar a descrição, a exposição verbal, e continuá-la interiormente, isto é, podemos estar cônscios do que se está dizendo, como uma coisa que estamos experimentando diretamente em nós mesmos. Se sabemos proceder desta última maneira, isto é, se através da descrição somos capazes de experimentar diretamente a coisa que se está dizendo, terá isso, a meu ver, grande

importância. Espero tenteis experimentar o que estais escutando.

No mundo inteiro há pobreza, em proporções imensas, como na Ásia, e enormes riquezas, como neste país; há crueldade, sofrimento, injustiça, um modo de viver em que não existe nenhum sentimento de amor. Vendo-se isto, que se pode fazer? Qual a maneira correta de nos aplicarmos à solução dêsses inumeráveis problemas? As religiões, em tôda parte, têm sempre encarecido o aperfeiçoamento pessoal, o cultivo da virtude, a aceitação da autoridade, a obediência a certos dogmas, crenças, a necessidade de fazermos um grande esfôrço de ajustamento aos padrões estabelecidos. Não só religiosamente, mas também pollticamente, vemos êsse constante impulso de aperfeiçoamento pessoal: "Devo tornar-me mais nobre, mais delicado, mais atencioso, menos violento." A sociedade, com a ajuda da religião, criou uma civilização baseada no auto-aperfeiçoamento, no sentido mais amplo da palavra. É isto o que cada um de nós está tentando fazer, a tôdas as horas: estamos tentando melhorar a nós mesmos, o que implica esfôrço, disciplina, ajustamento, competição, aceitação da autoridade, senso de segurança, justificação da ambição. E o auto-aperfeiçoamento conduz, com efeito, a certos resultados óbvios: torna a pessoa mais sociável. Tem significação social, e nada mais, visto que o auto-aperfeiçoamento não pode revelar a Realidade fundamental. Acho muito importante compreender-se isto.

As religiões que temos não nos ajudam a compreender aquilo que é real, porquanto, essencialmente, estão elas baseadas, não no abandono do "eu", mas no melhoramento, no aperfeiçoamento do "eu", o que significa: continuidade do "eu", sob diferentes formas. São pouquíssimos os que se libertam da sociedade, não das exterioridades sociais, mas de tôdas as influências de uma sociedade que está baseada na ambição, na inveja, na comparação, na competição. Esta sociedade condiciona a mente de

acôrdo com certo padrão de pensamento, o padrão do auto-aperfeiçoamento, auto-ajustamento, auto-sacrifício, e só os que são capazes de libertar-se de todo condicionamento, só êstes podem descobrir aquilo que não é mensurável pela mente.

Agora, que entendemos por esfôrço? Todos estamos a fazer um esfôrço, nosso padrão social está baseado no esfôrço de adquirir, de compreender mais, de ter mais conhecimentos para, com êsse fundo de conhecimentos, agirmos. Há sempre um esfôrço de automelhoramento, auto-ajustamento, autocorreção, impulso para nos preenchermos, com tôdas as suas frustrações, temores e angústias. De acôrdo com êsse padrão, que todos conhecemos e de que somos parte integrante, é uma coisa perfeitamente justificável ser ambicioso, competir, invejar, perseguir determinado resultado; e nossa sociedade, seja na América ou na Europa, seja na Índia, está essencialmente baseada em tal padrão.

Assim sendo, pode a sociedade, a civilização, em seu sentido mais amplo, ajudar o indivíduo a descobrir a verdade? Ou a sociedade é nociva ao homem, já que o impede de descobrir o que é a verdade? Indubitàvelmente, a sociedade, tal como a conhecemos, esta civilização em que estamos vivendo e funcionando, leva o homem a ajustar-se a um padrão determinado, a ser respeitável, e ela é o produto de muitas vontades. Nós criamos esta sociedade; ela não nasceu espontâneamente. E esta sociedade ajuda o indivíduo a achar o que é a Verdade ou Deus — ou o nome que quiserdes, pois as palavras são sem importância — ou deve o indivíduo pôr de parte, totalmente, a cultura, os valores da sociedade, para descobrir a Verdade? O que não significa — e cumpre notá-lo claramente — que êle deve tornar-se anti-social, fazer o que bem entender. Pelo contrário.

A atual estrutura social baseia-se na inveja, no impulso aquisitivo, em que está implicada a conformidade aos padrões, a aceitação da autoridade, a perpétua realização da

ambição — e tudo isso representa, essencialmente, o "eu", o "ego", a lutar para se tornar alguma coisa. É dêste material que está feita a sociedade, e sua cultura — nos seus aspectos agradáveis e desagradáveis, belos e feios — todo o campo de empreendimentos sociais — sua cultura condiciona a mente. Vós sois o resultado da sociedade. Se tivésseis nascido na Rússia e sido educado pelos seus métodos especiais, negaríeis a Deus, aceitaríeis certos padrões, tal como aqui aceitais outros padrões. Aqui, crêdes em Deus, e acharíeis horrível, se não crêsseis, pois não seríeis pessoas respeitáveis.

A sociedade, pois, em tôda parte, está condicionando o indivíduo, e êsse condicionamento assume a forma de automelhoramento, que na realidade significa perpetuação do "eu", do "ego", sob diferentes formas. Êsse melhoramento pode ser grosseiro, ou então muito requintado, quando se torna prática da virtude, da bondade, do chamado amor ao próximo; mas, essencialmente, êle representa a continuação do "eu", que é produto das influências condicionadoras exercidas pela sociedade. Todos os vossos esforços têm sido aplicados no sentido de vos tornardes alguma coisa, neste mundo, se tiverdes sorte, ou no "outro mundo"; mas o que vos move é sempre a mesma ânsia, o mesmo impulso para manter a continuidade do "eu".

Ao perceber-se tudo isso — e não é necessário que eu entre em todos os respectivos pormenores — é inevitável esta pergunta: a sociedade ou a cultura existe para ajudar o homem a descobrir isso que se pode chamar a Verdade, Deus? O que importa verdadeiramente é que descubramos, que experimentemos diretamente algo que se acha muito além da mente, e não, apenas, que tenhamos uma crença, pois isso não tem importância nenhuma. E as chamadas religiões, o seguir vários instrutores e disciplinas, o pertencer a seitas, cultos, pode qualquer dessas coisas ajudar-vos a encontrar aquela bem-aventurança eterna, aquela realidade eterna? Se não vos limitardes a

ouvir, apenas, o que se está dizendo, concordando ou discordando, mas perguntardes a vós mesmos se a sociedade vos está ajudando — não no sentido superficial de alimentar-vos, vestir-vos e dar-vos morada, mas fundamentalmente — se de fato fizerdes diretamente esta pergunta a vós mesmos, o que significa que estareis aplicando a vós mesmos o que se está dizendo, tornando-o assim uma experiência direta, e não meramente uma repetição de coisas ouvidas ou aprendidas, vereis então que o esfôrço só pode existir na esfera do automelhoramento. E o esfôrço é, bàsicamente, parte integrante da sociedade, a qual condiciona a mente de acôrdo com um padrão em que o esfôrço é considerado um fator essencial.

Por exemplo, se sou cientista, tenho de estudar, tenho de conhecer matemática, de saber tudo o que já se disse anteriormente, tenho de possuir um imenso cabedal de conhecimentos. Minha memória tem de ser exercitada no mais alto grau, tenho de torná-la mais forte, mais ampla. Mas a tal memória, tal saber, na realidade impede descobrimentos mais profundos. Só quando sou capaz de esquecer tudo o que sei, todos os conhecimentos que adquiri — os quais podem ter utilidade noutras ocasiões — só então estou apto a descobrir algo novo. Não me será possível descobrir nada novo com o lastro do passado, com minha carga de conhecimentos — o que, mais uma vez, é um evidente fato psicológico. E estou dizendo isto porque queremos ir ao encontro da realidade, daquele extraordinário estado criador, com tôda a carga que a sociedade nos impôs, todo o condicionamento de uma dada cultura, razão por que nunca descobrimos o novo. Por certo, aquela realidade, que constitui o sublime, o eterno, tem de ser sempre nova, estar fora do tempo, e para que o novo possa manifestar-se, nada se deve empreender no terreno em que o esfôrço só visa ao automelhoramento, ao autopreenchimento. Só quando tal esfôrço cessar de todo, se tornará possível a "outra coisa".

Notai, por favor, que isto é muito importante. Não é uma questão de ficardes contemplando o umbigo e vos deixardes enlevar por uma ilusão qualquer, mas, sim, de compreender-se o processo total do esfôrço, na sociedade, esta sociedade de que somos produto, esta sociedade que nós mesmos construimos, onde o esfôrço é uma coisa essencial, porque, sem êle, estamos perdidos. Se não sois ambicioso, sereis destruído; se não sois ganancioso, sereis pisado; se não sois invejoso, nunca tereis cargos elevados ou grandes êxitos na vida. Por isso, estais constantemente a fazer esforços para serdes ou para não serdes, para vos tornardes algo, terdes êxitos felizes, realizardes as vossas ambições; e com tal mentalidade, que é produto da sociedade, quereis tentar achar algo que não é produto da sociedade.

Ora, se desejamos descobrir o que é a verdade, devemos estar totalmente livres de tôdas as religiões, de todos os condicionamentos, dogmas, crenças, de tôda autoridade que nos força a ajustar-nos a padrões; e isso significa, essencialmente, "estar completamente só" — coisa muito difícil, que não é um simples entretenimento para uma manhã de domingo, para um deleitável passeio de carro e um refrescante descanso debaixo das árvores, ouvindo coisas sem sentido. O descobrimento da Verdade requer uma dose imensa de paciência, de serenidade, de incerteza. O mero estudo dos livros não tem valor algum; mas se, enquanto estais escutando, puderdes manter-vos completamente atentos, vereis que essa atenção vos libertará de todo esfôrço, de modo que, sem nenhum movimento em qualquer direção, a mente será capaz de receber algo extraordinàriamente belo e criador, algo que não pode ser medido pelo saber, pelo passado. Só uma pessoa assim é verdadeiramente religiosa e revolucionária, porque já não faz parte da sociedade. Enquanto o indivíduo fôr ambicioso, invejoso, ganancioso, competidor, êle é a sociedade. Com uma mentalidade dessas, de que é dificílimo nos libertarmos, êsse indivíduo busca Deus,

e essa busca não tem significação alguma, já que não passa de um novo esfôrço que êle faz, para se tornar algo, para ganhar algo. Eis porque é de grande importância compreendermos as nossas relações com a sociedade, estarmos cônscios de tôdas as crenças, dogmas, doutrinas e superstições que adquirimos, e deitarmos fora tudo isso — não por meio de esfôrço, porque nesse caso ver-nos-emos de novo apanhados na mesma rêde, mas percebendo essas coisas no seu exato significado e soltando-as de nós, tal como as fôlhas do outono, que murcham e são levadas pelo vento, deixando a árvore inteiramente nua. Só quando se acha neste estado, completamente nua, a mente pode receber algo portador de uma felicidade imensa para a nossa vida.

Quando eu estiver examinando, junto convosco, algumas destas perguntas, não estarei respondendo a elas, porque o que nos interessa é descobrirmos juntos o significado profundo de cada questão. Se ficardes escutando apenas com o interêsse numa resposta à pergunta, acho que ficareis desapontados, porque neste caso não estareis interessados no problema, mas só na sua solução, como acontece com a maioria de nós. Acho que é muito importante fazerem-se perguntas fundamentais e continuarem a fazer-se tais perguntas, sem se ter nunca o intuito de encontrar uma resposta; porque, quanto mais uma pessoa persistir em fazer perguntas fundamentais, interrogar, investigar, tanto mais penetrante e desperta se tornará a sua mente. Assim sendo, que são perguntas fundamentais? Pode-se dizer o que são elas, ou cabe-vos descobri-lo por vós mesmos? Se puderdes descobrir por vós mesmos quais são as perguntas fundamentais, vossa mente já estará alterada, já se terá tornado mais importante do que é quando faz uma pergunta vulgar, e encontra uma resposta vulgar.

PERGUNTA: *A delinqüência juvenil tem crescido, neste país, em proporções alarmantes. Como pode ser re-*

solvido êste problema, que se vai tornando cada vez mais grave?

KRISHNAMURTI: É óbvio que tem de haver revoltas dentro do padrão da sociedade. Certas revoltas são respeitáveis, outras não o são, mas tôdas elas estão circunscritas na esfera da sociedade, dentro dos limites da "cêrca" social. E, certamente, numa sociedade baseada na inveja, na ambição, na guerra, são de esperar revoltas dentro dela própria. No cinema, vê-se muita violência. Tivemos duas tremendas guerras totais, representando a violência total. Tôda nação que mantém um exército tem de ser destrutiva dos seus próprios cidadãos. Por favor, prestai atenção a isto. Nenhuma nação é pacífica, enquanto tem um exército defensivo ou ofensivo. Todo exército é ao mesmo tempo defensivo e ofensivo, e nunca criará um Estado pacífico. No momento em que uma nação institui e mantém um exército, está destruindo a si própria. Isto é um fato, històricamente comprovado. E, de todos os lados, vemo-nos estimulados à competição, à ambição, ao sucesso. A competição, a ambição e o sucesso são os deuses de uma sociedade excepcionalmente próspera, como esta, e que se pode esperar daí? Desejais que os delinqüentes juvenis se tornem cidadãos respeitáveis, e só isso. Não atacais as raízes do problema, o que significa deter completamente o "processo" da guerra, da manutenção de exércitos, da ambição, do estímulo à competição. Estas coisas, que se acham arraigadas em nossos corações, são as "cêrcas" da sociedade, dentro das quais está sempre havendo revolta, tanto da parte dos jovens como da parte dos velhos. O problema não é só a delinqüência juvenil; êle envolve tôda a nossa estrutura social e não terá solução enquanto vós e eu não nos retirarmos para fora da sociedade — da sociedade, que representa ambição, crueldade, desejo de sucesso, de nos tornarmos pessoas importantes, de galgarmos os postos mais altos. Todo êsse processo é, essencialmente, o egocêntrico es-

fôrço de preenchimento e a diferença é só que nós o tornamos "respeitável". Como incensais o homem bem sucedido na vida! E como enalteceis e condecorais aquêle que mata milhares de homens! E há também as divisões criadas pela crença, pelo dogma — o cristã e o hinduísta, o budista e o muçulmano. São estas as coisas que estão produzindo conflito; e quando procurais resolver o problema da delinqüência juvenil, obrigando os jovens a ficarem em casa, ou disciplinando-os, ou alistando-os no exército, ou recorrendo às várias soluções oferecidas pelos psicólogos e reformadores sociais, estais, por certo, atendendo de maneira muito superficial a uma questão fundamental. Mas nós temos mêdo de atacar as questões fundamentais, porque nos arriscaríamos a tornar-nos impopulares, a ser chamados comunistas, ou sabe Deus o que mais — e os rótulos parecem ter para nós uma importância extraordinária. Seja na Rússia, seja na Índia, seja aqui mesmo, o problema é essencialmente o mesmo, e só quando a mente compreender tôda esta estrutura social, poderemos encontrar um modo completamente diferente de atender ao problema, estabelecendo, assim, talvez, a verdadeira paz, e não a espúria paz dos políticos.

PERGUNTA: *Tenho andado de instrutor em instrutor, a buscar, e agora vim ter convôsco, movido por êsse mesmo espírito de busca. Sois em alguma coisa diferente de todos os outros, e como poderei sabê-lo?*

KRISHNAMURTI: Ora, estais realmente a buscar, e que significa "buscar"? Compreendeis esta pergunta? Estais, evidentemente, a buscar alguma coisa, mas o quê? Essencialmente, buscais um estado de espírito que nunca possa ser perturbado e a que chamais "paz", "Deus", "amor", etc. Não é assim? Nossa vida é cheia de perturbação, de ânsias, de mêdo, de escuridão, de agitações, de confusão, e queremos fugir de tudo isso; mas, quando um homem confuso busca, sua busca se baseia no seu

estado confuso e, por conseguinte, o que êle encontra é mais confusão. Estais-me seguindo?

Em primeiro lugar, pois, devemos indagar porque buscamos, e que é que buscamos. Podeis andar de instrutor em instrutor, e cada instrutor oferecer um diferente método de disciplina ou meditação, alguma prática absurda. Nessas condições, o importante não é o instrutor e aquilo que êle oferece, mas, sim, que saibais o que é que **vós mesmo** estais buscando. Se sabeis com clareza o que estais buscando, encontrareis então um instrutor que vos oferecerá tal coisa. Se buscais a paz, encontrareis um instrutor que vos oferecerá a paz. Mas isso que buscais pode não ser verdadeiro, em absoluto. Compreendeis? Posso desejar uma felicidade perfeita, o que significa um inalterável estado de espírito, em que haverá tranqüilidade completa, sem conflito, sem dores, sem indagação, sem dúvidas; assim sendo, ponho-me a praticar uma certa disciplina oferecida por algum instrutor, e tal disciplina poderá produzir seu resultado próprio, ao qual chamo "paz". Eu obteria o mesmo efeito se tomasse um narcótico, uma pílula; mas tal proceder não é respeitável, e o outro é **(risos)**. Por favor, senhores, isto não é coisa para rir, pois é o que de fato estamos fazendo.

Pois bem, aquilo que buscais, achareis, se estais disposto a pagar o seu preço. Se vos colocais nas mãos de outro, se seguis alguma autoridade, alguma disciplina, se vos controlais, descobrireis o que desejais, o que significa que vosso desejo está ditando a vossa busca; mas o que realmente acontece é que não estais cônscio dos fatôres que vos estão impelindo à busca, e vindes perguntar a mim qual é **minha** posição e como podeis saber se o que estou dizendo é verdadeiro ou falso. Depois de terdes estado com vários instrutores, de terdes sido iludido, de vos terdes queimado, vindes agora experimentar mais êste. Mas eu não vos estou dando instrução nenhuma, absolutamente nenhuma. O que estou dizendo é só que conheçais a vós mesmo, mais e mais profundamente, que

vos vejais exatamente como sois; e isso ninguém vos pode mostrar. Mas não vos podeis ver exatamente como sois, se estais acorrentado por crenças, por dogmas, por superstições, por temores.

Senhores, para a mente incapaz de "estar só", a busca nenhuma significação pode ter. "Estar só" é ser incorruptível, simples, livre de tôda tradição, todo dogma, tôda opinião, do que outro diz, etc. etc. Essa mente **não** busca, porque nada há que buscar; sendo livre, ela é serena, sem desejos, imóvel. Mas, tal estado não pode ser **alcançado**, não é uma coisa que se compra com disciplina; êle não se manifesta pelo fato de abandonardes as atividades sexuais ou de praticardes uma certa ioga. Só se manifesta quando se tem a compreensão dos movimentos do "eu", do "ego", que se revela pela mente consciente, nas atividades de cada dia, bem como no inconsciente. O importante é compreendermos por nós mesmos, e não sob a orientação de outros, todo o conteúdo de nossa consciência, que está condicionada, que é o resultado da sociedade, da religião, de choques vários, impressões, memórias — compreendermos todo êsse condicionamento e nos libertarmos dêle. Mas, não há "como" ser livre. Se perguntais **como** podeis ser livre, não me estais escutando verdadeiramente.

Suponhamos, por exemplo, que eu vos diga que a mente tem de ser totalmente "descondicionada". Ora, como é que escutais uma declaração dessa ordem? Com **que** atenção a escutais? Se, como espero, estais observando a vossa própria mente, percebereis que estais dizendo, interiormente: "Que coisa impossível!", ou "Isto é irrealizável", ou "O condicionamnto só pode ser modificado", etc. Por outras palavras, não estais escutando atentamente aquela declaração, mas lhe estais opondo vossas próprias opiniões, vossas próprias conclusões, vossos próprios conhecimentos; por conseguinte, não há atenção nenhuma.

O fato é que a mente está condicionada, seja como comunista, seja como católica, protestante, hinduísta, etc. e, ou não estamos cônscios dêsse condicionamento, ou o aceitamos, ou, ainda, tentamos alterá-lo, enobrecê-lo, mudá-lo; mas nunca fazemos a pergunta: Pode a mente ficar totalmente livre de condicionamento? Antes de poderdes fazer esta pergunta a vós mesmo, com tôda a atenção, precisais estar cônscio de que a vossa mente está condicionada, como é bem óbvio que está. Compreendeis o que entendo por "condicionamento"? Não me refiro ao condicionamento superficial da linguagem, dos gestos, dos costumes, etc; estou falando do condicionamento num sentido muito mais profundo e fundamental. A mente está condicionada quando é ambiciosa, não só mundanamente, mas também ambiciosa de se tornar espiritual. Todo êsse esfôrço de automelhoramento resulta de condicionamento; e pode a mente ficar totalmente livre de tal condicionamento? Se de fato fizerdes esta pergunta a vós mesmo, com muita atenção, não deixareis de encontrar a resposta correta, e esta resposta não é que isto é possível ou impossível, pois o que ocorre é uma coisa completamente diferente.

Por conseguinte, é importante verificar como escutamos a estas palestras. Se não prestais atenção, asseguro-vos que é pura perda de tempo virdes aqui todos os fins-de-semana. Pode ser agradável vir de carro a Ojai, mas aqui faz calor. Mas, se sois capaz de prestar atenção direta ao que se diz — o que significa que não vos lembreis de nada que lêstes, que não ponhais opinião contra opinião, que não tomeis notas, dizendo "Refletirei sôbre isto posteriormente" — e, sim, que façais a vós mesmo a pergunta em apreço, imediatamente, enquanto estais escutando — então, essa própria existência de atenção fará vir a resposta correta.

PERGUNTA: *É hoje um fato definitivamente estabelecido que muitas de nossas doenças são de natureza psico-*

somática, causadas por profundas frustrações e conflitos interiores de que muitas vêzes não estamos cônscios. Devemos agora correr para os psiquiatras, como antes corríamos para os médicos, ou há um caminho pelo qual o homem pode libertar-se de sua agitação interior?

KRISHNAMURTI: Isto suscita a pergunta: Qual a posição dos psicanalistas? E qual a posição daqueles de nós, portadores dêste ou daquele incômodo ou doença? A doença é produzida por nossas perturbações emocionais, ou é sem significação emocional? Quase todos nós sofremos perturbações. Quase todos estamos confusos, agitados, mesmo os mais prósperos de nós, que possuem geladeiras, automóveis, etc.; e, como não sabemos de que maneira atender às perturbações, elas reagem inevitàvelmente no nosso físico, produzindo doença, como é bastante óbvio. E a questão fica sendo: Devemos correr para os psiquiatras, para nos ajudarem a livrar-nos de nossos distúrbios e recuperar a saúde, ou é possível descobrirmos por nós mesmos como não nos deixarmos perturbar, não nos deixarmos agitar por ansiedades e temores?

Por que estamos perturbados, se o estamos? Que é uma perturbação? Desejo uma coisa, mas, como não posso obtê-la, fico num certo estado. Desejo preencher-me através de meus filhos, minha espôsa, minha propriedade, minha posição, êxitos felizes, etc., mas me vejo contrariado, e isso gera um estado de perturbação. Sou ambicioso, mas outro me empurra para o lado e toma-me a frente; eis-me de novo num cáos, numa agitação, que produz sua reação física própria.

Ora bem, podemos, vós e eu, libertar-nos de tôda esta agitação e confusão? Que é confusão? Compreendeis? Que é confusão? A confusão existe sòmente quado há o fato e mais aquilo que eu penso a respeito do fato: minha opinião relativa ao fato, minha desatenção ao fato, minha

fuga ao fato, minha avaliação do fato, etc. Se eu puder considerar o fato sem adicionar-lhe alguma qualidade, não haverá confusão. Se reconheço o fato de que um certo caminho leva a Ventura (1), não haverá confusão. Só pode surgir confusão se me ponho a pensar ou a teimar que o caminho leva a outro lugar; e é êste o verdadeiro estado em que em geral nos achamos. Nossas opiniões, nossas crenças, nossos desejos, nossas ambições, são tão fortes, e tão grande o seu pêso, que somos incapazes de olhar o fato.

Nessas condições, o fato, **mais** a opinião, o julgamento, a avaliação, a ambição, etc., geram confusão. E podemos, vós e eu, que estamos confusos abster-nos de agir? Por certo, tôda ação nascida da confusão há de levar, necessàriamente, a mais confusão, mais agitação, e tudo isso reage no corpo, no sistema nervoso, produzindo doença. Eu estou confuso, e o admitir para mim mesmo que estou confuso não requer coragem, mas só uma certa clareza de pensamento, clareza de percepção. Em geral, nós temos mêdo de reconhecer que estamos confusos, e, assim, do meio de nossa confusão, escolhemos os líderes, os guias, os instrutores, os políticos; e quando de dentro da confusão escolhemos alguma coisa, essa própria escolha há de ser confusa e o guia, por conseguinte, tem de ser confuso.

É possível, pois, ficarmos cônscios de nossa confusão, conhecer a causa da confusão, e abster-nos de agir? Quando a mente que está confusa, age, só pode produzir mais confusão; mas a mente que está cônscia de achar-se confusa e compreende todo êsse "processo" de confusão, não tem necessidade de agir, porque essa própria claridade é ação. Isto deve ser um tanto difícil de compreender, à maioria das pessoas, pois estamos muito acostumados a agir, fazer alguma coisa; mas, se se puder observar a ação, perceber os seus resultados, observar o que se está passando no mundo, pollticamente e a todos os

(1) — Cidade próxima a Ojai. (N. T.).

respeitos, tornar-se-á bastante evidente que a chamada ação reformadora só está produzindo mais confusão, mais cáos, e mais reformas.

Podemos, então, individualmente, ficar cônscios de nossa confusão, nossa própria agitação, e "viver com ela", compreendê-la, sem procurarmos livrar-nos dela, afastá-la, fugir dela? Enquanto ficarmos a dar-lhe pontapés, condená-la, fugi-la, essa própria condenação, essa própria fuga constitui o "processo" de confusão. E, a meu ver nenhum analista pode resolver êste problema. Poderá ajudar-vos temporàriamente a acomodar-vos a certo padrão social, a que êle chama "existência normal", mas o problema é muito mais profundo e ninguém, senão vós mesmo, pode resolvê-lo. Vós e eu fizemos esta sociedade; ela é o resultado de nossas ações, nossos pensamentos, do nosso próprio existir, e enquanto ficarmos meramente a procurar reformar o produto, sem compreensão da entidade que o produziu, teremos mais doenças, mais cáos, e mais delinqüência. A compreensão do "eu" produz a sabedoria e a ação correta.

7 de agôsto de 1955.

— III —

UMA das coisas mais difíceis parece-me ser a comunicação. Venho dizer-vos certas coisas e desejo, naturalmente, que as compreendais. Mas cada um interpreta as palavras que ouve conforme seu próprio cabedal de conhecimentos, experiência, etc., e, assim sendo, diante de um auditório tão grande como êste, é dificílimo transmitir exatamente aquilo que desejamos comunicar.

Nesta tarde, desejo discorrer sôbre uma coisa que considero deveras importante: o problema referente ao cultivo da virtude. Decerto, sem virtude, a mente é caótica, contraditória; e se não temos a mente tranqüila, em boa ordem e livre de conflitos, é óbvio que não podemos ir muito longe. Mas a virtude não é um fim em si. O cultivo da virtude leva-nos numa direção, e o ser virtuoso, noutra direção. Em geral temos muito interêsse no cultivo da virtude, porque, ainda que superficialmente, apenas, a virtude confere à mente certo equilíbrio, certa tranqüilidade, livre do incessante conflito dos desejos contraditórios. Mas, afigura-se-me bastante evidente que o mero cultivo da virtude não pode, em tempo algum, trazer a liberdade, e, sim, só levar-nos a uma tranqüilidade respeitável — o espírito de ordem, de contrôle, que resulta quando moldamos a mente para acomodá-la a determinado padrão social, denominado "virtude".

Nosso problema, pois, é o de nos tornarmos bons, sem fazermos esfôrço para ser bons. Vejo uma vasta diferença entre estas duas coisas. O "ser bom" é um estado em que não existe esfôrço algum; mas nós não nos achamos em tal estado. Somos invejosos, ambiciosos, maledicentes,

cruéis, limitados, vulgares, prisioneiros de rotinas estúpidas, e nada disso é bom; e, se somos assim, como poderemos alcançar um estado mental "bom", sem fazermos nenhum esfôrço para sermos bons? Ora, por certo, o homem que se esforça para ser virtuoso, não é virtuoso, é? Quem se esforça para ser humilde não tem, evidentemente, a mínima compreensão do que é a humildade. E, se não somos humildes, há possibilidade de termos o senso da humildade, sem o cultivo da humildade?

Não sei se já pensastes neste problema. É bem evidente a necessidade de virtude. Ela é como conservar a sala bem arrumada; mas, ter a sala bem arrumada não é, em si, da máxima importância. O fazer da virtude um fim em si traz ao indivíduo certos benefícios sociais, fá-lo ser considerado — aqui, na Índia, ou na Rússia — um "cidadão decente", porque vive de acôrdo com um certo padrão. Mas, não é muito importante reconhecermos que a mente deve estar em boa ordem, sem se exercer compulsão ou disciplina — e em seguida nos esquecermos disso, para que a mente não esteja a tôdas as horas a dominar-se e disciplinar-se, cultivando o conformismo?

Afinal, que é que estamos buscando? Que é que busca, cada um de nós, não teòricamente, abstratamente, mas na realidade? E há alguma diferença entre a busca do homem que aspira à satisfação por meio do saber, de Deus, e a daquele que deseja ser rico, realizar suas ambições, ou daquele que vai buscar satisfação na bebida? Socialmente, há diferença. O homem que vai buscar satisfação na bebida é, sem dúvida, um ser anti-social, ao passo que o que busca a satisfação ingressando numa ordem religiosa, tornando-se eremita, etc., é socialmente útil; mas a diferença é só esta.

Mas, a coisa que buscamos — por mais interessada que seja a nossa busca, traz-nos a tranqüilidade? E nós, de fato, estamos muito interessados, pois não? O eremita, o monge, o homem que busca o prazer, de diferentes maneiras, cada um dêles está muito interessado. Mas êsse

interêsse é realmente sério? Existe sério interêsse, quando empreendemos uma busca com o fim de **adquirir** alguma coisa? Entendeis minha pergunta? Ou só pode haver um interêsse sério quando não se está visando a um fim?

Afinal, vós, aqui presentes, deveis sentir um certo interêsse, pois do contrário não vos teríeis dado ao trabalho de vir. Ora, eu pergunto a mim mesmo e espero estejais também perguntando a vós mesmos, o que significa "interêsse sério"; porque eu acho que daí depende o que vou explicar mais adiante. Se aqui estais a buscar a satisfação ou um meio de compreender uma certa experiência passada, ou de cultivar um certo estado mental que pensais vos dará tranqüilidade, paz, ou de experimentar algo que chamais "Realidade", "Deus", podeis estar com muito interêsse; mas, não devemos duvidar dêsse interêsse? É **sério** o nosso interêsse ao buscarmos uma coisa porque achamos que ela nos dará prazer ou tranqüilidade?

Se pudermos compreender o processo da busca, compreender porque buscamos e o que buscamos — e essa compreensão só é possível pelo autoconhecimento, pela percepção do movimento do nosso próprio pensar, nossas reações e nossos diferentes impulsos — talvez possamos, então, descobrir o que é "ser virtuoso" sem nos disciplinarmos para sermos virtuosos. Pois bem, tenho a impressão que, ainda que consigamos reprimir o conflito existente em nós, ainda que procuremos fugir dêle, disciplinar e controlar a mente, moldá-la de acôrdo com diferentes padrões, o conflito permanecerá latente, e nossa mente nunca estará verdadeiramente tranqüila. E ter uma mente tranqüila, acho eu, é coisa essencial, porque nossa mente é o único instrumento de compreensão, de percepção, de comunicação, e enquanto não tivermos êsse instrumento perfeitamente claro e capaz de percepção, capaz de se aplicar à busca sem ter um fim em vista, não poderá haver liberdade, tranqüilidade, nem, por conseguinte, o descobrimento de coisas novas.

Assim, há possibilidade de vivermos neste mundo, — tão cheio de agitações, de ansiedades, de insegurança — sem esfôrço? Êsse é um dos nossos problemas, não achais? Para mim, esta é uma questão muito importante, porque só é possível a ação criadora, quando a mente se acha num estado em que não existe esfôrço algum. Não estou empregando a palavra "criadora" no sentido acadêmico de aprender "literatura criadora", "atividade criadora", "pensamento criador", etc.; estou-a empregando num sentido muito diferente. Quando a mente se acha num estado em que o passado, com seu cultivo da virtude através de disciplina, desapareceu completamente, só então pode existir uma ação criadora atemporal, que se pode chamar Deus, a Verdade, ou como quiserdes. Como pode, pois, a mente chegar a êsse estado de constante ação criadora?

Que acontece quando tendes um problema? Pensais nêle, de princípio a fim, ficais engolfado nêle, vos tornais nervoso e agitado por causa dêle; e quanto mais o analisais, aprofundais, desbastais, quanto mais preocupado ficais a seu respeito, tanto menos o compreendeis. Mas, no momento em que deixais de dar-lhe atenção, nesse momento o compreendeis, tudo se torna, de súbito, perfeitamente claro. Tal experiência já deve ter ocorrido à maioria de vós. A mente já não se acha num estado de confusão, conflito, estando, por conseguinte, capacitada para receber ou perceber uma coisa totalmente nova. E é possível a mente permanecer nesse estado, de modo que não fique mais repetindo as mesmas coisas e se torne capaz de experimentar "o novo", momento por momento? Depende isso, a meu ver, de compreendermos o problema do cultivo da virtude.

Cultivamos a virtude, disciplinamo-nos, com o fim de ajustar-nos a determinado padrão de moralidade. Por que? Não só porque desejamos tornar-nos socialmente respeitáveis, mas também porque percebemos a necessidade de pôr em ordem, controlar a nossa mente, o nosso falar, o nosso pensar. Reconhecemos quanto isso é importante,

mas, no processo de cultivar a virtude, estamos construindo a estrutura da memória, essa memória, que é o "eu", o "ego". Tal é a base da nossa ação, principalmente dos que pensam ser religiosos, porque praticam constantemente uma certa disciplina, pertencem a certas seitas, certos grupos, chamados coletividades religiosas. Sua recompensa poderá estar noutra parte, "no outro mundo", mas é sempre **recompensa** o que querem; no cultivo da virtude, que significa polir, disciplinar, controlar a mente, estão êles desenvolvendo e mantendo uma memória do "eu" e, por conseguinte, nunca há um momento em que estão livres do passado.

Se realmente já disciplinastes a vós mesmos, exercitando-vos para não serdes invejosos, irritadiços, etc., não sei se tendes notado como êsse próprio exercitar, êsse próprio disciplinar da mente cria uma série de lembranças, que são **conhecimentos.** É assaz difícil êste problema, e espero me esteja fazendo claro. Êsse processo que consiste em dizermos: "Não devo fazer isto" — cria ou constrói o tempo; e a mente que está aprisionada no tempo não pode, é claro, nunca, experimentar algo fora do tempo, "o desconhecido". Entretanto, devemos ter nossa mente "bem arrumada", livre de desejos contraditórios — e isso não significa ajustamento, aceitação, obediência.

Nessas condições, se sentis um interêsse muito sério, no sentido em que estou empregando a palavra, êste problema tem de surgir, inevitàvelmente. Vossa mente é resultado do "conhecido". Vossa mente **é** o conhecido, sendo moldada pelas memórias, pelas reações, pelas impressões do "conhecido"; e a mente mantida no terreno do conhecido jamais compreenderá ou experimentará o desconhecido, aquilo que não se acha na esfera do tempo. A mente só é criadora quando está livre do conhecido; e, então, ela pode servir-se do conhecido, isto é, da técnica. Estou-me fazendo claro?

Como sabeis, nosso tédio é tão grande, que estamos constantemente a ler, a adquirir, a aprender, a freqüentar

igrejas e executar rituais, sem nunca conhecermos um momento inédito, original, não corrompido, completamente livre de tôdas as impressões; e êsse momento é que é criador, atemporal, eterno, ou qualquer outra palavra que preferirdes. Sem essa ação criadora, a nossa vida se torna insípida e estúpida, e tôdas as nossas virtudes, nosso saber, nossas ocupações, nossos entretenimentos, nossas várias crenças e tradições, tudo muito pouco significa. Como disse há dias, a sociedade apenas cultiva "o conhecido", e nós somos o resultado dessa sociedade. Para encontrarmos o desconhecido, é essencial nos libertarmos da sociedade — o que não significa retirar-nos para um mosteiro e ficarmos rezando da manhã à noite, disciplinando-nos incansàvelmente, ajustando-nos a certo dogma ou crença. Isto, por certo, não pode emancipar a mente do conhecido.

A mente é resultado do conhecido, resultado do passado, que é acumulação no tempo; e tem essa mente alguma possibilidade de ficar livre do conhecido, sem fazer esfôrço algum, para que possa descobrir algo original? Qualquer esfôrço que ela faça, para libertar-se, qualquer busca que empreenda, estará sempre na esfera do conhecido. Ora, por certo, Deus ou a Verdade deve ser algo que nunca foi pensado, algo inteiramente novo, nunca formulado, descoberto ou experimentado antes. E como pode a mente resultante do conhecido, experimentar, em algum tempo, essa coisa? Percebeis o problema? Se o problema está claro, achareis então a maneira correta de o atenderdes, a qual não é um método.

Aí está a razão por que importa descobrir se uma pessoa pode ser boa, no sentido completo desta palavra, sem se esforçar para ser boa, sem lutar para libertar-se da inveja, da ambição, da crueldade, sem se disciplinar para deixar de ser maledicente, enfim, abstendo-se de todos os rigores a que nos submetemos quando desejamos ser bons. Pode haver bondade, sem se fazer esfôrço para "ser bom"? Acho que só haverá, se cada um de nós souber

escutar, estar atento. Só há bondade quando há atenção completa. Percebei esta verdade de que não pode haver bondade mediante luta, esfôrço. Percebei simplesmente esta verdade — mas só podereis percebê-la se estais dando atenção **completa** ao que se está dizendo. Esquecei todos os livros que lêstes, tudo o que vos têm ensinado, e prestai tôda a atenção à asserção de que não pode haver virtude, enquanto há esfôrço para se ser virtuoso. Enquanto luto para não ser violento, tem de haver violência; enquanto luto para não ser invejoso, tem de haver inveja; enquanto luto para ser humilde, tem de haver orgulho. Se percebo esta verdade, não intelectualmente, ou verbalmente, — o que significa apenas ouvir as palavras e concordar com elas, — se a percebo com tôda a simplicidade, diretamente, então, daí virá a bondade. Mas a dificuldade é que a mente diz: "Como conservar êsse estado? Posso ser bom, enquanto aqui estou, ouvindo algo que sinto ser verdadeiro, mas, depois de sair daqui, ver-me-ei de novo colhido pela corrente da inveja". Acho que isso não tem importância; vós o descobrireis.

Nossa cultura, nossa sociedade está baseada na inveja, na vontade de adquirir conhecimentos, experiência, bens materiais, etc. E para nos libertarmos disso não se requer nenhuma luta ou esfôrço, mas só que vejamos o que significa o esfôrço. O homem que está adquirindo conhecimentos, não está em paz, pois está empenhado num esfôrço. Só quando completamente livre de esfôrço, pode a mente achar-se em paz, que é, na verdade, um estado extraordinário, mas que pode ser alcançado por qualquer um que a isso se aplique de coração e com tôda a atenção. A mente que não está lutando, tentando "vir a ser" alguma coisa, social ou espiritualmente, a mente que está reduzida a "nada" — só ela pode receber "o novo".

PERGUNTA: *Afirmam alguns filósofos que a vida tem finalidade e significação; outros, porém, sustentam*

que a vida é puramente acidental e absurda. Que dizeis vós? Negais o valor dos alvos, dos ideais e intenções; mas, sem isso, tem a vida alguma significação?

KRISHNAMURTI: Devemos atribuir tanta importância ao que dizem os filósofos? Certos intelectuais dizem que a vida tem finalidade, significação, enquanto outros dizem que ela é acidental e absurda. Ora, cada um a seu modo, negativa ou positivamente, tanto uns como outros estão conferindo significação à vida, não achais? Um afirma, outro nega, mas essencialmente os dois são iguais. Isso é perfeitamente claro.

Pois bem. Quando perseguis um ideal, um objetivo, ou indagais qual é a finalidade da vida, tal indagação ou busca está baseada no desejo de dar significação à vida, não está? Não sei se estais seguindo isto.

Minha vida é insignificante — suponhamos — e trato pois de dar-lhe significação. Pergunto: "Qual é a finalidade da vida?" — porque, se a vida tem alguma finalidade, poderei então viver em harmonia com essa finalidade. E, assim, invento ou imagino uma finalidade, ou, pela leitura, pela investigação, pela busca, encontro uma finalidade; estou, por conseguinte, dando significação à vida. Como o intelectual, à sua maneira, dá significação à vida, negando ou afirmando que ela tem finalidade e um significado, nós também atribuímos significação à vida por meio de nossos ideais, da busca de um alvo, de Deus, de Amor, da Verdade. E isso, com efeito, significa que, se não damos significação à vida, nossa existência não terá para nós importância alguma. O viver não nos parece tão bom como desejaríamos que fôsse, e por isso desejamos dar significação à vida. Não sei se estais percebendo isto.

Qual é a significação de nossa vida, da vossa e da minha, independentemente dos filósofos? Ela tem alguma significação, ou lhe estamos dando significação pela

crença, tal como faz o intelectual que se torna católico, **isto** ou **aquilo**, encontrando assim um abrigo? Como seu intelecto reduziu tudo a cacos, êle se vê agora sòzinho, desamparado, etc., e não podendo suportar tal estado, necessita de uma crença, no catolicismo, no comunismo, em qualquer coisa que lhe dê alento e dê significação à sua vida.

Agora, pergunto a mim mesmo: Por que razão queremos uma finalidade? E que significa viver sem finalidade alguma? Compreendeis? Sendo a nossa vida vazia, atribulada, triste, precisamos dar-lhe uma significação. E há possibilidade de ficarmos cônscios de nosso vazio, nossa solidão, nossos sofrimentos, tôdas as tribulações e conflito de nossa existência, sem darmos, artificialmente, um significado à vida? Podemos estar cônscios dessa coisa extraordinária que chamamos a vida — que significa ganhar o próprio sustento, que significa inveja, ambições e desenganos — estar cônscios, simplesmente, de tudo isso, sem condenação ou justificação, e **passar além**? A mim me parece que, enquanto estivermos procurando ou dando uma significação à vida, estaremos perdendo algo de extraordinàriamente **vital**. O mesmo acontece com o homem que quer achar a significação da morte e está constantemente empenhado em racionalizá-la, explicá-la, e impedido, assim, de "experimentar" o que é a morte. Apreciaremos êste ponto noutra palestra.

Não nos estamos esforçando, todos nós, para acharmos uma razão para nossa existência? Quando amamos, temos uma razão para isso? Ou é o amor o único estado em que "não há razão de espécie alguma, nem explicação, nem esfôrço, nem luta para ser alguma coisa?" Talvez desconheçamos êsse estado. E, desconhecendo-o, tentamos imaginá-lo, dar uma significação à vida; mas, como nossa mente está condicionada, e portanto é limitada, superficial, a significação que damos à vida, os nossos deuses, os nossos ritos, os nossos esforços, tudo é também medíocre.

Não importa, pois, descubramos por nós mesmos qual a significação que damos à vida, se o fazemos? Não há dúvida de que os intentos, os alvos, os Mestres, os deuses, as crenças, os fins em que buscamos nosso preenchimento, são todos inventados pela mente, todos produtos de nosso próprio condicionamento; e, compreendendo-se isto, não é importante "descondicionar" a mente? Quando a mente não está mais condicionada e, por conseguinte, não está dando significação à vida, a vida se torna então uma coisa extraordinária, uma coisa totalmente diferente da estrutura construída pela mente. Mas, primeiro que tudo, precisamos conhecer o nosso condicionamento, não é verdade? E podemos conhecer nosso condicionamento, nossas limitações, nosso **fundo**, sem procurar forçá-lo ou analisá-lo, sublimá-lo ou reprimi-lo? Pois tal processo implica a entidade que observa e se separa da coisa observada, não é exato? Enquanto houver observador e coisa observada, o condicionamento tem que continuar. Por mais que o observador, o pensador, o censor lute para livrar-se de seu condicionamento, continuará prêso nêsse condicionamento, uma vez que a divisão entre "pensador" e "pensamento", "experimentador" e "experiência", é o próprio fator que perpetua o condicionamento; e é extremamente difícil fazer desaparecer tal divisão, uma vez que aí está presente todo o problema da vontade.

Nossa civilização se baseia na vontade, a vontade de ser, de "vir a ser", alcançar, realizar; por esta razão, está sempre presente em nós a entidade que quer modificar, controlar, alterar aquilo que observa. Mas há diferença entre aquilo que essa entidade observa, e ela própria, ou ambos são uma só entidade? Aqui está uma coisa que não é para se aceitar irrefletidamente. Ela tem de ser pensada, examinada com muita paciência, delicadeza, cautela, de maneira que a mente não fique mais separada da coisa em que pensa, e o observador e a coisa observada sejam psicològicamente uma só entidade. Enquanto eu continuar psicològicamente separado daquilo que em mim percebo

como "inveja", lutarei para dominar essa inveja; mas êsse "eu", essa entidade que faz esfôrço para dominar a inveja, é diferente da inveja? Ou são ambos a mesma coisa, e o "eu" só se separou da inveja para dominá-la, porque a inveja é um sentimento doloroso, e por várias outras razões? Mas, justamente esta separação é a causa da inveja.

Talvez não estejais habituados a êsse modo de pensar, e o acheis um pouco abstrato. Mas a mente invejosa nunca pode estar tranqüila, porque está sempre comparando, sempre procurando "vir a ser" algo que ela não é; e se nos decidimos a penetrar êsse problema da inveja, radicalmente, profundamente, toparemos inevitàvelmente com êste problema, ou seja se a entidade que deseja libertar-se da inveja não é a própria inveja Ao perceber-se que é a própria inveja que deseja libertar-se da inveja fica então a mente cônscia dêsse sentimento chamado inveja, sem nenhuma idéia de condená-lo ou libertar-se dêle. E, daí, surge outro problema: Há sentimento, se não há verbalização? Pois a própria palavra "inveja" é condenatória, não é verdade? Estou dizendo algo demasiado muito súbito?

Existe sentimento de inveja, se não dou nome a tal sentimento? Pelo próprio fato de lhe dar nome, não estou nutrindo o sentimento? O sentimento e o dar-lhe nome são quase simultâneos, não é verdade? E é possível separá-los de tal maneira, que só se tenha uma sensação de reação, sem nome algum? Se investigardes isso, realmente, vereis que, quando não se dá nome ao sentimento, a inveja se acaba — não simplesmente a inveja que uma pessoa sente porque outra pessoa é mais bela ou tem um carro melhor, ou por outra estupidez qualquer, mas a essência profunda da inveja, a raiz da inveja. Todos somos invejosos, de diferentes maneiras, não há um só que não seja invejoso. Mas a inveja não é apenas a manifestação superficial; ela é aquêle senso de comparação que penetra tão fundo e ocupa uma tão grande porção da mente.

E para ficarmos radicalmente livres da inveja tem de deixar de existir o "observador" da inveja, que quer libertar-se da inveja. Apreciaremos isso noutra ocasião.

PERGUNTA: *Não ter senso de condenação, justificação ou comparação, significa achar-se num estado de consciência superior. Eu não me acho nesse estado e, assim, como poderei alcançá-lo?*

KRISHNAMURTI: Vêde, senhores, a própria pergunta "como poderei alcançá-lo?" é de natureza invejosa. **(Risos)** Não riais, senhores, prestai atenção, por favor. Vós desejais **ganhar** alguma coisa, e por isso tendes métodos, disciplinas, religiões, igrejas, tôda esta superestrutura edificada sôbre a inveja, a comparação, a justificação, a condenação. Nossa civilização está baseada nesta divisão hierárquica entre os que têm mais e os que têm menos, os que sabem e os que não sabem, os que são ignorantes e os que estão cheios de sapiência, e, por isso, a maneira de encararmos o problema está completamente errada. O interrogante diz: "Não ter senso de condenação, justificação ou comparação, é achar-se num estado superior de consciência". É exato? Ou acontece simplesmente que não estamos cônscios de estar condenando, comparando? Porque afirmamos logo que aquêle estado é um estado superior de consciência e, em seguida, em conseqüência dessa afirmativa, criamos o problema de "como" alcançar tal estado e saber "quem" nos ajudará a alcançá-lo? A coisa não é muito mais simples?

Isto é, não estamos cônscios de nós mesmos, em absoluto, não percebemos que estamos condenando, comparando. Se pudermos observar-nos todos os dias, sem condenarmos nem justificarmos coisa alguma, se pudermos estar simplesmente cônscios de que nunca pensamos sem julgar, comparar, avaliar, então, êsse próprio percebimento será suficiente. Estamos sempre a dizer: "Êste livro não é tão bom como o outro", ou "Êste homem é melhor do que aquêle", etc.; está sempre em vigor êste constante

processo de comparação, e pensamos que pela comparação compreendemos alguma coisa. Mas, compreendemos? Ou só vem a compreensão quando não estamos comparando, mas prestando atenção? Há comparação ao observardes uma coisa com tôda a atenção? Quando estais totalmente atento, não tendes tempo para comparar, tendes? No momento em que comparais, vossa atenção fugiu para outra coisa. Quando dizeis "O pôr do sol, hoje, não está tão bonito como estêve ontem" — não estais realmente olhando o pôr do sol, pois a vossa mente fugiu para a lembrança de ontem. Mas, se puderdes observar o pôr do sol de maneira completa, total, com tôda a vossa atenção, então, decerto não existirá mais comparação.

O problema, pois, não é de como alcançar alguma coisa, mas sim: Porque não somos atentos? Não somos atentos porque, evidentemente, não temos interêsse. Não digais "Mas como posso têr interêsse?". Esta pergunta não cabe aqui, pois não estamos tratando disso agora. Porque deveis têr interêsse? Se não tendes interêsse em escutar o que se está dizendo, porque vos incomodardes? Mas vós **estais** incomodado, porque vossa vida é cheia de inveja, de sofrimentos e por isso desejais uma resposta, um significado. Se desejais um significado, então prestai tôda a atenção. A dificuldade está em que não temos interêsse sério em coisa alguma — "sério", no correto sentido da palavra. Quando dais atenção completa a uma coisa, não estais procurando obter nada dessa coisa, estais? Nesse momento de atenção total, não existe inveja, não existe nenhuma entidade que esteja procurando mudar, modificar-se, tornar-se algo, não existe "eu". No momento da atenção, o "eu" está ausente, e é êste momento de atenção que é **bom**, que é amor.

13 de agôsto de 1955.

— IV —

UMA das coisas mais difíceis de compreender parece-me ser o problema da transformação. Como vemos, existe progresso, de diferentes maneiras, a chamada "evolução"; mas há transformação fundamental no progresso? Não sei se êsse problema já se vos terá apresentado ou se já alguma vez pensastes nêle, mas talvez convenha o apreciarmos nesta manhã.

Vemos que há progresso, no sentido "visível" da palavra: novas invenções, automóveis e aviões melhores, geladeiras melhores, a paz superficial de uma sociedade adiantada, etc. Mas êsse progresso está produzindo alguma transformação radical no homem, em vós, em mim? Êle altera superficialmente a conduta de nossa vida, mas pode transformar fundamentalmente o nosso pensar? E como operar essa transformação fundamental? Acho ser êste um problema que vale a pena considerar. Há progresso no automelhoramento; amanhã posso ser melhor, mais amável, mais generoso, menos invejoso, menos ambicioso. Mas o automelhoramento produz a modificação completa do nosso pensar? Ou não há transformação nenhuma, mas só progresso? O progresso implica tempo, não? Sou assim hoje e serei um pouco melhor amanhã. Isto é, no melhoramento, na renúncia, na negação de mim mesmo, há uma progressão, um movimento gradual para uma vida melhor, o que significa que o indivíduo se está ajustando superficialmente ao ambiente, a um padrão melhorado, está sendo condicionado de maneira mais nobre, etc. Vemos constantemente êsse processo em vigor. E já

vos deveis ter perguntado, como eu o tenho feito, se o progresso produz revolução fundamental.

Para mim, a coisa mais importante não é o progresso, mas a revolução. Não fiqueis horrorizados com a palavra "revolução" — como fica a maioria das pessoas que fazem parte de uma sociedade adiantada, como esta. Mas quer-me parecer que, se não compreendermos a enorme necessidade de se produzir, não apenas uma melhora social, mas uma radical mudança de nossa perspectiva, o mero progresso será progresso no sofrer; poder-se-á apaziguar, acalmar o sofrimento, mas não se conseguirá a cessação do sofrimento, que estará sempre latente. Afinal de contas, progresso, no sentido de nos tornarmos melhores num certo período de tempo, constitui, realmente, o "processo" do "eu", do "ego". Há evidentemente progresso no automelhoramento, que é o esfôrço decidido para se ser bom, para se ser mais isto ou menos aquilo, etc. Assim como há sempre melhoramentos nas geladeiras e nos aviões, assim também há possibilidade de melhoramento do "eu"; mas êste melhoramento, êste "progresso", não liberta a mente do sofrimento.

Nessas condições, se desejamos compreender o problema do sofrimento e, se possível, fazê-lo cessar, não devemos de modo nenhum pensar em têrmos de progresso; porque o homem que pensa em têrmos de progresso, de tempo, e diz que será feliz amanhã, está vivendo no sofrimento. E para compreendermos êste problema, temos de entrar fundo na questão da consciência, não achais? Êste assunto é difícil demais? Vou continuar, e veremos.

Se desejo realmente compreender o sofrimento e ver o fim do sofrimento, tenho de verificar, não só quais são as coisas implicadas no progresso, mas também que entidade é essa que deseja melhorar a si mesma; e devo conhecer, também, o "motivo" que a impele a buscar melhoramento. Tudo isso é a consciência. Existe a consciência superficial das atividades diárias: a ocupação, a família, o constante ajustamento ao ambiente social, de maneira

feliz e fácil, ou de maneira contraditória, neurótica. E há também o nível mais profundo da consciência, que é a vasta herança social do homem, formada através de séculos: a vontade de existir, a vontade de alterar, a vontade de "vir a ser". Se desejo realizar uma revolução fundamental em mim mesmo, sem dúvida preciso compreender êsse processo total da consciência.

Pode-se ver claramente que o progresso não traz consigo nenhuma revolução. Não falo de revolução social ou econômica — que é muito superficial, como, penso eu, todos vós concordareis. A derribada de um sistema social ou econômico e o estabelecimento de um novo, não altera certos valores, como é o caso da revolução russa, e de outras revoluções históricas. Refiro-me à revolução psicológica, a única revolução verdadeira; e o homem religioso deve achar-se nesse estado de revolução, de que falarei mais adiante.

Ao atacar-se êste problema do progresso e da revolução, faz-se necessário um percebimento, uma compreensão do processo total da consciência. Entendeis? Enquanto eu não compreender realmente o que é a consciência, o mero ajustamento de superfície, conquanto possa ter significação sociológica e mesmo estabelecer uma melhor maneira de viver, com mais comida e menos miséria na Ásia, menos guerras, — nunca resolverá o fundamental problema do sofrimento. Sem se compreender, e dissolver, e transcender o impulso causador do sofrimento, o simples ajustamento social é a conservação, em estado latente, da semente do sofrimento. Assim sendo, tenho de compreender o que é a consciência, mas não de acôrdo com alguma filosofia, psicologia ou descrição, e, sim, "experimentando" diretamente o estado real de minha consciência, todo o seu conteúdo.

Ora, talvez possamos, nesta manhã, "experimentar" algo a êsse respeito. Vou descrever o que é a consciência; mas, enquanto eu a estiver descrevendo, não vos limiteis a acompanhar a descrição, porém, antes, observai o

"processo" do vosso próprio pensar, para conhecerdes, então, por vós mesmos, o que é a consciência, sem precisardes ler os relatos contraditórios das descobertas dos diferentes especialistas. Compreendeis? Eu estou descrevendo uma coisa. Se apenas escutais a descrição, ela terá muito pouca significação; mas, se, por meio da descrição, estais "experimentando" a vossa própria consciência, o vosso próprio "processo de pensar", então ela terá uma importância extraordinária, agora mesmo, e não amanhã ou noutro dia qualquer, quando tiverdes tempo de refletir a tal respeito, o que vem a ser uma coisa completamente absurda, já que constitui um mero adiamento.

Se, por meio da descrição, puderdes conhecer o verdadeiro estado de vossa própria consciência, enquanto aqui estais, sentados nos vossos lugares, vereis que a mente é capaz de libertar-se de sua vasta herança de condicionamento, de tôdas as acumulações e decretos da sociedade, e tem a possibilidade de ultrapassar a consciência do "eu". Se experimentardes assim, terá utilidade a descrição.

Estamos procurando descobrir por nós mesmos o que é a consciência e se a mente tem possibilidade de libertar-se do sofrimento — não de modificar o padrão do sofrimento, de decorar a prisão do sofrimento, mas de ficar livre, de todo, da semente, da raiz do sofrimento. Ao investigarmos isso, veremos a diferença que há entre o progresso e a revolução psicológica, que é essencial se desejamos a nossa libertação do sofrimento. Não estamos tentando alterar o conteúdo de nossa consciência, não estamos procurando fazer coisa alguma com relação a êsse conteúdo; estamos, apenas, a observá-lo. Com efeito, por pouco que observemos, por mais ligeira que seja a nossa percepção, podemos conhecer as atividades da consciência superficial. Podemos ver que, na superfície, a nossa mente está ativa, ocupada em ajustar-se, ocupada num emprêgo, a ganhar o sustento, a expressar certas tendências, dotes, talentos, ou adquirindo certos conhecimentos

técnicos; e quase todos nós nos satisfazemos com viver nessa superfície.

Por favor, não acompanheis meramente o que estou dizendo, mas observai a vós mesmos, vossa própria maneira de pensar. Eu estou descrevendo o que se está passando superficialmente, na nossa vida diária — distrações, fugas, eventuais fases de mêdo, ajustamento à espôsa, ao marido, à sociedade etc. — e esta superficialidade basta à maioria de nós.

Ora, podemos mergulhar nas camadas mais profundas e perceber o "motivo" dêsse ajustamento superficial? Assim, com um pouquinho de conhecimento dêsse processo, vereis que êsse ajustamento à opinião, aos valores, essa aceitação da autoridade, etc., é ocasionado pelo impulso de autoperpetuação, autoproteção. Mas, se descerdes mais fundo, achareis lá uma vasta subcorrente de instintos raciais, nacionais e tribais, tôdas as acumulações das lutas, do saber, dos empreendimentos humanos, dos dogmas e tradições do hinduísta, do budista, ou do cristão; todos os resíduos da chamada educação, através de séculos — tôdas as coisas que nos condicionaram a mente de acôrdo com um certo padrão hereditário. E, descendo-se ainda mais fundo, lá estará o desejo primário de existir, de ter bom êxito na vida, de "vir a ser", o qual se expressa, na superfície, em várias formas de atividade social, criando ansiedades e temores de fundas raízes. Dito mui sucintamente, a totalidade dessas coisas é a nossa consciência. Por outras palavras, o nosso pensar se baseia no impulso fundamental para existir, para vir a ser, e, acima dêste, se encontram as muitas camadas de tradição, de cultura, educação, e o condicionamento superficial de uma dada sociedade, forçando-nos, tudo isso, a adaptar-nos a um padrão que nos possibilita sobreviver. Há muitos outros pormenores e subtilezas, mas, em essência, isso é a nossa consciência.

Pois bem. Todo progresso realizado dentro dessa consciência constitui automelhoramento, e automelhoramento é

progresso no sofrimento, e não eliminação do sofrimento. Isto é muito claro, se observardes. E se a mente tem muito interêsse em ficar livre de todo sofrimento, que deve fazer? Não sei se já pensastes neste problema, mas tende a bondade de pensar agora.

Nós sofremos, não é exato? Sofremos não só por doença ou incômodos físicos, mas também por causa da solidão, da pobreza do nosso ser. Sofremos porque não somos amados. Quando amamos alguém e não temos retribuição dêsse amor, sofremos. Em todos os sentidos, pensar é estar cheio de angústias; por conseguinte, parece-nos que será melhor não pensar e aceitamos, assim, uma crença, e ficamos estagnados nessa crença, a que chamamos religião.

Ora, se a mente perceber que o sofrimento não tem fim por via do automelhoramento, do progresso, o que é muito evidente, que deve ela fazer? Pode a mente transcender essa consciência, transcender os vários impulsos e desejos contraditórios? E êsse transcender depende do tempo? Segui isso, não só verbalmente, mas **realmente**. Se é coisa dependente do tempo, voltais então à mesma coisa, isto é, ao progresso. Percebeis isso? Dentro da estrutura da consciência, todo movimento, em qualquer direção, é automelhoramento, e por conseguinte faz continuar o sofrimento. O sofrimento pode ser controlado, disciplinado, subjugado, racionalizado, requintado, mas a sua qualidade potencial continuará a existir; e para nos vermos livres do sofrimento precisamos libertar-nos dessa potencialidade, dessa semente do "eu", do "ego", de todo o processo de "vir a ser". Para passarmos além, é necessária a cessação dêsse processo. Mas, se disserdes: "Como poderei passar além?", nesse caso o "como" se torna método, prática, quer dizer, progresso, que não é uma maneira de passar além, mas só de tornar mais apurada a consciência do nosso sofrer. Espero que estejais compreendendo.

A mente pensa em têrmos de progresso, de melhoramento, de tempo; e é possível que, reconhecendo que o chamado progresso é "progresso no sofrer", essa mente cesse de todo, não no tempo, não amanhã, mas imediatamente? De outra maneira, ver-nos-emos de novo na mesma rotina, na velha roda de suplícios. Se o problema está enunciado de maneira clara e fôr claramente compreendido, vós encontrareis a solução absoluta. Emprego a palavra "absoluta" no seu sentido correto. Não há outra solução.

Isto é, nossa consciência está constantemente lutando para ajustar, modificar, mudar, absorver, rejeitar, avaliar, condenar, justificar; mas todo movimento semelhante, da consciência, está sempre dentro do padrão do sofrimento. Todo movimento que ocorre dentro dessa consciência, como sejam, os sonhos, os esforços da vontade, é movimento do "eu"; e todo movimento do "eu", seja em direção das coisas mais sublimes, seja em direção das coisas mais mundanas, gera sofrimento. Quando a mente percebe isso, que lhe acontece? Compreendeis a pergunta? Quando a mente percebe a verdade a êsse respeito, não apenas verbalmente, mas totalmente, existe então algum problema? Existe problema quando observo uma cascavel e sei que ela é venenosa? Anàlogamente, se sou capaz de prestar tôda a atenção a êsse "processo" do sofrimento, não está então a mente **além** do sofrimento?

Tende a bondade de prestar atenção. Nossa mente está agora ocupada com o sofrimento e o modo de evitar o sofrimento, esforçando-se para dominá-lo, diminuí-lo, modificá-lo, fugir dêle de várias maneiras. Mas, se percebo, não superficialmente apenas, mas através de tôdas as camadas, que essa própria ocupação da mente com o sofrimento é movimento do "eu", criador de sofrimentos; se percebo realmente a verdade a êsse respeito, não ultrapassou então a mente essa coisa que chamamos consciência do "eu"?

Expressando-o diferentemente: Nossa sociedade está baseada na inveja, no desejo de aquisição, não só aqui na América, mas também na Europa e na Ásia, e nós somos o produto dessa sociedade, existente há séculos e milênios. Ora bem, prestai atenção. Reconheço que sou invejoso. Posso apurar êsse sentimento, controlá-lo, discipliná-lo, encontrar-lhe um substituto através de atividades caritativas, reformas sociais, etc.; mas a inveja lá estará sempre, latente, pronta a saltar para fora. Como pode, então, a mente libertar-se totalmente da inveja? Pois a inveja traz inevitàvelmente conflito, a inveja é um estado em que não há ação criadora; e todo homem que deseja descobrir o que é "ação criadora" deve, é óbvio, estar livre da inveja, da comparação, dos impulsos para ser e "vir a ser".

A inveja é um sentimento que identificamos com uma palavra. Identificamos o sentimento dando-lhe um nome, aplicando-lhe o têrmo "inveja". Prosseguirei lentamente e tende a bondade de seguir-me, pois estou fazendo a descrição de nossa consciência. Há um certo estado de sentimento, e a êsse estado dou um nome, chamo-o "inveja". Esta mesma palavra "inveja" é condenatória, tem significados sociais, morais e espirituais, que fazem parte da tradição em que fui educado; assim, pelo próprio emprêgo da palavra, condenei o sentimento, e êsse processo de condenação é automelhoramento. Quando condeno a inveja, estou progredindo na direção oposta, que é a da "não-inveja", mas êsse movimento parte, ainda, do centro que é invejoso.

Pode, pois, a mente pôr fim ao "dar nome"? Quando há sentimento de ciúme, de concupiscência, de ambição de ser alguma coisa, pode a mente, que foi educada no uso da palavra, na condenação, no dar nome, deter completamente o "processo" de dar nome? Experimentai isso, e vereis como é difícil não dar nome a um sentimento. O sentimento e o dar nome são quase simultâneos. Mas,

quando não ocorre a ação de dar nome, há então sentimento? Persiste o sentimento, quando não se lhe dá nome algum? Estais compreendendo, ou isto é abstrato demais? Não concordeis nem discordeis de mim, pois não se trata de minha vida, mas de vossa vida.

Êsse problema de dar nome a um sentimento, aplicar-lhe um têrmo, faz parte do problema da consciência. Tomai, por exemplo, a palavra "amor". Que deleite a mente experimenta, no mesmo instante, com essa palavra! Ela encerra tanta significação, tanta beleza, tanto confôrto, e tantas outras coisas! E a palavra "ódio" tem imediatamente uma significação tôda outra, de coisa que se deve evitar, da qual devemos livrar-nos, fugir, etc. Têm, pois, as palavras, um extraordinário efeito psicológico para a mente, quer estejamos cônscios disso, quer não.

Ora, pode a mente ficar livre de tôda essa "verbalização"? Se pode — e ela deve poder, porque do contrário não irá mais longe — surge então o problema: Existe um "experimentador" separado da "experiência"? Se existe experimentador separado da experiência, então a mente está condicionada, porque o experimentador está sempre a acumular ou rejeitar experiências, a traduzir cada experiência em têrmos de seus próprios gostos e aversões, em têrmos ditados pelo seu próprio fundo, seu condicionamento; se êle tem uma visão, pensa que ela é Jesus, um Mestre, ou sabe Deus o que mais. Assim, enquanto há experimentador, há "progresso no sofrer", que é o processo próprio da consciência do "eu".

Mas, para se passar além, para se transcender tudo isso, requer-se uma atenção extraordinária. Esta atenção total, na qual não há escolha alguma, nem idéia de "vir a ser", mudar, alterar, liberta a mente do "processo" da consciência do "eu"; e então não existe mais "experimentador" que acumula, e só então é que se pode dizer com veracidade que a mente está livre do sofrer. A acumulação é que é a causa do sofrimento. Nós não morremos

para tôdas as coisas, de dia em dia, não morremos para as inumeráveis tradições, para a família, para nossas próprias experiências, nosso próprio desejo de fazer mal a outrem. Precisamos morrer para **tudo** isso, de momento a momento, morrer para esta vasta memória constituída de acumulações, porque só então a mente está livre do " eu", a entidade nascida da acumulação.

Talvez, se examinarmos juntos esta questão, possamos esclarecer tudo o que já foi dito.

PERGUNTA: *Que é o inconsciente, e está êle condicionado? Se está, de que maneira devemos começar, para ficarmos livres dêsse condicionamento?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, a nossa consciência, a consciência que está desperta, não é condicionada? Compreendeis o que significa esta palavra "condicionado"? Sois educados de uma certa maneira. Aqui, neste país, sois condicionados para serdes americanos — o que quer que isso signifique — sois criados na "maneira de vida" americana, e na Rússia é-se educado na "maneira de vida" russa. Na Itália, os católicos educam as crianças para pensarem de certa maneira, o que é outra forma de condicionamento, enquanto na Índia, na Ásia, nos países budistas, elas são condicionadas de outras maneiras ainda.

Por todo o mundo se vê êsse processo deliberado de condicionar a mente pela educação, pelo ambiente social, pelo mêdo, pela ocupação, pela família — enfim por tôdas as maneiras de influenciar a mente superficial, a consciência desperta.

Depois, temos o inconsciente, isto é, aquela camada da mente que está abaixo da superficial, e o interrogante deseja saber se ela também está condicionada. Não está condicionada, condicionada por todos os pensamentos raciais, por "motivos" e desejos ocultos, reações instintivas de uma dada civilização? Suponha-se que eu sou um hindu,

nascido na Índia e educado no estranjeiro, etc. Enquanto eu não penetrar e compreender o meu inconsciente, continuarei a ser hindu, com tôdas as reações simbólicas, culturais, religiosas, supersticiosas, próprias do Bramanismo — tôdas lá estão, adormecidas, podendo ser despertadas a qualquer momento, e dando avisos e sugestões por meio de sonhos ou nos momentos em que a mente consciente não se acha completamente ocupada. O inconsciente, pois, é também condicionado.

É perfeitamente evidente, portanto, se examinardes bem isso, que a totalidade da nossa consciência está condicionada. Não há nenhuma parte de vós, nenhum "eu superior", em estado não condicionado. O vosso próprio pensar é produto da memória, consciente ou inconsciente, e, portanto, resultado de condicionamento. Vós pensais como comunista, socialista, capitalista, americano, hinduísta, católico, protestante ou seja o que fôr, porque estais assim condicionado. Estais condicionado para crerdes em Deus, se acreditais, e o comunista não está e se ri de vós, dizendo: "Estais condicionado!" — mas êle também está condicionado, porque foi educado pela sua sociedade, pelo partido a que pertence, pela sua literatura, para **não** crer. Assim, todos nós estamos condicionados, e nunca perguntamos: "É possível ficarmos totalmente livres de condicionamento?". O que conhecemos é só um processo de aperfeiçoamento no condicionamento, que é "aperfeiçoamento no sofrer".

Pois bem. Se percebo isso, não apenas verbalmente, mas com tôda atenção, então não há mais conflito. Compreendeis o que quero dizer? Quando vos entregais a alguma coisa com todo o vosso ser, isto é, quando entregais completamente vossa mente à compreensão de alguma coisa, não existe conflito. Só aparece conflito quando estais em parte interessado e em parte com a atenção noutra coisa; e quando desejais dominar êsse conflito, começais a concentrar-vos, o que não é atenção. Na atenção não há

divisão, não há distração e, por conseguinte, não há esfôrço nem conflito; e é só com esta atenção que pode vir o autoconhecimento, que não se faz por acumulações. Tende a bondade de prestar atenção. Autoconhecimento não é uma coisa que se acumula; tem de ser descoberto momento por momento, e no descobrir não pode haver acumulação, nem ponto de referência. Se acumulais autoconhecimento, então tôda a compreensão futura será ditada por essa acumulação; por conseguinte, não haverá compreensão.

Assim, a mente só pode transcender todo condicionamento na vigilância, com atenção total. Nesta atenção total não há "modificador", censor, nenhuma entidade que diz: "Devo transformar-me", o que significa que deixa de existir, de todo, o "experimentador". Não há mais "experimentador", "acumulador". Vêde, por favor, que é importante compreender isto. Porque, afinal de contas, quando experimentamos qualquer coisa bela — um pôr de sol, uma simples fôlha dançando ao vento, o luar espelhado nas águas, um sorriso, uma visão, ou o que quiserdes — a mente logo quer apoderar-se dessa experiência, guardá-la, adorá-la, e isso significa que deseja a repetição da experiência; e quando há desejo de repetição, tem de haver sofrimento.

É possível, pois, estar-se num "estado de experimentar" sem haver "experimentador"? Compreendeis? Pode a mente "experimentar" o feio, o belo, ou o que quer que seja, sem haver aquela entidade que diz: "experimentei"? Porque, aquilo que é a Verdade, Deus, o Imensurável, nunca poderá ser "experimentado" enquanto existir um "experimentador". O "experimentador" é a entidade que reconhece; e se sou capaz de reconhecer a Verdade, então já a experimentei antes, já a conheci antes, e nesse caso não é a Verdade. Esta é a beleza da Verdade. Ela permanece eternamente "desconhecida", e a mente, resultado do conhecido, nunca poderá apossar-se dela.

PERGUNTA: *Dizeis que todos os impulsos são essencialmente idênticos. Quereis dizer que o impulso do homem que busca a Deus não difere do impulso do homem que anda atrás de mulheres ou se entrega ao vício de beber?*

KRISHNAMURTI: Nem todos os impulsos são semelhantes entre si, mas todos são impulsos. Podeis ter um impulso para Deus, e eu posso ter um impulso para me embebedar; somos, todos dois, compelidos, vós numa direção e eu noutra direção. Vossa direção é respeitável, a minha não é; pelo contrário, sou um elemento anti-social. Mas o eremita, o monge, o chamado religioso, cuja mente está ocupada com a virtude, com Deus, é essencialmente idêntico ao homem cuja mente está ocupada com os negócios, as mulheres, ou a bebida, porque todos dois estão ocupados. Compreendeis? Um tem valor social, enquanto o outro, o homem cuja mente está ocupada com o beber, é, socialmente, um inadaptado. Portanto, estais julgando do ponto de vista social, não é verdade? O homem que se retira para um mosteiro e reza da manhã à noite, fazendo um pouquinho de jardinagem a uma certa hora do dia, cuja mente está tôda ocupada com Deus, com automortificações, autodisciplinas, autocontrôle, êsse homem vós considerais como uma pessoa santa, um homem extraordinário. Ao passo que o homem que se ocupa com negócios, que especula na bôlsa, e está a tôdas as horas ocupado em ganhar dinheiro, dêsse homem dizeis: "É um homem comum, como nós outros". Mas, todos dois estão ocupados. Para mim, não importa o com que a mente está ocupada. O homem ocupado com Deus nunca achará Deus, porque Deus não é uma coisa com que possamos ocupar-nos. Êle é o desconhecido, o imensurável. Ninguém pode ocupar-se com Deus. É uma maneira muito vulgar de pensar em Deus.

O que deve ter importância para nós não é o com que a mente está ocupada, mas, sim, o fato de existir essa

ocupação, seja com a cozinha, com os filhos, com divertimentos, com a qualidade de comida que ides comer, seja com a virtude, com Deus. E deve a mente estar ocupada? Compreendeis? Pode a mente que está ocupada perceber, em algum tempo, "o novo", perceber qualquer coisa que não seja sua própria ocupação? E que acontece à mente, se não está acupada? Compreendeis? Existe alguma mente se não há ocupação? O cientista está ocupado com seus problemas técnicos, sua mecânica, suas matemáticas, assim como a dona de casa está ocupada com a cozinha ou o seu bebê. Temos um mêdo enorme de não estarmos ocupados, um mêdo enorme das conseqüências sociais. Se não estou ocupado, posso descobrir a mim mesmo, como sou, e minha ocupação, pois, é uma fuga àquilo que sou.

Mas, deve a mente estar sempre ocupada? E é possível manter a mente sem ocupação? Notai que estou fazendo uma pergunta que não é para ser respondida, porque vós tendes de descobrir; e quando descobrirdes, vereis que coisa extraordinária acontece.

É muito interessante quando uma pessoa descobre por si mesma como sua mente está ocupada. O artista está ocupado a respeito de sua arte, seu nome, seu progresso, a combinação das côres, a fama, a notoriedade; o homem de ciência ocupa-se de sua ciência; e aquêle que quer alcançar o autoconhecimento está ocupado com o conhecimento de si mesmo, esforçando-se, como uma formiguinha, para estar cônscio de cada pensamento, cada movimento. Todos êles são idênticos. É só a mente desocupada, completamente vazia, é só essa mente que pode receber algo novo, o que não é ocupação alguma. Mas essa coisa nova não poderá vir à existência, enquanto a mente se achar ocupada.

Pergunta: *Dizeis que uma mente ocupada não pode receber aquilo que é a Verdade ou Deus. Mas, de que jeito posso ganhar a vida, a menos que esteja*

ocupado com meu trabalho? E vós, não estais acupado com estas palestras, que são o vosso particular meio de ganhar a vida?

KRISHNAMURTI: Deus me livre de estar ocupado com minhas palestras! Não estou. E elas não constituem meu meio de vida. Se eu estivesse ocupado, não existiria nenhum intervalo entre pensamentos, aquêle silêncio que é essencial para se ver qualquer coisa nova. Em tal caso, o falar me seria a coisa mais aborrecida do mundo. Não quero aborrecer com minhas palestras, e por esta razão não falo de memória. O que faço é uma coisa completamente diferente. Mas, isso não tem importância, e podemos conversar a seu respeito, noutra ocasião.

O interrogante pergunta como poderá ganhar o seu sustento, se não se ocupar com seu trabalho. Vós vos ocupais com vosso trabalho? Escutai bem isto: Se vos ocupais com vosso trabalho, então não amais o vosso trabalho. Compreendeis a diferença? Se amo o que estou fazendo, **não** estou ocupado com isso, meu trabalho não está separado de mim. Porém, neste país, somos exercitados — e infelizmente êste mesmo hábito se está generalizando no mundo inteiro — para adquirirmos eficiência num trabalho que não amamos. Pode haver uns poucos cientistas, uns poucos técnicos especialistas, uns poucos engenheiros que realmente amam o que fazem, no sentido total da palavra, o que explicarei mais adiante. Mas, em geral, não gostamos do que estamos fazendo, e por esta razão é que andamos ocupados com nosso meio de vida. Acho que se pode perceber uma diferença entre as duas coisas, se se examinar bem isso. Como posso amar o que estou fazendo, se estou sendo impelido, a tôdas as horas, pela ambição, se quero, com meu trabalho, alcançar um fim, tornar-me pessoa importante, ter êxitos felizes? O artista que está interessado no seu nome, sua grandeza, na comparação, na realização de suas ambições, deixou de

ser artista, sendo meramente um técnico como outro qualquer. E isso significa, realmente, que para se amar uma coisa, faz-se necessária a cessação completa de **tôda** ambição, todo desejo de reconhecimento por parte da sociedade, que afinal está podre **(risos)**. Senhores, por favor, não façais isso! Mas, nós não somos preparados para isso, não somos educados para isso; temos de adaptar-nos a uma certa rotina que a sociedade ou a família nos deu. Porque os meus antepassados foram médicos, advogados, ou engenheiros, tenho de ser médico, advogado ou engenheiro. E atualmente há necessidade de mais e mais engenheiros, porque a sociedade o está exigindo. E, assim, perdemos o amor à coisa em si — se alguma vez o tivemos, do que duvido muito. E, quando amais uma coisa, não há nenhuma ocupação com ela. O espírito não está pretendendo alcançar alguma coisa ou procurando ser melhor do que outro; tôda comparação, tôda competição, todo desejo de sucesso, de preenchimento, desapareceu totalmente. É só a mente ambiciosa que anda ocupada.

De modo idêntico, a mente que está ocupada a respeito de Deus, da verdade, nunca **o** descobrirá, porque se a mente está ocupada com uma coisa, já a conhece. Se já conheceis o imensurável, o que conheceis é produto do passado, e, por conseguinte, não é o imensurável. A Realidade não pode ser medida, e por conseguinte não pode haver ocupação com ela; o que deve haver é só uma serenidade da mente, um vazio, em que nenhum movimento existe, e é só então que pode despontar na existência o Desconhecido.

14 de agôsto de 1955

— V —

UM dos problemas graves, sôbre que quase todos já devemos ter refletido, é o referente ao contrôle da mente; porque, pode-se ver que, sem um profundo, racional e equilibrado contrôle da mente, não pode haver a conservação da energia, essencial para se fazer qualquer coisa e, principalmente, quando se trata da chamada busca — busca da Verdade, da Realidade, de Deus, etc. É sabido, penso eu, que esta estabilidade da mente é necessária para se poder penetrar os problemas fundamentais que uma mente superficial é incapaz de atender. E, no entanto, a dificuldade está em como controlar a mente, não achais? Muitos sistemas de disciplina, várias seitas religiosas e comunidades monásticas sempre têm preconizado o contrôle absoluto da mente; e nesta tarde pretendo investigar se é possível tal coisa e como pode ser criada essa absoluta estabilidade mental. Estou empregando a palavra "absoluto" no sentido correto, no significado de contrôle completo, total, da mente. Como disse, é muito importante haver essa estabilidade, porque nesse estado não há conflito, não há dissipação nem distração de espécie alguma; por conseguinte, ela gera uma energia extraordinária, e essa mente, achando-se perfeitamente equilibrada, é capaz de profunda e radical penetração.

Ora, pode uma mente medíocre, por mais que controle, que domine e discipline a si mesma, tornar-se estável? Em geral, a nossa mente é estreita, limitada, cheia de preconceitos, vulgar, e uma mente vulgar está

sempre ocupada com coisas muito superficiais, com um serviço, com disputas, ressentimentos, cultivo de virtudes, tagarelices, sua própria evolução e seus próprios problemas. E pode essa mente, por mais que controle e discipline a si mesma, tornar-se livre para poder ser estável? Porque, sem liberdade, é bem de ver que a mente não pode ser estável.

Isto é, a mente que está a lutar pelo sucesso, por um resultado, a procurar no escuro uma coisa que não pode possuir, é essencialmente estreita, condicionada, limitada e, por causa dêsse próprio esfôrço, inferior; e, por mais que ela tente torna-se estável pelo contrôle de si mesma, pode essa mente gerar aquela energia essencial oriunda de uma estabilidade profunda, fundamental, ou só criará mais uma série de limitações, mais mediocridade? Espero vos esteja mostrando com clareza o problema.

Se minha mente é nacionalista, se está acorrentada por inumeráveis crenças, superstições, temores, prêsa nas rêdes da inveja, de ressentimentos, da crueldade por palavras, por gestos ou pensamentos — essa mente, por mais que se esforce para pensar em algo além de si própria, permanecerá limitada. O problema, pois, é de como quebrar êsse estado de mediocridade da mente, não achais? Esta é uma das questões fundamentais, e se ela está clara, agora, podemos então continuar, para descobrir o que significa ter um contrôle completo da mente.

Para se descobrir o que é a Verdade, o que é Deus — ou o nome que quiserdes dar — necessita-se evidentemente de enorme energia, e, na busca dessa energia, praticamos tôda a sorte de absurdos. Ou nos recolhemos aos mosteiros, ou nos tornamos maníacos de regimes alimentares, ou procuramos controlar nossas paixões e apetites, esperando, dêsse modo, canalizar a energia e achar algo além da mente. Afinal, é isto o que a maioria de nós está tentando fazer, de diferentes maneiras. Estamos procurando controlar nossos pensamentos, nossos desejos, cul-

tivar virtudes, prestar atenção às nossas palavras, nossos atos, etc., com a intenção de nos tornarmos cidadãos bons, respeitáveis, ou com a esperança de canalizar tôda essa extraordinária vitalidade do desejo, a fim de descobrirmos o que existe **além**. Mas, por mais que lutemos, não poderemos descobrir tal coisa, enquanto não compreendermos a mediocridade da nossa mente Quando a mente medíocre busca a Deus, o seu Deus será também medíocre, é claro; sua virtude será mera respeitabilidade. Assim, é possível quebrar essa mediocridade? Está clara a questão? Bem, então continuemos.

Nossa mente é medíocre, invejosa, gananciosa, medrosa, quer o admitamos, quer não. Ora, que é que faz a mente ser medíocre? Sem dúvida, a mente é estreita, limitada, superficial, medíocre, enquanto é gananciosa. Poderá renunciar às coisas mundanas e se tornar gananciosa de sapiência, de sabedoria — mas continuará medíocre, porque no seu esfôrço aquisitivo ela desenvolve a vontade de conseguir, de ganhar, e essa própria vontade de conseguir constitui a sua mediocridade.

Posso dizer agora alguma coisa a respeito da atenção? A atenção é muito importante, mas a atenção é de todo diferente da concentração ou absorção **numa** coisa. Uma criança se absorve num pião; o brinquedo a atrai, e ela lhe dá a sua mente. Isto é o que acontece, não é verdade? O objeto atrai a mente, absorve a mente, ou, então, a mente absorve o objeto. Se estais interessados numa certa coisa, o objeto de vosso interêsse é tão atraente, que vos absorve; ao passo que, se deliberadamente vos concentrais numa coisa, o que é outra forma de absorção, então sois vós que absorveis o objeto, não é exato?

Ora, eu estou falando de coisa completamente diferente. Refiro-me a uma atenção em que não há objeto de espécie alguma, em que não há luta, nem conflito, uma atenção em que nem vos deixais absorver, nem procurais concentrar-vos em coisa alguma. Quando escutais o que

se está falando aqui, estais procurando compreender e vosso escutar tem um objeto; por isso há esfôrço, tensão, e não uma atenção livre de tôda tensão. Isto é um fato, não é? Se desejais escutar uma coisa, não deve haver tensão nenhuma, nenhum esfôrço, nenhum objeto que atraia a vossa atenção e vos absorva, porque, de outro modo, estais apenas sendo hipnotizados pelas palavras que estais ouvindo, por uma personalidade, uma estultícia qualquer. Se observardes atentamente êsse processo de absorção, vereis que nêle há sempre conflito, tensão, esfôrço para se alcançar alguma coisa; ao passo que, na atenção, não há nenhum objeto especial, estais apenas ouvindo, assim como se ouve uma música distante ou as notas de uma canção. Nesse estado estais completamente sem tensão, atento, não há esfôrço algum.

Assim, pois, se posso sugerí-lo, procurai estar atentos, enquanto aqui estais a escutar o que se está dizendo. O que estou dizendo poderá ser difícil e talvez novo, e portanto causar certa perturbação; mas se fordes capazes de escutar com aquela atenção livre de tensão, não ficareis mentalmente agitados, embora possais sentir-vos perturbados num sentido diferente, o que talvez seja bom. O que estou dizendo é uma coisa que muito importa compreender: Estou dizendo que a mente deve ser completamente estável. Mas, essa estabilidade não pode efetivar-se quando a mente se esforça para se tornar estável, porque a mente, a promotora do esfôrço, é, por natureza, limitada, insignificante. Pode a mente possuir conhecimentos enciclopédicos, ser capaz de discussões sutis e possuir vasta acumulação de técnica, mas permanecerá essencialmente limitada enquanto tiver suas bases no senso de aquisição e, por conseguinte, no cultivo da vontade, isto é, enquanto existir nela o "eu", a entidade que adquire, que faz esfôrço, que guarda e acumula. A mente poderá pensar em Deus, disciplinar a si mesma, tentar controlar os seus vários desejos, a fim de se tornar virtuosa, a fim de

possuir mais energia para a busca da Verdade, etc.; mas, essa mente estreita, limitada, nunca poderá ser livre e, portanto, estável.

Nosso problema, por conseguinte, é de como quebrar essa limitação mental. Está clara a questão? Se está clara, que vos cabe então fazer? Vê-se a necessidade de uma mente muito estável, profunda, tranqüila, uma mente perfeitamente controlada — mas não controlada por uma entidade que diz "Preciso controlá-la". Compreendeis? Isto é, percebo a importância de se ter uma mente estável. Pois bem. Como criar essa estabilidade? Se outra parte da mente disser: "Preciso ter uma mente estável", criará conflitos, lutas para controlar e subjugar, não é verdade? Uma parte da mente dita à outra parte, tentando impedi-la de divagar, controlando-a, moldando-a, disciplinando-a, reprimindo várias formas de desejo; e temos, assim, um conflito incessante, não é exato?

Ora, a mente que se acha em conflito, é, na sua própria essência, limitada, porque o seu desejo é adquirir alguma coisa. Desejando adquirir uma mente estável, dizeis: "Tenho de controlar a minha mente, moldá-la, repelir todos os desejos em conflito"; mas, enquanto existir em nosso pensar êsse processo dual, tem de haver conflito, e êsse próprio conflito denota limitação, porque produto do desejo de ganhar alguma coisa. Assim, pode a mente obliterar, esquecer de todo o processo de aquisição, de adquirir uma mente estável, a fim de achar Deus ou o que quer que seja? Isto é, podeis, enquanto estais ouvindo, perceber, imediatamente, a verdade do que se está dizendo? Estou dizendo que é necessária completa e absoluta estabilidade da mente, e que qualquer tentativa para se conquistar tal estado indica que a mente está dividida e está a dizer: "Ótimo! preciso de estabilidade, deve ser uma coisa maravilhosa"; em vista disso, começa a esforçar-se para alcançar êsse estado, recorrendo a disciplinas, contrôles, várias formas de sanção, etc. Mas, se a mente

fôr capaz de escutar a verdade daquela asserção, perceber a verdade daquela asserção, perceber a absoluta necessidade de contrôle completo, vereis então que não há mais esfôrço algum para se alcançar um estado.

Isto é difícil demais? Receio que o seja, porque, em geral, nós pensamos em têrmos de esfôrço, havendo sempre uma entidade que faz esfôrço, visando a um resultado, e por esta razão há conflito. Ouvis a asserção de que a mente deve ser absolutamente estável, controlada, ou lêstes e refletistes sôbre isto, e dizeis "Preciso alcançar êsse estado", e procurais então alcançá-lo por meio de contrôle, de disciplina, meditação, etc. Nesse processo há esfôrço, ajustamento, observância de padrão, criação da autoridade, e as muitas complicações daí resultantes. Ora, todo esfôrço para se alcançar um resultado, todo desejo de adquirir um estado, torna a mente limitada, e essa mente nunca poderá ser livre, para ser estável. Se se perceber bem claramente a verdade a êsse respeito, não existe então uma estabilidade absoluta da mente? Compreendeis?

Por outras palavras: Vê-se bem claro ser necessário energia para qualquer espécie de ação. Mesmo se desejais ser um homem rico, tendes de devotar a vossa vida a êsse fim, nêle concentrar tôda a vossa energia. E para se achar aquilo que está além das atividades, dos movimentos da mente — o que implica extraordinária profundeza de autoconhecimento — a energia concentrada é uma necessidade essencial. Ora, como se pode gerar essa energia concentrada?

Reconhecendo que temos necessidade dela, dizemos: "Tenho de controlar meu temperamento, tomar alimentos adequados, evitar os excessos sexuais, refrear minhas paixões, apetites, desejos" — isto é, estamos sempre a escapar por tangentes. Tudo isso são tangentes, porque, no centro, somos muito pobres. Enquanto a mente está a pensar em têrmos de adquirir alguma coisa, alcançar resultados, é ambiciosa, e a mente ambiciosa tem de ser, por na-

tureza, limitada, superficial. Essa mente, tal como a do homem mundano ambicioso, tem, sem dúvida nenhuma, uma certa carga de energia; mas nós estamos interessados numa coisa que exige energia muito mais profunda, mais ilimitada, e uma total ausência do "ego".

Temos sido condicionados, através de séculos — religiosa, social e moralmente — para controlar, moldar a nossa mente de acôrdo com um certo padrão, ou seguirmos certos ideais, a fim de conservarmos a nossa energia; e pode a mente libertar-se dessas coisas, sem esfôrço algum, e entrar no mesmo instante num estado de tranqüilidade total, completa estabilidade? Tal estado não está sujeito a distração de espécie alguma. Só há distrações, quando queremos seguir numa certa direção. Quando uma pessoa diz: "Tenho de pensar **nisto**, e em nada mais" — então, tudo o mais constitui distração. Mas se estamos atentos, completamente, com aquela atenção que se não fixa em objeto algum — já que não existe mais processo de aquisição, exercício da vontade, visando a um resultado — então a mente se verá num estado de extraordinária estabilidade, tranqüilidade interior; e só a mente tranqüila é livre, para descobrir ou deixar manifestar-se a Realidade.

PERGUNTA: *Como se pode pôr fim aos hábitos?*

KRISHNAMURTI: Se pudermos compreender, no seu todo, o processo do hábito, talvez tenhamos a possibilidada de pôr fim à formação dos hábitos. Pôr fim a um determinado hábito, apenas, é relativamente fácil, mas o problema não fica resolvido. Todos temos vários hábitos, dos quais estamos ou não estamos cônscios; por conseqüência, devemos descobrir se nossa mente se deixou apanhar na armadilha do hábito, e a razão por que cria hábitos.

O nosso pensar não é, pela maior parte, "habitual"? Desde crianças, nos têm ensinado a pensar numa certa direção, como cristãos, comunistas, hinduístas, etc., e não

ousamos desviar-nos dessa direção, porque qualquer desvio, em si, representa temor. Assim, o nosso pensar é bàsicamente "habitual", condicionado; nossa mente está funcionando dentro de rotinas fixas, e naturalmente temos também hábitos superficiais, que procuramos reprimir.

Ora, se a mente cessar de todo de pensar pela rotina dos hábitos, poder-se-á então considerar o problema relativo a um hábito superficial, de maneira tôda diferente. Compreendeis? Se estais agora investigando, procurando descobrir se vossa mente pensa sob a influência dos hábitos, se êsse descobrimento vos interessa deveras, então qualquer hábito, como, por exemplo, o de fumar, terá significação tôda diferente. Isto é, se vos interessa investigar o processo do hábito, que se acha num nível mais profundo, sabereis atender ao hábito de fumar de um modo completamente diferente. Estando bem claro para vós, interiormente, que desejais pôr fim não só ao hábito de fumar, mas ao inteiro processo de pensar pela rotina dos hábitos, já não lutais contra o movimento automático de apanhar um cigarro, etc., pois sabeis que quanto mais combatemos um hábito, mais vitalidade lhe damos. Mas, se estais atento e bem cônscio dêsse hábito, sem combatê-lo, vereis que êle desaparecerá por si, no tempo próprio; a mente não está mais ocupada com êle. Estais prestando atenção?

Interiormente, percebo com tôda a clareza que desejo deixar de fumar, mas o hábito vem sendo nutrido há vários anos; devo lutar contra êle? Ora, é bem certo que tôda luta contra um hábito lhe dá mais vida. Notai bem isto, por favor: Quando combato uma coisa, dou mais vitalidade a essa coisa. Se combato uma idéia, dou mais vida a essa idéia; se luto contra vós, dou-vos mais vitalidade para lutardes contra mim. Devo perceber com tôda a clareza êsse fato, e só posso vê-lo com clareza se estou dando atenção ao inteiro problema do hábito, e não apenas a um dado hábito. Estou então considerando o problema do hábito num nível completamente diferente.

Assim, a questão agora é esta: Porque é que a mente só pensa em têrmo de hábito — o hábito das relações, o hábito das idéias, o hábito das crenças, etc.? Por que? Porque, essencialmente, ela está buscando um estado de certeza, segurança, permanência, não é verdade?

A mente detesta a incerteza e necessita, portanto, dos hábitos como meio de segurança. Mas nunca está livre do hábito a mente que se sente segura e, sim, só aquela que se acha em completa insegurança — o que não significa ir acabar num asilo ou manicômio. A mente que se acha na mais completa insegurança, incerteza; que está sempre a investigar e a descobrir algo; que morre para cada experiência, cada aquisição, e por conseguinte se acha sempre num estado de "não saber" — só essa mente pode ser livre do hábito.

PERGUNTA: *É possível educarmos os nossos filhos sem condicioná-los, e, se o é, de que maneira? Se não, existe uma coisa tal, como "condicionamento bom" e "condicionamento mau"? Tende a bondade de responder incondicionalmente (Risos).*

KRISHNAMURTI: É possível educar as crianças, sem condicioná-las? Achais possível? Eu não acho. Tende a bondade de escutar; vamos investigar juntos. Antes, porém, liquidemos a última parte da pergunta — se há "bom condicionamento" e "mau condicionamento". Por certo, há apenas condicionamento, sem que seja "bom" ou "mau". Podeis achar que é um "bom condicionamento" crer em Deus, mas na Rússia comunista dir-se-á que é um "mau condicionamento". O que chamais "bom condicionamento" outro poderá chamar mau, o que é um fato muito óbvio. Esta questão, portanto, pode ser liquidada muito fàcilmente.

Resta a outra questão: Pode-se educar as crianças, sem condicioná-las, sem influenciá-las? Ora, tudo o que

as cerca está a influenciá-las. O clima, a alimentação, as palavras, os gestos, as conversas, as reações inconscientes, as outras crianças, a sociedade, as escolas, os livros, as revistas, os cinemas — tudo está a influenciar a criança. E pode-se acabar com tal influência? Impossível, não achais? Podeis não desejar influenciar, condicionar, o vosso filho; mas, inconscientemente, o estais influenciando, não estais? Tendes as vossas crenças, vossos dogmas, vossos temores, vossos princípios morais, vossos planos, vossas idéias sôbre o que é bom e o que máu, e, assim, consciente ou inconscientemente, estais moldando a criança. E se vós não o fazeis, a escola o fará, com os seus livros de História, que falam dos heróis maravilhosos que nós temos e outros povos não têm, etc. etc. Tudo isso está a influenciar as crianças, e, portanto, precisamos, em primeiro lugar, reconhecer êste fato evidente.

O problema, agora, é êste: Podemos ajudar a criança a desenvolver-se para investigar inteligentemente tôdas estas influências? Estais compreendendo? Sabendo-se que a criança está sendo influenciada por tudo o que a cerca, tanto no lar como na escola, pode-se-lhe prestar a necessária assistência, a fim de a capacitarmos a investigar tôdas as influências e nunca se deixar dominar por nenhuma delas? Se tendes realmente a intenção de ajudar o vosso filho a investigar tôdas as influências, a vossa tarefa será dificìlima, não é verdade? Porque isso exige não só o exame da vossa própria autoridade, mas de todo o problema da autoridade, do nacionalismo, da crença, da guerra, do militarismo — um exame completo da coisa, o que significa: cultivar a inteligência. E quando existe essa inteligência e a mente já não aceita nenhuma autoridade nem se deixa ajustar, por mêdo, aos padrões vigentes — então, tôda influência é devidamente examinada e posta de parte. Por conseguinte, a mente não fica condicionada. Ora, isto é possível, não? E a função da educação não consiste, justamente, em cultivar esta inteligên-

cia, que é capaz de examinar objetivamente qualquer influência, de investigar todo o "background"(1), tanto nos níveis imediatos como nos mais profundos, de modo que a mente nunca esteja sujeita a condicionamento algum?

Afinal de contas todos estamos condicionados pelo nosso "background"; nós somos êsse "background", constituído pela nossa tradição cristã, por essa extraordinária vitalidade, energia e progresso da América, pelas nossas influências climáticas, sociais, religiosas, dietéticas, etc. E não podemos considerar de maneira inteligente todo êsse **fundo**, tirá-lo para fora, "estendê-lo sôbre a mesa", para examiná-lo, em vez de seguirmos o absurdo processo de conservar o que achamos bom e rejeitar o que achamos mau? Por certo, temos de encarar objetivamente **tôda** essa coisa que chamamos "cultura". As culturas criam religiões, mas não criam o homem religioso.

O homem religioso surge quando a mente rejeita a cultura, que é o "background", o fundo, ficando livre para descobrir o Verdadeiro. Mas isso requer uma extraordinária vigilância por parte da mente, não é exato? O homem religioso não é americano, nem inglês, nem hindu, e sim um ente humano; não pertence a nenhum grupo, raça ou cultura, e por conseguinte é livre para descobrir o que é verdadeiro, o que é Deus. Cultura alguma pode ajudar o homem a descobrir o Verdadeiro. As culturas só criam organizações para agrilhoar o homem. Importa, por conseguinte, investigar tudo isso, não só o condicionamento consciente, mas também — o que é muito mais importante — o condicionamento inconsciente da mente.

E o condicionamento inconsciente não pode ser examinado superficialmente pela mente consciente. Só quando a mente está de todo quieta, pode ser revelado o condicionamento inconsciente — não num dado momento, mas a qualquer hora: quando damos um passeio a pé, ou

---

(1) — Todos os fatôres remotos (fundo educativo, cultural, hereditario, etc.) que determinam as reações do indivíduo.

viajamos num ônibus, ou conversamos com um amigo. Havendo a intenção de descobrir, ver-se-á que o condicionamento inconsciente sairá aos jorros, e estarão assim abertas as portas para o descobrimento.

PERGUNTA: *Quando pela primeira vez vos ouvi falar e me entrevistei convosco, senti-me profundamente perturbado. Comecei então a observar os meus pensamentos, sem condenar ou comparar, etc., e, em certa medida, cheguei a apreender o sentido do silêncio. Algumas semanas após, tive nova entrevista convosco e recebi novo choque, pois me fizestes ver claramente que minha mente de modo nenhum estava desperta, e perceber que eu me tornara um tanto vaidoso com os resultados conseguidos. Porque é que a mente tende a estabilizar-se depois de cada choque, e como quebrar êsse processo?*

KRISHNAMURTI: Social, religiosa e pessoalmente, nosso empenho constante é de evitar qualquer espécie de mudança, não é verdade? Desejamos que as coisas continuem como estão, pois a mente não gosta de ser perturbada. Logo que alcança uma coisa, aí se estabiliza. Mas a vida é um processo de "provocação" e reação, e se não soubermos responder à provocação de maneira adequada, haverá conflito. Para evitarmos êsse conflito, estabilizamo-nos em confortáveis rotinas, onde nos deixamos deteriorar. Isto é um fato psicológico.

Isto é, a vida é "provocação", desafio, tudo na vida está a exigir reação, mas, porque tendes vossas limitações, vossas preocupações, vosso condicionamento, vossas crenças, vossos ideais, que vos ditam o que deveis e o que não deveis fazer, sois incapazes de responder adequadamente ao desafio da vida; por esta razão, existe conflito. Para evitar ou dominar êste conflito, vos deixais estabilizar, fazendo algo que vos dá conforto. A mente busca sem

cessar um estado totalmente livre de perturbações, a que chama Paz, Deus, ou outro nome qualquer; mas, em essência, o seu desejo é não ser perturbada. O estado de não-perturbação, que chamamos Paz, é, realmente, morte. Mas se, por outro lado, compreenderdes que a mente precisa achar-se, de contínuo, num estado de reação e portanto sem desejo de confôrto, de segurança, de amarras, de ancoradouro, de refúgio na crença, nas idéias, nas posses etc., vereis então que não necessitais de choque algum. Não existe mais êsse processo de sermos despertados por um choque, só para novamente nos deitarmos a dormir.

Vemos aqui surgir uma questão importantíssima. Pensamos ter necessidade de instrutores, de **gurus**, de guias, para sermos ajudados a conservar-nos despertos. E esta é provàvelmente a razão da presença, aqui, da maioria de vós: Desejais que um outro vos ajude a manter-vos despertos. Se alguém pode ajudar-vos a ficar desperto, ficais na dependência dessa pessoa, que se torna vosso instrutor, vosso guia, vosso líder. Ela poderá estar desperta — não sei — mas se estais dependendo dela, estais dormindo. (Risos) Por favor, não riais, porque o caso é sério; pois é isso mesmo o que todos nós fazemos na vida. Se não estamos dependendo de um guia, dependemos de um grupo, dos nossos filhos, dum livro, ou dum disco de gramofone.

Assim sendo, há possibilidade de nos mantermos despertos, livres de tôda dependência, — dependência de drogas, de **gurus**, de disciplinas, de imagens, de qualquer coisa, enfim? Quando experimentais isso, podeis cometer algum êrro, mas dizeis "Não importa, quero continuar desperto". Entretanto, isso é dificìlimo, já que dependemos tanto dos outros! Precisamos de ser estimulados por um amigo, um livro, música, ritos, pelo freqüentar com regularidade certas reuniões; e tal estímulo poderá manter-vos desperto, temporàriamente. Mas, tanto vale tomar um copo de bebida. Quanto mais uma pessoa depende de estí-

mulos, tanto mais embotada se torna a sua mente, e a mente que está embotada precisa de ser guiada, precisa seguir, precisa de uma autoridade, porque do contrário ficará desorientada.

Se percebemos êsse extraordinário fenômeno psicológico, não será possível ficarmos livres, interiormente, de qualquer espécie de dependência, de qualquer estímulo a nos mantermos despertos? Por outras palavras, a mente não será capaz de nunca se escravizar a um hábito? Isso, com efeito, significa, abandonar tudo o que temos compreendido, tudo o que temos aprendido, abandonar tôdas as coisas que acumulamos de ontem para hoje, para que a mente possa, mais uma vez, ser fresca, nova. A mente não é nova, se não morrer para tôdas as coisas de ontem, tôdas as experiências, invejas, ressentimentos, amores, paixões, pois só assim ela poderá de novo ser fresca, ardorosa, desperta e, portanto, capaz de atenção. Não há dúvida de que, só quando está livre de todo sentimento de dependência interior, a mente poderá encontrar-se com o Imensurável.

20 de agôsto de 1955

— VI —

É UM fato muito evidente que os entes humanos necessitam de algo para adorar. Vós e eu e muitos outros desejamos ter algo sagrado nas nossas vidas, e por isso freqüentamos os templos, as mesquitas, as igrejas, ou temos outros símbolos, imagens, idéias, a que veneramos. Esta necessidade de adorar parece muito premente, porque queremos ser levados para fora de nós mesmos, para algo que seja mais amplo, mais profundo, mais permanente; e, assim, começamos a inventar Mestres, instrutores, divindades celestiais ou terrenas, criamos símbolos vários, a Cruz, o Crescente, etc. Ou se nenhuma dessas coisas nos dá satisfação, começamos a especular sôbre o que existe além da mente, sustentando que lá se acha algo que é sagrado e a que se deve adorar. É o que acontece, na nossa existência de cada dia, e disso, penso, quase todos estamos bem cônscios. Há sempre êsse esfôrço dentro do campo do conhecido, do campo da mente, da memória, e nunca parecemos capazes de nos desvencilhar e achar algo que não seja fabricado pela mente.

Assim, pois, desejo, nesta manhã, investigar se existe algo realmente sagrado, algo imensurável, impossível de ser sondado pela mente. Para tanto, necessita-se, sem dúvida, de uma revolução no nosso pensar, nos nossos valores. Não me refiro à revolução econômica ou social, que só revela falta de madureza; tal revolução poderá ter efeitos superficiais nas nossas vidas, mas, fundamentalmente, não é a revolução verdadeira. Refiro-me à revolução que se realiza pelo autoconhecimento — não o conhecimento su-

perficial, alcançado mediante um exame do pensamento, à superfície da mente, mas o autoconhecimento que alcança os recessos mais profundos da mente.

Sem dúvida, uma das nossas maiores dificuldades reside no fato de que todo nosso esfôrço se limita à esfera do reconhecimento. Parecemos funcionar ùnicamente dentro dos limites das coisas que somos capazes de reconhecer, isto é, dentro da esfera da memória. E há possibilidade de a mente ultrapassar essa esfera? A memória, evidentemente, é necessária, num certo nível. Preciso lembrar-me do caminho de minha casa. Se me fazeis uma pergunta a respeito de uma coisa com que estou bem familiarizado, minha resposta é imediata.

Se me permitis sugeri-lo, tende a bondade de observar a vossa mente, enquanto estou falando; pois, como desejo examinar esta questão com certa profundeza, se ficardes apenas a seguir a explicação verbal, sem a aplicardes imediatamente, tal explicação não terá significado algum. Se enquanto escutais, estais dizendo: "Refletirei sôbre isto amanhã, ou depois da reunião" — as palavras ir-se-ão, e a explicação nenhum valor terá. Mas se derdes atenção completa ao que estou dizendo e fordes capazes de aplicá-lo — o que significa estar cônscio dos próprios processos intelectuais e emocionais — vereis então que o que estou dizendo tem significação, imediatamente.

Como disse, há uma reação instantânea diante de qualquer coisa que se conhece ìntimamente; quando se vos faz uma pergunta sôbre assunto bem conhecido, respondeis prontamente, a reação é imediata. E se vos perguntam a respeito de uma questão com que não estais bem familiarizado, que acontece? Começais a rebuscar nos arquivos da memória, procurais recordar-vos do que lêstes ou pensastes a respeito da questão, rememorar a vossa própria experiência. Quer dizer, voltais ao passado, para examinar certas lembranças que adquiristes; porque o que se chama "saber" é essencialmente memória. Mas se vos

perguntam sôbre uma questão que ignorais completamente, a respeito da qual não tenhais registro algum na memória, e sois capaz de responder honestamente que não sabeis, então êsse estado de "não saber" é o primeiro passo da verdadeira investigação do desconhecido.

Isto é, tècnicamente, temo-nos desenvolvido extraordinàriamente, tornamo-nos habilíssimos em trabalhos mecânicos. Nas escolas aprendemos técnicas variadas — montar motores, reparar estradas, construir aeroplanos, etc. — e tudo isso é apenas cultivo da memória. Com esta mesma mentalidade queremos encontrar algo que transcende a mente e, assim, praticamos uma disciplina, seguimos um sistema ou pertencemos a alguma estúpida organização religiosa — pois tôdas as organizações dessa ordem são essencialmente estúpidas, por mais satisfatórias e consoladoras que sejam, temporàriamente.

Ora bem, se pudermos examinar juntos esta questão — e acho-o possível, se lhe dermos a necessária atenção — terei muito gôsto em investigar convosco se a mente é capaz de abandonar sua memória técnica, de desistir de buscar nas coisas conhecidas aquilo que está oculto. Pois não é isso o que fazemos, quando estamos a buscar? Estamos a procurar, na esfera do conhecido, uma coisa que desconhecemos. Quando buscamos a felicidade, a paz, Deus, o Amor, etc., sempre o fazemos dentro da esfera do conhecido, porque a memória já nos insinuou, sugeriu, uma certa coisa, e temos fé nessa coisa. Nossa busca, portanto, se processa sempre na esfera do conhecido. E, mesmo na ciência, é só quando a mente deixa de examinar o conhecido, que é possível surgir algo novo. Mas a cessação dessa busca no conhecido, não resulta de determinação, ação voluntária. O dizer-se: "Não darei mais atenção ao conhecido, para ficar aberto ao desconhecido", é uma coisa completamente infantil, sem significação nenhuma. Porque, então, a mente se põe a inventar, a especular, a experimentar coisas absurdas. A libertação

da mente, do conhecido, só é possível pelo autoconhecimento, pela revolução que se realiza quando se compreende todos os dias o significado do "eu". Não se pode compreender o significado do "eu" se há acumulação de memória, e com a ajuda dela queremos compreender o "eu". Entendeis?

Pensamos compreender as coisas mediante acumulação de conhecimentos, mediante comparação. Positivamente, por essa maneira nada se compreende. Se comparais uma coisa com outra, sois absorvido por essa ocupação. Só se pode compreender uma coisa quando lhe aplicamos tôda a nossa atenção, e qualquer forma de comparação ou avaliação é uma distração.

O autoconhecimento, pois, não é acumulativo, e acho muito importante compreender isso. Se o autoconhecimento fôsse acumulativo, então seria puramente mecânico, uma coisa semelhante à ciência do médico, que aprendeu uma técnica e passa tôda a vida a especializar-se numa certa parte do corpo. Um cirurgião pode ser um excelente mecânico na sua cirurgia, porque aprendeu a técnica respectiva; tem conhecimento do ofício e talento para êle, e a experiência que vai acumulando lhe é muito útil. Mas não estamos falando a respeito de uma tal experiência cumulativa. Pelo contrário, qualquer forma de conhecimento cumulativo destrói tôdas as possibilidades de novos descobrimentos; mas, depois de feito o descobrimento, talvez se possa fazer uso da técnica cumulativa.

Sem dúvida, o que estou dizendo é muito simples. Se uma pessoa é capaz de estudar, de observar a si mesma, começa a descobrir como a memória cumulativa atua sôbre tôdas as coisas que vê; fica a pessoa, continuamente, a avaliar, a rejeitar ou aceitar, condenar ou justificar, e, nessas condições, a sua experiência fica sempre restrita ao campo do conhecido, do condicionado.

Mas, sem a memória cumulativa, como diretriz, muitos de nós nos sentimos perdidos, cheios de mêdo, e por con-

seqüência incapacitados para observar a nós mesmos tais como somos. Sempre que há êsse processo de acumulação, que é cultivo da memória, a observação que fazemos de nós mesmos se torna muito superficial. A memória é útil para dirigir-nos, para melhorarmos a nós mesmos, mas no automelhoramento nunca pode haver uma revolução, uma transformação fundamental. Só quando se extingue completamente a idéia de automelhoramento — mas não pela volição — existe a possibilidade de surgir algo transcendental, algo completamente novo.

Assim sendo, quer-me parecer que, enquanto não compreendermos o processo do pensar, a compreensão puramente intelectual terá muito pouco valor. Que é pensar? Pensar é reação da memória, não? Se vos pergunto onde morais, vossa reação é imediata, pois é uma coisa com que estais perfeitamente familiarizado; reconheceis prontamente a casa, o nome da rua, etc. Esta é uma das formas de pensar. Se vos faço uma pergunta um pouco mais complicada, a vossa mente hesita; durante esta hesitação, está a remexer na sua vasta coleção de lembranças, nos registros do passado, em busca da resposta adequada. Esta é outra forma de pensar. Se vos faço uma pergunta mais complicada ainda, a vossa mente se torna confusa, perturbada; e como não gosta de perturbações, ela tenta por várias maneiras achar uma resposta — o que também é uma forma de pensar. Espero que estejais acompanhando bem esta explicação. E se vos pergunto a respeito de algo muito vasto e profundo, como, por exemplo, se sabeis o que é a Verdade, o que é Deus, o que é o Amor, então a vossa mente apela para o testemunho de outros, que supostamente experimentaram tais coisas, e começais a citar os seus ditos — a repetir. Finalmente, se vos faço reconhecer a futilidade de repetir o que outros dizem, de depender do testemunho de outros, que pode ser até muito absurdo, então. sem dúvida, sois forçado a dizer "Não sei".

Ora bem, se pudermos realmente atingir êsse estado de "não saber", isso denotará um extraordinário senso de humildade; não há, aí, a arrogância do saber, a resposta presunçosa, que visa a causar impressão. Quando sois capaz de dizer "não sei" — e muito poucas pessoas são capazes de tal — então, nesse estado, desaparece todo o temor, uma vez que terminou a atividade de reconhecimento, o rebuscar na memória; já não há busca nenhuma no campo do conhecido. É então que surge a coisa extraordinária. Se tendes seguido até aqui o que estou dizendo — não apenas verbalmente, mas experimentando de fato, vereis que quando sois capaz de dizer "não sei", desapareceu todo o condicionamento. E qual é então o estado da mente? Compreendeis o que estou dizendo? Estou-me fazendo claro? Muito importa prestar atenção a êste assunto, se tendes verdadeiro interêsse.

Como sabeis, nós buscamos algo permanente — permanente em relação ao tempo, uma coisa perdurável, imperecível. Vemos que tôdas as coisas que nos cercam são transitórias, fluidas, que nascem, definham e morrem, e nossa busca visa sempre a algo que perdure sempre, dentro da esfera do conhecido. Mas o que é verdadeiramente sagrado transcende a medida do tempo, não é encontrável no terreno do conhecido. O conhecido opera apenas em função do pensamento, que é reação da memória ao desafio. Se percebo essa coisa e desejo descobrir como pôr fim ao pensamento, que devo fazer? O que tenho de fazer, por certo, é estar cônscio, pelo autoconhecimento, de todo o processo do meu pensar. Devo perceber que todo pensamento, por mais sutil e elevado ou por mais ignóbil e estúpido, tem suas raízes no conhecido, na memória. Se percebo isso com muita clareza, então a mente, ao ver-se em presença de um problema imenso, é capaz de dizer "Não sei" — porque não tem resposta alguma, guardada na memória. Então, tôdas as respostas do Buda, do Cristo, dos Mestres, dos **gurus**, nada signifi-

cam; porque, se alguma coisa significam, esta significação provém da coleção de lembranças que constituem o meu condicionamento.

Se, pois, percebo a verdade de tudo isso, e ponho de parte, decididamente, tôdas as respostas, o que só posso fazer quando possuo essa imensa humildade do "não saber", qual é então o estado da mente? Qual o estado da mente que diz "Não sei se há Deus, se existe o Amor" — isto é, da mente que nenhuma resposta tem, tirada da memória? Por favor, não respondais a esta pergunta já, para vós mesmos, porque se assim fizerdes a resposta será apenas o reconhecimento do que pensais que êsse estado deve ser ou não deve ser. Se dizeis "É um estado de negação", nesse caso o estais comparando com algo que já sabeis e, por conseguinte, é inexistente, em vós, o estado de "não saber".

Estou investigando êste problema em voz alta, para que possais segui-lo mediante a observação de vossa própria mente. O estado em que a mente diz "não sei", não é de negação. Nêle, a mente desistiu, de todo, de buscar, de fazer qualquer movimento, já que percebeu que todo movimento partido do conhecido, para a coisa a que ela chama "o desconhecido", nada mais é do que uma "projeção" do conhecido. Assim, pois, a mente que é capaz de dizer "não sei", acha-se no único estado em que é possível descobrir alguma coisa. Mas o homem que diz "Sei", o homem que estuda tôdas as variedades da experiência humana, cuja mente está carregada de conhecimentos, de um saber enciclopédico, poderá êsse homem, em algum tempo, experimentar algo que não é acumulável? Êle verá que isso é dificílimo. Quando a mente afasta de si todo o saber que adquiriu, quando para ela não existem nem Budas, nem Cristos, nem Mestres, nem instrutores, religiões, citações; quando está absolutamente só, não contaminada — o que significa que cessou o movimento do conhecido — é só então que se apresenta a

possibilidade de uma revolução tremenda, uma transformação fundamental. Essa transformação é òbviamente necessária; e só aquêles poucos — vós, ou eu, ou X — que fizeram nascer em si mesmos esta revolução, são capazes de criar um mundo novo, e não os idealistas, ou intelectuais, os homens de imenso saber, ou aquêles que estão a praticar boas obras; não serão êstes os que criarão o novo Mundo. Êles são só reformadores. O homem religioso é aquêle que não pertence a religião nenhuma, nenhuma nação, nenhuma raça, aquêle que interiormente está completamente só, num estado de "não saber"; e para êle é que está reservada a bênção do sagrado.

PERGUNTA: *A função da mente é pensar. Passei muitos anos refletindo sôbre as coisas que todos conhecemos: negócios, ciência, filosofia, psicologia, artes, etc., e atualmente penso muito a respeito de Deus. Do estudo do testemunho de muitos místicos e outros escritores religiosos, estou convencido de que Deus existe, e sôbre êste assunto estou capacitado a contribuir com minhas próprias idéias. Que mal há nisso? O pensar em Deus não nos leva à "realização" de Deus?*

KRISHNAMURTI: Pode-se pensar Deus? E pode alguém convencer-se da existência de Deus, depois de ter lido tôdas as provas de sua existência? O ateu tem também as suas provas; provàvelmente estudou tanto quanto vós, e no entanto êle não crê em Deus. Vós credes que há Deus, e êle crê que não há Deus; ambos sois crentes, ambos passais o tempo a pensar em Deus. Mas, antes de pensardes numa coisa que desconheceis, deveis descobrir o que é **pensar**, não é verdade? Como se pode pensar numa coisa que se desconhece? Podeis ter lido a Bíblia, o **Bhagavad-Gita**, ou outros livros em que letrados muito eruditos descrevem com muita sutileza o que é Deus, afirmando **isto** e contestando **aquilo**; mas, enquanto não

conhecerdes o processo do vosso próprio pensar, tudo o que cogitardes a respeito de Deus, pode ser estúpido e vulgar — e em geral o é. Podeis colecionar uma grande quantidade de provas da existência de Deus e escrever artigos muito sutis a tal respeito, mas, por certo, a questão mais importante é: Como sabeis que é verdadeiro o que pensais? E pode o pensar produzir, alguma vez, a experiência do incognoscível? Isto não significa, naturalmente, que se deva aceitar, emocional ou sentimentalmente, um disparate qualquer a respeito de Deus.

Não achais, pois, que é mais importante descobrir se a vossa mente está condicionada, do que procurar aquilo que não é condicionado? Por certo, se vossa mente está condicionada — como não há dúvida que está — por mais que ela investigue a realidade de Deus, só poderá colhêr conhecimentos ou informações de acôrdo com o seu condicionamento. Assim sendo, o vosso pensar sôbre Deus é pura perda de tempo, uma especulação sem valor nenhum; é como ficarmos sentados aqui, entre estas árvores, desejando estar no alto daquela montanha. Se desejo realmente descobrir o que há no alto da montanha, e mais além, tenho de ir até lá. Nada adianta ficar aqui a especular, a construir templos e igrejas, e a agitar-me todo por causa dessas coisas. O que devo fazer é erguer-me e caminhar, lutar, superar todos os obstáculos, para chegar lá, e descobrir; mas, como em geral não temos vontade de fazer tal coisa, satisfazemo-nos em ficar sentados aqui, especulando sôbre uma coisa que não conhecemos. E eu vos digo que tal especulação representa um obstáculo, deteriora a mente, e não tem valor algum; só traz mais confusão e mais sofrimentos ao homem.

Assim, pois, Deus é algo de que não se pode falar, que não se pode descrever, que não pode ser expresso por palavras, pois tem de permanecer sempre "o Desconhecido". No momento em que se verifica o processo de reconhecimento, estais de novo na esfera da memória. Compreendeis? Digamos, por exemplo, que tenhais uma

"experiência" momentânea de algo extraordinário. Neste momento preciso não existe pensador que diz: "Preciso lembrar-me disso, depois"; neste momento só há o "estado de experimentar". Mas, passado tal momento, entra em ação o processo de reconhecimento. Tende a bondade de seguir isto. A mente diz: "Tive uma experiência maravilhosa, e desejo **mais**" — e começa a luta pelo **mais**. O instinto aquisitivo, a gananciosa perseguição do **mais**, se torna existente por várias razões: Porque vos dá prazer, prestígio, saber, vos confere autoridade, e por aí afora.

A mente procura apoderar-se daquilo que experimentou; mas o que ela experimentou é coisa acabada, morta, passada, e para descobrir o que **é**, a mente precisa morrer para o que experimentou, o que **foi**. Isto não é uma coisa que se precisa cultivar dia por dia, que se pode juntar, acumular, conservar, para servir de tema para palestras e escritos. O que podemos fazer é só perceber que a mente está condicionada e, pelo autoconhecimento, compreender o processo do nosso pensar. Tenho de conhecer a mim mesmo — não como eu gostaria de ser, ideològicamente, mas tal como sou realmente, feio ou belo, ciumento, invejoso, ganancioso. Mas é muito difícil vermos exatamente o que somos, sem o desejo de alterá-lo, e êsse próprio desejo de alterar é outra forma de condicionamento; e assim continuamos, movendo-nos de um condicionamento para outro, sem nunca experimentarmos algo além daquilo que é limitado.

PERGUNTA: *Há muitos anos que vos ouço, e já me tornei bastante treinado em observar os meus pensamentos e manter-me cônscio de tudo o que faço, mas nunca atingi "as águas profundas" nem experimentei a transformação de que falais. Por que?*

KRISHNAMURTI: Acho bastante clara a razão por que nenhum de nós experimenta algo que ultrapassa a mera observação. Pode haver raros momentos de um estado

emocional, que nos permite ver, por assim dizer, a claridade do céu por entre as nuvens, mas eu não me refiro a coisa alguma dessa espécie. Tôdas as experiências dessa natureza são passageiras e de muito pouca significação. O interrogante deseja saber porque, depois de tantos anos de vigilância, não atingiu "as águas profundas". Porque deveria atingi-las? Compreendeis? Pensais que, pela vigilância dos vossos pensamentos, ides obter uma recompensa: se fizerdes **isto**, ganhareis **aquilo**. Em verdade não estais vigilante, em absoluto, visto que vossa mente está tôda interessada em obter aquela recompensa. Pensais que pelo observar, pelo estar vigilante, sereis mais amorável, sofrereis menos, sereis menos irritadiço, alcançareis algo superior; assim, a vossa vigilância é uma operação de compra. Com esta moeda quereis comprar tal coisa, o que significa que vossa vigilância é um processo de escolha; por conseguinte, não é vigilância, não é atenção. Estar vigilante é observar sem escolha, é a pessoa ver a si mesma exatamente como é, sem nenhum movimento do desejo, para alterar o que vê, o que é dificílimo; mas isso não quer dizer que permanecereis no vosso estado presente. Não sabeis o que acontecerá, se virdes a vós mesmo como sois, sem desejardes modificar o que vêdes. Compreendeis?

Vou aduzir um exemplo e apreciá-lo em todos os seus aspectos, para melhor esclarecimento. Suponhamos que eu sou violento, como o é a maioria das pessoas. Tôda a nossa civilização é violenta, mas não pretendo examinar agora a anatomia da violência, pois não é êste o problema que estamos considerando. Sou violento, e percebo que o sou. Que acontece? Minha reação imediata é de fazer alguma coisa a êsse respeito, não é verdade? Digo que me devo tornar não-violento. É isso o que dizem há séculos todos os instrutores religiosos — que quando uma pessoa é violenta, deve tornar-se não-violenta. E assim, começo a exercitar-me, a fazer as coisas necessárias, de ordem ideológica. Mas depois percebo quanto isto é absurdo, porque a entidade que observa a violência e deseja transfor-

má-la em não-violência, continua violenta. Agora, o que me interessa já não é a manifestação daquela entidade, mas a própria entidade. Espero que estejais seguindo tudo isso.

Ora, que entidade é essa, que diz: "Não devo ser violenta"? Essa entidade é diferente da violência, que ela está observando? São dois estados diferentes? Compreendeis, senhores, ou isto é abstrato demais? Já estamos chegando ao fim da palestra, e provàvelmente vos sentis um tanto fatigados. Ora, não pode haver dúvida de que a violência e a entidade que diz "Tenho de transformar a violência em não-violência" são uma mesma entidade. Reconhecer êste fato é pôr fim a todos os conflitos, não achais? Já não existe então o conflito que há no esfôrço que faço para modificar-me, porque percebo que o próprio movimento da mente para não ser violento é produto da violência.

O interrogante indaga por que razão não consegue ir além dessas lutas superficiais da mente. Pela razão muito simples de que, consciente ou inconscientemente, a mente está sempre a buscar alguma coisa, e esta mesma busca produz violência, competição, o sentimento de total insatisfação. Só quando a nossa mente está na mais completa quietude, existe a possibilidade de serem atingidas as águas profundas.

PERGUNTA: *Quando morremos, renascemos nesta Terra, ou passamos para um outro mundo?*

KRISHNAMURTI: Esta questão interessa a todos nós, moços e velhos, não é verdade? Examiná-la-ei pois com certa profundeza e espero que tenhais a bondade de seguir-me, não apenas ouvindo as minhas palavras, mas tendo a experiência real disso que vou examinar junto convosco. Todos sabemos que a morte existe, os mais velhos, principalmente, e bem assim os jovens que a observam.

Os jovens dizem: "Esperemos que ela chegue, e saberemos lidar com ela" — e os velhos, como já se aproximam da morte, recorrem a vários meios de consolação.

Tende a bondade de seguir o que estou dizendo, aplicando-o a vós mesmos, e não a outra pessoa. Como sabeis que ides morrer, tendes certas teorias a êsse respeito, não é verdade? Credes em Deus, credes na ressurreição, ou **karma**, ou reincarnação; dizeis que nascereis de novo, aqui ou noutro mundo. Ou racionalizais a morte, dizendo-a inevitável, pois atinge a todo o mundo; a árvore definha e nutre o solo, e surge uma nova árvore. Ou, ainda, estais tão mergulhado nas vossas diárias preocupações, ansiedades, ciúmes, invejas, vossa competição e vossa riqueza, que não vos sobra tempo para pensar na morte. Entretanto, ela está sempre presente no espírito; consciente ou inconscientemente, ela lá está.

Antes de mais nada, podeis libertar-vos das crenças, das racionalizações ou da indiferença que tendes cultivado em relação à morte? Podeis libertar-vos dessas coisas agora? Porque o que importa é "entrarmos na mansão da morte" enquanto estamos vivos, plenamente conscientes, ativos, gozando saúde, e não que fiquemos esperando a chegada da morte, que pode arrebatar-nos repentinamente num acidente, ou lentamente, pela doença, privando-nos a pouco e pouco da consciência. Quando chega a morte, esta hora deve ser um momento extraordinário, tão vital como o viver.

Pois bem, posso eu, podeis vós, "penetrar na mansão da morte" enquanto vivos? Êste é o problema, e não o indagar se há reincarnação ou se existe um outro mundo, onde tornaremos a nascer — pois tudo isso é falta de madureza, infantilidade. O homem que **vive** não faz perguntas sôbre o que é o viver nem tem teorias sôbre o viver. Só os semivivos é que falam em finalidade da vida.

Assim, podemos, vós e eu, enquanto estamos vivos, conscientes, ativos, na posse de tôdas as nossas capacida-

des, quaisquer que estas sejam, saber o que é a morte? E a morte é então diferente do viver? Para nós, em geral, viver é o contínuo existir daquilo que julgamos ser permanente. Nosso nome, nossa família, nossos haveres, nossos interêsses econômicos e espirituais, a virtude que cultivamos, as coisas que adquirimos emocionalmente — queremos que tudo isso tenha continuidade ininterrupta. E o momento que chamamos "a morte" é o momento do desconhecido e, por conseguinte, sentimo-nos atemorizados e procuramos consôlo, alguma espécie de confôrto, desejamos saber se há vida após a morte, e uma dúzia de outras coisas mais. Todos êstes problemas são irrelevantes, são problemas para os preguiçosos, os que não querem descobrir o que é a morte enquanto vivos. E podemos nós dois, vós e eu, descobri-lo?

Que é a morte? Ela é, sem dúvida, a cessação de tôdas as coisas que conhecemos. Se não é a cessação de tudo o que conhecemos, não é a morte. Se já conheceis a morte, não há então o que temer. Mas, sabeis o que é a morte? Isto é, podeis, enquanto estais vivo, pôr fim a esta luta perene para achar no impermanente algo que continue a existir? Podeis conhecer o incognoscível, o estado que chamamos "a morte", enquanto estais vivo? Podeis afastar para o lado tôdas as descrições do que acontece após a morte, lidas em livros ou ditadas pelo vosso desejo inconsciente de confôrto, e provar ou experimentar aquêle estado, que deve ser extraordinário, agora mesmo? Se êsse estado pode ser experimentado agora, então viver e morrer é a mesma coisa.

Posso eu, pois, que tenho muita instrução, vastos conhecimentos, que tive experiências inumeráveis, lutas, amôres, ódios — posso "eu" terminar? O "eu" é a memória registrada de tudo isso; e pode êsse "eu" terminar? Antes que algum acidente ou doença ponha fim à nossa vida, podemos, vós e eu, enquanto estamos aqui, sentados, conhecer êsse fim? Se puderdes conhecê-lo não mais fareis perguntas fúteis a respeito da morte e da continuidade,

ou se há um outro mundo além dêste. Sabereis então a resposta, de vós mesmo, porque terá despontado para vós o Desconhecido. Lançareis fora, então, tôdas essas cantilenas de reincarnação, e todos os vossos temores — o mêdo de viver e o mêdo de morrer, o mêdo de envelhecer e infligir a outros o incômodo de cuidarem de vós, o mêdo da solidão e da dependência — terão findado. Isto não são palavras vãs. É só quando a mente deixa de pensar em têrmos de sua própria continuidade, que desponta o Desconhecido.

21 de agôsto de 1955.

— VII —

UM dos nossos problemas mais sérios, quer-me parecer, é a questão da violência e nosso desejo de paz. Não creio que se possa achar a paz, sem se compreender completamente a anatomia da violência. E a paz não é uma coisa oposta à violência; é um estado totalmente diferente, que, por conseguinte, não pode ser concebido por uma mente tôda entranhada de violência. Como a vida da maioria de nós se escuda na violência, e o nosso pensamento, pela maior parte, é pautado pela violência, acho de suma importância compreender êste problema, que é muito complexo e requer penetração e discernimento fora do comum; e, nesta tarde, é meu desejo examiná-lo.

É muito estranho que nenhuma das religiões organizadas, excetuados talvez o budismo e o hinduísmo, tenha concorrido para acabar com as guerras e feito cessar êste espantoso antagonismo existente entre os homens. Pelo contrário, certas dessas chamadas religiões têm instigado guerras e se tornado responsáveis por horrorosos morticínios de sêres humanos. Se examinamos a nossa vida de cada dia, vemos que está cheia de violência; e por que razão somos violentos? De onde nasce a violência, e é realmente possível extingui-la? A meu ver, só se pode chegar ao fim da violência, fazê-la cessar, eficaz e radicalmente, quando se conhece a fonte de onde brota a violência. E desejo pedir-vos que não vos limiteis a escutar minha descrição da violência, mas que, principalmente, no desenvolver desta palestra, observeis os movimentos do vosso próprio pensar, para, com a ajuda da descrição,

"experimentardes" diretamente os fatôres que se ocultam por detrás da palavra "violência".

Porque somos violentos, não só como raça, mas também como indivíduos? Não sei se alguma vez já vos fizestes esta pergunta. E com que atitude nos abeiramos da questão da violência, quando a encaramos, dela estamos cônscios, quando pensamos a seu respeito? É certo que a maioria das pessoas diz que a violência não pode ser evitada, que somos educados nesta sociedade que nos condiciona e estimula a ser violentos — e, dessa maneira, passamos mui sucinta e ràpidamente por cima do problema. Mas vejamos se não podemos descer mais fundo, para investigar o problema e descobrir porque é que cada um de nós tem essa estranha tendência para a violência, e se é possível acabar com ela, não superficialmente, mas fundamentalmente, profundamente.

Nossa civilização, é bem óbvio, está baseada na violência — não só no mundo ocidental, mas também no Oriente. A sociedade estimula à violência, tôda a nossa estrutura econômica, social e religiosa nela se baseia. Não estou empregando a palavra "violência" apenas no sentido superficial de manifestação de cólera ou animosidade, porém abarcando com ela todo o problema da ambição, da competição, do desejo de poder, por parte de cada um, que gera inevitàvelmente a violência. Tem de haver violência enquanto estou a competir com outro, enquanto sou ambicioso, ganancioso — ganancioso, não apenas no sentido mundano da avidez de possuir certas coisas, mas ganancioso num sentido mais profundo da palavra, ou seja o de sermos impelidos pelo desejo de nos tornarmos alguma coisa, de dominar, ter segurança, ocupar uma posição inatacável.

Assim, enquanto buscamos o poder, sob qualquer forma, não pode deixar de haver violência. Por favor, não digais: "Numa civilização que está baseada na violência, que posso eu fazer como indivíduo?" Acho que esta pergunta será respondida, se puderdes escutar o que estou

dizendo, em vez de perguntardes o que se deve fazer. O "fazer" não é importante. Acho que a ação vem espontânea, quando compreendemos, na sua inteireza, o complexo problema da violência. O impulso para agir, com relação à violência, sem se compreender o desejo de ser algo, o desejo de impor-se, de dominar, de "vir a ser", é uma verdadeira infantilidade. Mas, se ao contrário, somos capazes de compreender, no seu todo, o processo da violência, e perceber a verdade respectiva, penso que então êsse próprio percebimento produzirá uma ação não premeditada e, por conseguinte, genuína. Não sei se me estais seguindo.

Vêde o que está acontecendo no mundo. Todo político fala de paz, e ao mesmo tempo, com seus atos, está preparando a divisão, o antagonismo, a guerra. E a mim me parece importantíssimo que aquêles de nós que sentem muito interêsse por estas questões compreendam a verdade contida no problema, sem perguntarem "o que fazer"; porque, se compreendemos a verdade que o problema encerra, esta própria percepção do que é verdadeiro precipitará uma ação que não é vossa nem minha, e cujo alcance nem vós nem eu podemos descortinar ou prever.

É um fato bem evidente que tudo o que fazemos neste mundo, social, econômica e religiosamente, está baseado na violência, isto é, no desejo de poder, posição, prestígio, o que implica ambição, vontade de realização. Os gigantescos edifícios que construímos, os templos colossais, são índices dêsse senso de poder. Não sei se já vos detivestes a contemplar essas soberbas construções e qual a vossa reação diante delas. Poderão ter beleza, mas para mim a beleza é uma coisa totalmente diferente. Porque a beleza exige sobriedade, e um estado de completo abandono, passividade, e êsse estado não pode existir onde está o espírito da ambição a expressar-se em realizações espetaculares. Onde há sobriedade, está a simplicidade, e só a mente simples é capaz de abandono (passividade). Dêsse abandono é que vem o amor. Êste estado é a beleza.

Mas nós o desconhecemos totalmente. Nossa civilização, nossa cultura, baseia-se na arrogância, no espírito de realização e, em sociedade, estamos a esganar-nos uns aos outros, competindo brutalmente, para realizar, adquirir, dominar, tornar-nos **alguém**. Eis evidentes fatos psicológicos.

Agora, porque existe êste estado de violência? E, reconhecendo a sua existência, somos capazes de transcendê-lo? Se o formos, acho que então estaremos aptos a penetrar em algo que é completamente diferente. Consideremos, por exemplo, o desejo de dominar. Porque queremos dominar? Em primeiro lugar, estamos cônscios, nas nossas relações e na nossa atitude perante a vida, dêsse espírito de domínio, êsse espírito que aspira ao poder, à posição? Se estamos cônscios dêle, de onde provém êle? Compreendeis o que estou perguntando? Se pudermos descobrir de onde provém o espírito de domínio, êsse descobrimento poderá responder à pergunta "Porque somos violentos?". Todos somos violentos, no sentido de que todos nós, de diferentes maneiras, desejamos ser **alguém**; somos todos dados à competição, ambiciosos, gananciosos, desejosos de domínio. Tais são os sintomas exteriores de um estado interior; e interessa-nos descobrir qual é êsse estado interior que nos impele a proceder assim. Estamos cônscios, em algum grau, dêsse estado, ou apenas nos estamos ajustando a um padrão moral, como indivíduos ideològicamente não-violentos, não-ambiciosos, sem investigarmos realmente a fonte, a raiz das nossas ações? Se isso nos fôr possível, então poderá ser completamente diferente a nossa maneira de proceder, com relação ao problema da violência. Tende, pois, a bondade de escutar o que estou dizendo, sem a atitude de quem exclama "Oh! é só isso?" — porém, antes, deixai-me oferecer-vos uma oportunidade de autodescobrimento. Se, com a ajuda do que estou dizendo, puderdes descobrir, experimentar realmente a coisa, por vós mesmos, então esta palestra terá um efeito extraordinário.

Porque sou violento? Preciso compreender isso. Vejo que sou violento porque, socialmente, religiosamente, existe êsse extraordinário impulso para ser alguma coisa. Êsse impulso é um fato. No mundo dos negócios quero ser mais rico do que sou, mais capaz do que outros, "estar de cima", e no chamado mundo espiritual estou seguindo uma autoridade que me ajudará a tornar-me alguma coisa, lá, naquele mundo. Vejo, pois, que minhas atividades, meus pensamentos, minhas relações se baseiam tôdas na vontade de domínio, na dependência. Quando preciso de apoio, tenho de seguir uma autoridade, o que gera violência.

Ora, desejo compreender integralmente o processo da violência, e não apenas ajustar-me a um padrão social, porque isso é coisa superficial e completamente desinteressante. Desejo descobrir se a mente pode ficar, de todo, livre da violência, se êsse processo pode ser erradicado da minha mente. Isso me interessa deveras, e quero averiguá-lo. Percebo que o mero ajustamento a um padrão diferente, dos desejos, reclamos e influências superficiais, não resolve o problema. O substituir uma estrutura social por outra, o erguer uma sociedade comunista no lugar de uma sociedade capitalista, não nos tornará livres da dominação e da violência. Percebendo isso, quero investigar em mim mesmo, a fim de descobrir qual é a fonte de todos êsses extraordinários impulsos, exigências e atividades que geram a animosidade e a violência.

Porque sou violento, dado à competição, ambicioso, ganancioso? Porque existe em mim esta luta constante para ser, "vir a ser"? É bem evidente que estou a fugir de alguma coisa, pelo caminho da ambição, das aquisições, do desejo de alcançar grandes êxitos. Estou com mêdo de alguma coisa, mêdo que me está obrigando a essas atividades. O mêdo é um estado de fuga. Assim, estou procurando saber sôbre aquilo de que realmente sinto mêdo. Não estou por ora considerando a questão do "mêdo do escuro", do mêdo à opinião, ao que outra pessoa diga ou

não diga a meu respeito, porque são muito superficiais essas coisas. Estou interessado em descobrir o que é que, fundamentalmente, me está fazendo medroso, me está impelindo a ser ambicioso, competidor, ganancioso, invejoso e criando, assim, animosidade, etc.

Pensai junto comigo, por favor. Em primeiro lugar, parece-me que somos criaturas muito solitárias. Sinto-me muito só, interiormente vazio, e não gosto dêsse estado, tenho-lhe mêdo, e portanto o evito, fujo dêle. Êsse próprio fugir gera mêdo, e para evitar o mêdo entrego-me a atividades várias. Existe evidentemente êsse vazio, em mim, em vós, do qual a mente está a fugir por meio da ação, da ambição, do desejo de ser alguém, de adquirir mais saber — enfim, pela violência sob todos os seus aspectos. Mas pode a mente abster-se de fugir e olhar de frente o seu vazio, êsse extraordinário sentimento de solidão, que é a expressão autêntica do "eu"? — visto que o "eu" é a entidade, a consciência que, quando não está em movimento, é vazia. Compreendeis o que estou explicando? Se não está claro, expô-lo-ei de outra maneira.

Afinal de contas, o "ego", o "eu", se expressa na ambição, no desejo de aquisição, na inveja, no ser violento e no lutar para ser não-violento, etc. Tudo isso são expressões do "eu"; e, reconhecendo-as como tais e investigando-as profundamente, vejo também que essas atividades do "eu" resultam justamente do seu extraordinário sentimento de vazio. Não sei se tendes notado que, quando seguimos as pegadas do "eu", todos os seus movimentos, chegamos ao ponto em que a mente se torna perfeitamente cônscia do "eu" como entidade completamente vazia; mas a mente, em verdade, não quer ver êsse vazio, preferindo voltar-lhe as costas, fugir.

Ora, se sou capaz de compreender o que é êsse vazio, então é bem provável que eu possa resolver o problema da violência. Mas, para compreender o que é o vazio, preciso olhá-lo, e não posso olhá-lo se estou fugindo.

É justamente a fuga que causa o mêdo e precipita a ação da inveja, da competição, da crueldade, da inimizade, e tudo o mais. Assim sendo, pode a mente olhar essa coisa, de que está fugindo por meio da ação? Espero que me esteja fazendo claro.

Não tendes consciência de um estado de solidão, de vazio? Não estamos considerando o que deveis fazer a respeito dêsse estado. Foi êsse "que se deve fazer?" que produziu êste mundo estúpido e caótico. Estou indagando o que há atrás do desejo de fazer alguma coisa — o que é dificílimo de descobrir, visto que a mente está sempre evitando êsse fator central. Mas se a mente fôr capaz de ficar cônscia, totalmente, de estar vazia, solitária — o que significa o completo descobrimento das atividades do "eu", que a levaram àquele estado — vereis que **tôda** ação sem tal compreensão há de precipitar, necessàriamente, a violência, sob diferentes formas. O ser-se um mero pacifista ou ideologista, pró-isto e contra-aquilo, não resolve o problema. O homem que se exercita na não-violência não resolveu de modo nenhum o problema da violência; está meramente a praticar uma idéia, sem ter investigado os fatôres fundamentais, de onde se origina tôda ação.

Observai, por favor, a vós mesmos, não vos limitando a seguir a minha descrição. Pode a vossa mente estar cônscia daquele vazio, sem fugir dêle? É porque vos sentis vazio e só, que necessitais de um companheiro, que quereis depender de alguém, e essa dependência cria a autoridade, que seguis; e a própria circunstância de se estar seguindo uma autoridade, já é um indício de violência. Pode a mente, ao perceber a verdade a êsse respeito, deter a sua fuga e olhar a sua própria vacuidade? Compreendeis o que significa "olhar"? Não podeis olhar para aquêle vazio se lhe tendes mêdo, se desejais evitá-lo; só podeis ter conhecimento pleno dêle, quando não há espírito de condenação. Segui com tôda a atenção o que estou dizendo. Estou investigando com todo o vagar, propositadamente,

porque desejo que seja simultânea a comunhão e a compreensão entre nós.

Estou cônscio de estar só e vazio, e estou a observar êsse vazio; mas não posso observá-lo se o condeno. A condenação é justamente uma distração, que estorva o observar. Ora, posso observar o vazio, tomar conhecimento dêle, sem lhe dar um nome? Compreendeis? E, quando não lhe dou nome, o observador é então diferente do vazio a que está observando? É só quando o observador lhe dá nome, que ocorre a separação, não é verdade? Compreendeis? Ainda não?! Vou simplificá-lo mais ainda.

Quando digo "estou irritado", estou dando nome a uma certa sensação ou reação, e esta própria circunstância cria uma dualidade, não achais? Mas, se não dou nome à sensação, então essa coisa sou eu mesmo. Entendeis? Vêde: dou nome a um sentimento porque minha mente está exercitada em reconhecer, em rotular; mas se a mente não põe rótulo em coisa alguma, desaparece então a separação entre o observador e a coisa observada. Por outras palavras, quando não se dá nome a uma coisa, só há um único estado, e nesse estado não existe entidade separada, para fazer algo a respeito dessa coisa. A mente — que é violenta, por natureza — já não está operando com relação a uma coisa que deseja compreender, e por conseguinte a sua atividade cessa.

Vêde por favor que isto não é uma asserção intelectual. Não digais que é "alto demais", abstrato demais, ou que é absurdo, etc. Estou investigando, passo a passo, a anatomia da violência. Nossa estrutura social está baseada na violência, não só a violência entre as nações, pois individualmente estamos em guerra uns com os outros, competindo e praticando crueldades. Ora, se desejo compreender o problema inteiro, cumpre-me compreender as atividades da mente em relação a essa coisa a que chamo "vazio"; e no momento em que surge a compreensão, não mais desejo ser coisa alguma. Entendeis? É o desejo de ser algo que gera a inimizade e a violência. O idealista que deseja

criar uma Utopia perfeita, é, por natureza, violento. O homem que está praticando a não-violência é um ente humano violento, porque, em verdade, não compreendeu o problema; está atendendo a êle superficialmente.

Vejo, pois, que enquanto a mente está operando em têrmos de ambição ou não-ambição, ela cria necessàriamente o caos, e lutas, e sofrimentos, para si própria e para outros. E se, aprofundando mais o problema, a mente compreende todo o processo relativo a êsse impulso para ser alguma coisa, então, inevitàvelmente, ela chegará ao ponto em que perceberá que está a procurar um meio de fugir ao "ser nada", que é um estado de vazio. E posso compreender êsse vazio? Pode a mente penetrá-lo, prová-lo, senti-lo? Por certo, a mente não poderá compreender essa coisa extraordinária que chamamos "vazio", "solidão", enquanto estiver, de alguma maneira, a condenar, enquanto desejar rejeitá-lo, dominá-lo ou ultrapassá-lo. A mente rejeitará sempre êsse estado, enquanto estiver a dar-lhe nome; e o reconhecer, o dar nome, é justamente o "processo" peculiar da mente. Afinal, não podeis pensar sem símbolos, sem idéias, sem palavras. E pode a mente deixar de "verbalizar"? Pode acabar com êsse processo e considerar aquilo a que chamava "vazio", sem lhe dar nome ou criar um símbolo tirado da imaginação? E quando deixa de verbalizar, o estado a que chamava "vazio" é então diferente dela própria? Não é, por certo. O que há então é só um estado, em que não há verbalização, não há dar nome, e por conseguinte em que terminou aquela atividade da mente, que separa, que compete, que gera antagonismo. Nesse estado se verifica um movimento completamente diferente. Não há mais violência. Há uma delicadeza, que não pode ser compreendida pela mente que diz "tenho de ser delicado". A volição cessou de todo — porque a vontade é também produto da violência.

PERGUNTA: *O que dizeis parece muito exótico e oriental. Um ensino como o vosso é aplicável à nossa civi-*

lização ocidental, que se baseia na eficiência e no progresso, e que está melhorando as condições de vida no mundo inteiro?

KRISHNAMURTI: Achais que o pensamento é oriental ou ocidental? Os costumes podem variar. Eu como com as mãos, na Índia, na China comem com dois pauzinhos, e aqui comeis de modo diferente. Em que difere o pensamento oriental do pensamento ocidental? Existe alguma diferença? Se eu tivesse nascido na América e dissesse as mesmas coisas que estou dizendo agora, di-lo-íeis oriental? Poderíeis, talvez, chamá-lo místico, impraticável, ou excêntrico. Mas os problemas são os mesmos, seja na Índia, seja no Japão, seja aqui. Nós somos entes humanos, e não asiáticos e americanos, russos e alemães, comunistas e capitalistas. Todos temos os mesmos problemas humanos.

Pois bem. O que estou dizendo é, sem dúvida, tão aplicável aqui, como na Índia. A violência é um problema tanto vosso como da Índia. O problema das relações, do amor, da beleza, o problema de criar um estado mental em que haja paz, de criar uma sociedade que não seja destrutiva de si própria, bem como de outras — tudo isso, evidentemente, interessa a cada um de nós, quer vivamos no Oriente, quer no Ocidente. Tendes aqui o problema da organização de um exército, que é um índice da deterioração de uma sociedade, porquanto as próprias bases de um exército são a autoridade, o nacionalismo, o desejo de segurança; e há exatamente o mesmo problema na Índia, no Japão, na Ásia tôda. Assim sendo, esta arbitrária divisão do pensamento em "oriental" e "ocidental" não existe para o homem que está investigando realmente. O homem que está condicionado por uma maneira de ver ou filosofia oriental, e vos diz como viver de acôrdo com êsse condicionamento, êsse homem, sem dúvida, está dividindo o pensamento em oriental e ocidental. Mas, nós estamos falando de coisa inteiramente diversa, ou seja do libertar a mente de **todo** e qualquer condicionamento,

e não, do moldá-la de acôrdo com uma filosofia oriental, o que é muito infantil.

O que estamos tentando fazer é investigar juntos a extraordinária complexidade das nossas vidas, para descobrir se podemos considerar êsses complexos problemas com tôda a simplicidade; mas não se pode considerar êsses problemas com simplicidade, a menos que compreendamos a nós mesmos. O "eu" é uma entidade extraordinàriamente complexa, com uma infinidade de desejos contraditórios. Vivemos numa guerra perene dentro em nós mesmos, e êsse conflito interior se precipita em atividades exteriores. Compreender o "eu", tanto consciente como inconsciente, é uma tarefa enorme, e êle só pode ser compreendido dia por dia, momento por momento. Êle é um livro sem fim e, por conseguinte, não é uma coisa que se pode concluir um dia.

Nessas condições, se se puder escutar o que se está dizendo, não na qualidade de americano, europeu ou oriental, mas como um ente humano diretamente interessado nestes problemas, então, todos juntos, haveremos de criar um mundo diferente; seremos então verdadeiros entes religiosos. Religião é a busca da Verdade, e para o homem religioso não há nacionalidade, nem pátria, nem filosofia particular; êsse homem não segue ninguém, e por conseguinte é um verdadeiro revolucionário, no sentido mais profundo da palavra.

PERGUNTA: *A placidez que experimentamos, em várias formas de expressão própria, é uma ilusão, ou êsse sentimento de preenchimento está relacionado com o estado criador de que falais?*

KRISHNAMURTI: Existe tal coisa — preenchimento pessoal? Aceitamos a suposição de que ela existe, não é verdade? Se sou artista, acho que devo preencher-me; se sois escritor, quereis preencher-vos. Todos estamos lutando

para nos preenchermos, de diferentes maneiras — por meio da família, dos filhos, do marido, da mulher, das posses, das idéias. Se sois ambicioso, quereis preencher a vossa ambição, porque, do contrário, vos sentireis frustrado, e na frustração há sempre sofrimento. Todos nós estamos esforçando por preencher-nos, mas nunca perguntamos se realmente existe preenchimento. Sem dúvida, o homem que está a buscar o preenchimento vive atormentado pela frustração. Isso é bem compreensível, não achais? Se estou sempre a tentar preencher-me, por meio de meu filho, minha mulher, de uma idéia, de atividades, está sempre a perseguir-me a sombra da frustração e do mêdo. Assim, se desejo compreender o mêdo, a frustração, a agonia das complicações psicosomáticas, e tudo o mais, preciso examinar de maneira completa essa idéia da possibilidade de preencher-me, porque nela está presente o "eu", com seu desejo de "vir a ser" alguma coisa. Não é bem provável que o "eu" seja uma ilusão, ainda que seja uma realidade como entidade operante? Para o homem ambicioso, competidor, ganancioso, invejoso, o "eu" não é ilusório, mas uma coisa muito real. Mas para o homem que se põe a investigar a fundo êste problema, que deseja realmente compreender o que é a Paz — não a paz pelo terror, a paz dos políticos, não a placidez da vaidade satisfeita, resultante da realização de nossas ambições, mas aquela paz em que não existem rivalidades, em que não existe luta para se ser alguma coisa — a êsse homem vem a experiência do "ser absolutamente nada", que é um estado criador atemporal. O que chamamos ação criadora é um processo que consiste em aprender uma técnica e expressá-la; mas eu falo de coisa muito diversa — da mente de onde o "eu" está ausente de todo.

PERGUNTA: *O estado criador, de que falais, limita-se ao êxtase que vem com nossa purificação pessoal, ou tem também a virtude de libertar a nossa energia, para*

aplicarmos, em benefício da humanidade, as descobertas científicas, nossas e de outros?

KRISHNAMURTI: Perguntas, como, por exemplo: "se isto acontecer, que virá em seguida?" — são feitas òbviamente por pessoas que estão escutando muito superficialmente. Como tenho dito, a ação de um homem que investiga e a quem a realidade se manifesta será diferente da ação daquele que só teve uma rápida visão dêsse estado e procura expressá-la. Em geral, somos instruídos numa certa técnica: pintura, engenharia, medicina, etc. Essa técnica é evidentemente necessária, mas o mero aprendizado do mecanismo de uma dada profissão, não despertará o estado criador. A Realidade Criadora — chamai-a Deus, a Verdade, ou como quiserdes — não pode manifestar-se por meio de uma técnica, mas, sim, só quando a mente compreendeu a si mesma. E sabeis quanto é difícil um homem compreender a si mesmo? É difícil, porque somos meros amadores, e não temos um interêsse real. Se, entretanto, estiverdes vigilantes, se aplicardes tôda a vossa atenção à compreensão de vós mesmos, encontrareis um tesouro indestrutível. Não precisareis ler um único livro de filosofia, psicologia, análise, etc., porque sois um epítome de tôda a humanidade, e, se não compreenderdes a vós mesmo, continuareis a criar problemas e mais problemas, infindos sofrimentos. A compreensão de si mesmo não requer impulsos impetuosos, conclusões, mas só muita paciência. A gente tem de ir com todo o vagar, milímetro por milímetro, sem dar um só passo em vão — o que não significa sejamos obrigados a uma vigilância incessante. Isto não é possível. O que significa é que precisamos estar vigilantes e largar de mão cada coisa que observamos, deixá-la ir e vir à vontade, de modo que a mente não se torne uma mera acumulação de coisas aprendidas, e seja capaz de observar cada coisa sempre de maneira nova. Quando a mente é capaz de observar e compreender a si própria, apresenta-se então aquela ação criadora da

realidade, e em tal estado a mente pode servir-se da técnica, sem causar sofrimentos.

PERGUNTA: *Qual é a significação dos sonhos, e como podemos interpretá-los por nós mesmos?*

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de examinar esta questão com certa profundeza, em vez de tratar dela superficialmente, e, portanto, espero que estejais suficientemente interessados em seguir-me, passo a passo.

Quase todos nós sonhamos. Temos pesadelos quando comemos demais ou ingerimos alimentos indigestos. Não é a respeito dêsses sonhos que vou falar e, sim, sôbre aquêles que têm significação psicológica. Há, no sonhar, vários estados, não é verdade? Sonhais, e, ao despertardes, quereis descobrir a significação do sonho — o interpretais. A interpretação depende do vosso saber, do vosso condicionamento, de tudo o que aprendestes de vários filósofos, psicólogos, etc. E se houver êrro de interpretação, vossa conclusão sairá tôda errada. E também podemos sonhar e a interpretação se produzir ao mesmo tempo que estamos sonhando, de modo que despertamos com uma compreensão clara do sonho; o sonho foi compreendido e não continua a influenciar-nos. Não sei se isso já vos aconteceu.

O problema, pois, não é saber interpretar os sonhos, mas por que motivo sonhamos. Compreendeis? Se interpretais os vossos sonhos de acôrdo com um certo psicólogo, vossa interpretação depende então do condicionamento dêle; e se o interpretais por vós mesmo, a interpretação é moldada por vosso próprio condicionamento. Num e noutro caso, a interpretação pode ser errônea, e portanto qualquer conclusão ou ação nela baseada revelar-se-á de todo em todo falsa. O problema, pois, não é como interpretar os sonhos, mas o porque sonhamos. Se pudésseis resolver êste problema, a interpretação não seria mais necessária. Se pudésseis compreender realmente todo o processo de sonhar, a questão se tornaria muito simples.

Porque sonhamos? Investiguemos isso juntos, e não de acôrdo com uma certa autoridade que escreveu um livro sôbre a matéria. Deixai de parte tôdas essas coisas, se puderdes, e pensemos na questão juntos, de maneira completa e muito simples. Porque sonhamos? Que entendemos por "sonhar"? Ides deitar-vos, adormeceis, e enquanto dormis, desenvolve-se uma certa ação, sob a forma de símbolos e cenas várias; e ao despertardes dizeis "Tive tal sonho".

Agora, que foi que aconteceu? Tende a bondade de seguir isto, que é muito simples. Quando estais despertos, durante o dia, a vossa mente superficial está ocupada com muitas coisas — vosso emprêgo, vossas brigas, os filhos, dinheiro, as compras no mercado, lavar pratos... dúzias de coisas. Mas a mente superficial não é a mente integral; há também o inconsciente, não é verdade? Não precisais ler nenhum livro, para descobrirdes que o inconsciente existe. Nossos motivos ocultos, nossas reações instintivas, nossos impulsos raciais — as contradições que nos foram legadas por nossos ascendentes, nossas crenças — tudo isso se acha no inconsciente. O inconsciente, como é bem óbvio, deseja transmitir algo à mente superficial, e encontrando-a quieta, durante o sono, procura transmiti-lo então. O inconsciente se acha também em movimento a tôdas as horas, mas não tem oportunidade de expressar coisa alguma durante o dia, e por essa razão projeta símbolos vários quando dorme a mente consciente; e então dizemos "Tive um sonho". Vereis que isto não é complexo, se o examinardes. Ora bem, não desejo ficar eternamente ocupado com a interpretação dos meus sonhos... coisa semelhante a estar ocupado com assuntos culinários, com Deus, ou bebidas, ou mulheres, etc. etc. Desejo descobrir porque é que sonho e se é possível deixar de sonhar, completamente. Os psicólogos poderão dizer que é impossível deixar de sonhar, mas deixemos êstes especialistas com suas especialidades e investiguemos sòzinhos **(risos)**. Não, por fa-

vor, não riais! Por que há sonhos? E é possível acabarmos com os sonhos, sem esfôrço para suprimi-los ou para alterarmos o estado de sonho — de modo que durante o sono a mente esteja tranqüila de todo? Desejo descobrir isso, e portanto vou investigá-lo em primeiro lugar.

Porque sonho? Sonho, porque durante o dia a minha mente consciente está ocupada com uma multidão de coisas. Mas, pode a mente consciente manter-se aberta, durante o dia, às sugestões e sussurros do inconsciente? Compreendeis? Pode a mente superficial estar tão vigilante durante o dia, que perceba os motivos inconscientes, os fugidios clarões das coisas que estão ocultas, sem tentar suprimir ou alterar tais coisas ou fazer algo com relação a elas? Se puderdes estar cônscio, simplesmente, não com atitude crítica, mas de modo imparcial, da totalidade dêsse conflito; se puderdes manter-vos aberto, de modo que o inconsciente possa enviar as suas sugestões momento por momento, no correr do dia, quando viajais de ônibus ou de táxi, quando estais à mesa ou a conversar com amigos; se puderdes observar a maneira como olhais as pessoas, vossa maneira de falar-lhes, e de tratar aquêles que não são de vossa "qualidade", vereis então, à medida que aprofundardes a vossa observação, que o sonhar cessará completamente. Porque então não haverá mais necessidade de mensagens ou sugestões do inconsciente, durante o sono, para mostrar-vos o que deveis ou não deveis fazer, visto que tudo se vos está revelando no viver de cada dia.

Chegamos, assim, a um ponto interessantíssimo, que é êste: Durante o dia a mente está sobremodo vigilante, observando sem julgar, sem condenar; e quando o processo total da consciência tiver sido revelado, examinado e compreendido, vereis que durante o sono haverá tranqüilidade completa e, nessa total tranqüilidade, a mente poderá descer a profundezas jamais atingíveis pela mente consciente. Compreendeis? Quer-me parecer que não. Explicai-lo-ei de novo, e espero não aborrecer-vos, por já ser um pouco tarde.

Como sabeis, nós estamos em busca da felicidade, da paz, de Deus, da Verdade, etc. Fazemos um esfôrço constante para nos ajustar, para amar, ser bondosos, generosos, libertar-nos **disto** e adquirirmos **aquilo**. Com um pouco de observação, pode-se ver que isto é um fato. Observa-se a tôdas as horas esta atividade, tôda de agitação, ajustamento, luta, e num tal estado é bem evidente que a mente nunca achará nada novo. Mas se, durante o dia, estou cônscio dos vários pensamentos e motivos que surgem, cônscio de que sou ambicioso, que estou condenando, julgando, criticando, e se percebo todos os pormenores dessa atividade, que acontece? Minha mente não está mais a lutar, não está mais a esforçar-se, não existe mais a agitação criada pelo desejo de achar algo. A mente está, portanto, de todo quieta — não apenas a mente superficial, mas a totalidade da consciência. E nesse estado de quietude total, onde não há movimento algum para achar, nenhum esfôrço para ser ou não ser, torna-se a mente capaz de atingir profundezas que nunca teria a possibilidade de atingir por meio de esfôrço. Eis porque é tão importante estar-se cônscio sem condenação, observar sem criticar nem julgar. E isso se pode fazer durante o dia todo, à vontade, para que a mente não seja mais um instrumento de luta, quando está a dormir, não esteja mais a captar mensagens simbólicas do inconsciente e a tentar interpretá-las, ou inventando um plano astral e outros absurdos que tais. Libertada de todo condicionamento, está a mente apta a penetrar, durante o sono, em profundezas que ela nunca poderia atingir com a consciência desperta; e ao despertar experimenta-se um sentimento de renovação, nunca dantes experimentado. É como desprender-se do passado e nascer de novo.

27 de agôsto de 1955.

— VIII —

É MUITO difícil, segundo penso, distinguir a diferença entre o coletivo e o individual, e descobrir onde termina o coletivo e começa a individualidade; e, também, perceber o significado do coletivo e descobrir se é possível ficar-se livre do coletivo e promover a integração do indivíduo. Não sei se já pensastes, ainda que ligeiramente, a respeito dêste problema, que me parece ser um dos problemas fundamentais do mundo, principalmente na época atual, em que tanto se encarece a importância do coletivo. Não só nos países comunistas mas também no mundo capitalista, onde se estão criando "Estados de Bem-Estar" (Welfare States), como é o caso da Inglaterra, se está atribuindo significação cada vez maior ao coletivo. Criam-se fazendas coletivas e cooperativas de tôda ordem, e, ao considerarmos tudo isso, ficamos a perguntar-nos qual é o lugar que o indivíduo irá ocupar nêsse quadro e se, afinal, o indivíduo existe mesmo.

Sois um indivíduo? Tendes um certo nome, um depósito bancário particular, casa própria, certas características fisionômicas e psicológicas, mas sois realmente um indivíduo? Acho de muita importância considerar bem esta questão, uma vez que só quando existe a incorruptibilidade do indivíduo — de que tratarei mais adiante — há a possibilidade de surgir alguma coisa totalmente nova. Isso significa que cada um precisa descobrir por si mesmo onde termina o coletivo, se êle de fato termina, e onde começa a individualidade — o que suscita todo o problema do tempo. Êste assunto é muito complexo e, por ser com-

plexo, precisamos aplicar-nos a êle de maneira simples, direta, sem dar voltas ao redor dêle; e, se me é permitido, vou examiná-lo nesta manhã.

Peço licença para sugerir-vos observeis o vosso próprio pensar, enquanto falo, e que não vos limiteis a escutar meramente, aprovando ou desaprovando o que se está dizendo. Se escutais apenas para concordar ou discordar, com uma superficial compreensão intelectual, então esta palestra e tôdas as anteriores, serão completamente inúteis. Mas, se sois capaz de observar o funcionamento de vossa própria mente enquanto o vou descrevendo, êsse próprio observar produzirá uma ação extraordinária, que não é imposta nem forçada.

Acho de muita importância descubramos cada um de nós, onde termina o coletivo e começa o individual. Ou o nosso pensar — conquanto modificado pelo temperamento pessoal, pelas idiossincrasias de cada um — será totalmente coletivo? O "coletivo" é o conglomerado de condicionamentos vários, nascidos das ações e reações sociais, das influências educativas, das crenças, dogmas e preceitos religiosos, etc. Todo êsse processo heterogêneo constitui o coletivo, e se examinardes, se olhardes a vós mesmos, vereis que tudo o que pensais, vossas crenças ou descrenças, vossos ideais ou oposição aos ideiais, vossos esforços, vossa inveja, vossos impulsos, vosso senso de responsabilidade social — vereis que tudo isso é resultado do coletivo. Se sois pacifista, vosso pacifismo é o resultado de um certo condicionamento.

Assim, se examinamos a nós mesmos, admiramo-nos de ver quanto estamos integrados no coletivo. No mundo ocidental, onde o cristianismo domina há tantos séculos, sois criados no condicionamento respectivo. Sois educados como católicos ou protestantes, com tôdas as divisões do protestantismo. E tendo sido educados dessa maneira, crendo em absurdos de tôda ordem — no inferno, na punição eterna, no purgatório, no único Salvador, no pecado original e outras coisas mais — estais condicionados por

essa educação, e ainda que vos afasteis dessas coisas, no vosso inconsciente permanecerá sempre um resíduo dêsse condicionamento. Tendes sempre o mêdo do inferno, ou de não crerdes num certo Salvador, etc.

Assim, se consideramos bem êsse extraordinário fenômeno, parecerá um tanto absurdo uma pessoa dizer-se "um indivíduo". Podeis ter gostos individuais, ter vosso nome próprio, e uma fisionomia completamente diferente da de outro homem, mas o processo do vosso pensar é, por inteiro, um resultado do coletivo. Os instintos raciais, as tradições, os valores morais, a extraordinária devoção ao sucesso, a ambição de poder, de posição, de riquezas, geradora de violência — não há dúvida de que tudo isso é resultado do coletivo, uma herança secular. E é possível do meio dêsse conglomerado, extrair o indivíduo? Ou é impossível de todo? Se levamos a sério esta questão de promover a transformação radical, uma revolução, não é importantíssimo consideremos êste ponto fundamental? Porque, só ao homem que é um **indivíduo**, no sentido em que estou empregando a palavra, ao homem não contaminado pelo coletivo, ao homem que está **só** — não isolado, mas completamente só, interiormente — só a êsse homem a Realidade pode manifestar-se.

Expressando-o diferentemente: Iniciamos as nossas vidas com suposições, postulados; que há ou que não há Deus, que há inferno e céu, que é necessário um certo padrão de relações, uma determinada moral, que deve prevalecer uma determinada ideologia, etc. Com estas suposições, que são produto do coletivo, criamos uma estrutura que chamamos educação, que chamamos religião, e fundamos uma sociedade em que o individualismo brutal prevalece sem freios, ou é mantido sob contrôle. Esta sociedade está baseada na suposição de que é necessária e inevitável a competição, de que é necessária a inveja, a ambição. Mas, é possível não construirmos sôbre suposições de **qualquer** natureza, mas construirmos ao mesmo tempo que estamos investigando e descobrindo? Se acei-

tamos o descobrimento feito por outro, nesse caso entramos imediatamente no terreno do coletivo, que é o terreno da autoridade; mas se cada um de nós começar livre de suposições e postulados, então vós e eu edificaremos uma sociedade tôda diferente, e esta me parece uma das questões mais importantes da época atual.

Ora, percebendo êsse processo na sua inteireza — no nível consciente e bem assim no inconsciente, já que o inconsciente é também resíduo do coletivo — é possível extrairmos daí o indivíduo? Pode-se pensar, se se despojar o pensar da influência coletiva? Se fôstes educado como católico, metodista, batista, ou seja o que fôr, vosso pensar é o resultado do coletivo, consciente ou inconsciente; vosso pensar é resultado da memória, e a memória é o coletivo. Isto é um tanto complexo e devemos examiná-lo com vagar, sem concordar nem discordar; o que queremos é descobrir.

Quando se diz que há liberdade de pensamento, isso me parece um absurdo completo, porque, do modo como vós e eu pensamos, o pensar é reação da memória, e a memória produto do coletivo, sendo êsse coletivo cristão, hinduista, etc. Nessas condições, nunca haverá liberdade de pensamento enquanto o pensar estiver baseado na memória. Vêde, por favor, que isto não é mera lógica. Não o rejeiteis, dizendo: "Ora, isto é puro raciocínio lógico". Mas não é. Será lógico por acaso, mas eu estou descrevendo um fato. Enquanto o pensamento fôr reação da memória, que é resíduo do coletivo, a mente terá de funcionar na esfera do tempo, sendo o tempo a continuação da memória de ontem, hoje e amanhã. Para a mente em tais condições haverá sempre a morte, a corruptibilidade e o mêdo, e por mais que busque algo incorruptível, fora do tempo, nunca o achará, porque o seu pensamento é sempre resultado do tempo, da memória, do coletivo.

Nessas condições, pode uma mente cujo pensamento resulta do coletivo, cujo pensamento é o coletivo, desem-

baraçar-se do coletivo? Quer dizer: Pode a mente conhecer o atemporal, o incorruptível, o que existe sòzinho, que não esteja sob a influência de nenhuma sociedade? Não afirmeis nem negueis, não digais "já tive experiência disso" — porque isso nada significa, em se tratando de questão tão complexa como esta. Pode-se ver que há sempre corrupção, quando a mente funciona no coletivo. Poderá ela inventar um código de moral melhor, promover reformas sociais, mas tudo estará sob a influência coletiva e, portanto, será corruptível. Por certo, para descobrir se há um estado incorruptível, atemporal, imortal, a mente tem de estar totalmente livre do coletivo. E ao dar-se a sua completa libertação do coletivo, o indivíduo será anticoletivo? Ou não será anticoletivo mas, sim, funcionará num plano totalmente diferente, que o coletivo poderá repelir? Estais seguindo?

O problema é: Pode a mente ultrapassar o coletivo? Se nenhuma possibilidade existe de ultrapassarmos o coletivo, então temos de contentar-nos com adornar o coletivo, abrir janelas na prisão, instalar uma iluminação melhor, mais banheiros, etc. É nisto que o mundo está interessado, e é a isso que êle chama progresso, condições de vida melhores. Não sou contra o melhoramento das condições de vida, pois seria uma estupidez isso, principalmente por parte de quem vem da Índia, onde se passa fome como em nenhuma outra parte do mundo, excetuada talvez a China, onde tanta gente só toma meia refeição por dia, e mesmo nenhuma, onde há miséria, sofrimento, doença, e a incapacidade para a revolta, já que o povo está a morrer de fome. Assim, pois, nenhum homem inteligente pode ser contra a instauração de melhores condições de vida; mas se é só isso que interessa, então a vida será puramente materialista. E neste caso o sofrimento é inevitável; neste caso estará muito bem que haja ambição, competição, antagonismo, impiedosa eficiência, guerras... tôda esta estrutura do mundo moderno, com suas esporádicas reformas sociais. Mas se começarmos a inves-

tigar o problema do sofrimento — o sofrimento representado pela morte, pela frustração, pela treva da ignorância — então cumpre examinar essa estrutura, no seu todo, e não apenas certas partes dela, como a manutenção de exércitos, as formas de govêrno, etc., visando a reformas parciais. Ou aceitamos esta sociedade tôda inteira, ou a rejeitamos completamente — "rejeitar", não no sentido de evitá-la, mas de descobrir a sua significação.

Assim, pois, se a mente não achar possibilidade de libertar-se desta prisão do coletivo, então o que pode fazer é só voltar atrás e reformar a prisão. Mas eu acho que tal possibilidade existe, pois seria estúpido demais ficarmos a lutar eternamente dentro da prisão. E como achará a mente um meio de se libertar dessa massa heterogênea de valores e contradições, ambições e impulsos? Enquanto isso não acontecer, não haverá **individualidade.** Podeis denominar-vos um indivíduo, dizer que tendes uma alma, um "eu" superior, mas essas coisas são invenções da mente, que faz parte do coletivo.

Veja-se o que está acontecendo no mundo. Um novo grupo do "coletivo" está a negar a alma, a imortalidade, a permanência, a Jesus como único Salvador, etc. Em vista de todo êsse conglomerado de asserções e contra-asserções, surge a inevitável pergunta: É possível a mente libertar-se dêle? Isto é, é possível ficarmos libertados do tempo, do tempo como memória, memória esta que é produto de determinada cultura, civilização ou condicionamento? Pode a mente ficar livre dessa memória? Não me estou referindo à memória da técnica de construir uma ponte, da estrutura do átomo, do caminho de casa; esta é a memória "fatual", e sem ela estaríamos dementes ou doentes de amnésia. Mas pode a mente existir livre da **memória psicológica?** Pode, sem dúvida, mas só quando não está a buscar segurança. Afinal de contas, como disse ontem, enquanto a mente busca a segurança, seja numa conta bancária, seja numa religião ou em vários gêneros de atividades sociais e de relações, tem de haver violência. O

homem que possui muito cria a violência; mas o homem que percebe a futilidade de ter muito e se torna eremita, êsse também cria violência, porque está buscando a segurança, não no mundo, mas em idéias.

O problema é então êste: Pode a mente ficar livre da memória, — não da memória relativa ao conhecimento de fatos, mas da memória coletiva, amontoada através de séculos de crença? Se fizerdes a vós mesmo esta pergunta, com tôda a atenção, e não esperardes que eu vos responda — porque não há resposta — vereis então que, enquanto a mente está buscando a segurança, sob qualquer forma, pertenceis ao coletivo, a uma memória multissecular. E o não buscar a segurança é sumamente difícil, visto que podemos rejeitar o coletivo, mas constituir um novo coletivo, com nossas próprias experiências. Compreendeis? Posso rejeitar a sociedade com tôda a sua corrupção, sua ambição, sua avidez e competição, no plano coletivo; mas, depois de rejeitá-la, tenho experiências e cada experiência deixa o seu resíduo. Êstes resíduos se tornam também o coletivo, já que constituem uma coleção. Aí encontro a minha segurança, que transmito a meu filho, a meu vizinho, de modo que, mais uma vez, está criado o coletivo, num padrão diferente.

É possível a mente ficar livre da memória do coletivo? Quer dizer, ficar livre da inveja, da competição, da ambição, da dependência, da perene busca do permanente como meio de segurança. Pois só quando há esta liberdade, pode existir o indivíduo. E nela se encontra um estado de espírito, um "estado de ser" completamente diferente. Não há mais possibilidade de corrupção, não há mais o tempo, e para essa mente, que pode ser chamada individual, ou outro nome qualquer, a Realidade surge na existência. Não se pode buscar a Realidade; se o fizerdes, ela se tornará vossa segurança e portanto será totalmente falsa, sem nenhuma significação, como o vosso desejo de dinheiro, a vossa ambição e busca de preenchimento. A realidade tem de vir a vós e não poderá vir enquanto houver a cor-

rupção pelo coletivo. Eis porque a mente deve achar-se completamente só, não influenciada, não contaminada e, portanto, livre do tempo, pois só então pode manifestar-se o imensurável, o atemporal.

Foram-me enviadas muitas perguntas, as quais, infelizmente, não podem ser respondidas tôdas. Mas fizemos uma seleção das mais típicas, e vou tentar responder à maior parte delas, nesta manhã.

Espero não estejais sendo mesmerizados por mim. Notai, por favor, que o que digo tem significação; não o estou dizendo ao acaso. Estais agora escutando em silêncio. Se êste silêncio é apenas o sintoma de que estais dominado por uma certa personalidade ou por idéias, então nenhum valor tem. Mas se vosso silêncio é o resultado natural da atenção com que estais observando os vossos próprios pensamentos, a vossa própria mente, nesse caso não estais sendo mesmerizados, hipnotizados. Portanto, não criareis um novo coletivo, novos seguidores, um novo guia. Se estais realmente atento, interiormente vigilante, descobrireis que estas palestras terão sido úteis, já que vos terão revelado o funcionamento de vossa própria mente. Assim, nada tendes que aprender de outro, e por conseguinte não há mais instrutor, nem discípulo, nem seguidor. Tudo está contido na vossa própria consciência, e aquêle que vos descreve essa consciência, não constitui vosso guia. Ninguém se põe de joelhos diante de um mapa ou do catálogo de telefones, ou do quadro-negro em que está escrita uma comunicação. Por conseguinte, não se está criando aqui um novo grupo, um novo guia, uma nova seita — pelo menos no que me diz respeito. Se criais tal coisa, lamento-vos. Mas se observardes a vossa própria mente, cujo conteudo está escrito no quadro-negro, esta observação vos levará a um descobrimento extraordinário, que produzirá sua ação própria.

PERGUNTA: *Muitos dos que passaram pela desastrosa experiência da guerra parecem incapazes de achar o*

seu lugar no mundo moderno. Jogados para todos os lados pelas vagas desta sociedade caótica, flutuam à deriva, de acupação em ocupação, e sua vida é lastimável. Sou uma dessas pessoas. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Quando uma pessoa está em revolta contra a sociedade, que acontece, geralmente? Sob compulsão ou impelida pela necessidade, ela se submete a um certo padrão social e fica sustentando uma batalha incessante dentro de si mesma e com a sociedade. A sociedade fêz de vós o que sois, desencadeou guerras e semeou a destruição. Esta civilização baseia-se na inveja, na agitação, suas religiões não produzem nenhum homem religioso. Pelo contrário, destroem o homem religioso. Que pode então um indivíduo fazer? Alquebrado pela guerra, ou se torna neurótico, ou para não se tornar neurótico recorre à ajuda de alguém, procurando adaptar-se ao padrão social. E continua, assim, a manter-se uma sociedade produtiva de insânia, de guerras e de corrupção. Ou, ainda — o que realmente é dificílimo — o indivíduo pode examinar tôda a estrutura da sociedade e libertar-se dela. Estar livre da sociedade significa não ser ambicioso, não ser ganancioso, não ser competidor; significa "ser nada", perante essa sociedade que luta para ser algo. Mas êsse estado é muito difícil de aceitar, porque o indivíduo está sujeito a ser pisado, empurrado para o lado, e nada possuirá. Nesse "estado de nada" há sanidade, e não no outro. No momento em que perceberdes isso, no momento em que fordes o mesmo que nada, nesse momento a Vida cuidará de vós. Ela o fará. Algo acontecerá. Mas isso requer uma profundíssima penetração da estrutura da sociedade. Enquanto queremos fazer parte dessa sociedade, havemos de gerar a insânia, as guerras, a destruição e o sofrimento; mas o libertarmo-nos dessa sociedade, que é a sociedade da violência, da riqueza, da posição, do sucesso — isso exige paciência, investigação, des-

cobrimento, e não a leitura de livros, a busca ansiosa de instrutores, psicólogos, etc.

PERGUNTA: *Estou intrigado com esta frase que empregastes na vossa palestra da semana passada: "uma mente perfeitamente controlada". Uma mente controlada não supõe a vontade ou uma entidade controladora?*

KRISHNAMURTI: De fato empreguei a expressão "uma mente controlada", e pensava ter esclarecido a sua significação. Vejo entretanto que não fui compreendido, e por isso explicar-me-ei de novo.

Não é necessário termos, não uma mente controlada, mas uma mente muito firme, uma mente sem distrações? Segui-me por favor. A mente não sujeita a distrações é aquela em que não existe nenhum interêsse central. Quando há interêsse central, há distrações. Mas a mente que está completamente atenta, mas não para um determinado objeto, é uma mente firme.

Ora, examinemos ràpidamente a questão do contrôle. Quando há contrôle, há uma entidade que controla, que domina, que sublima ou procura substitutos. No contrôle, pois, há sempre um processo dual: a entidade que controla e a coisa que é controlada. Por outras palavras, há conflito. Com certeza percebeis isso. Há a entidade que controla, que avalia, que julga, o juiz, o experimentador, o pensador; e, do lado oposto, a coisa que está sendo examinada, controlada, reprimida, sublimada, etc. Há, assim, sempre uma batalha entre duas entidades: o que é, e o que diz "devo ser". Esta contradição, êste conflito, é um desperdício de energia. E é possível ficarmos só com o fato, sem o "controlador"? É possível eu perceber o fato de que sou invejoso, sem dizer que é mau ser invejoso, que é um estado anti-social, anti-espiritual, que deve ser modificado? Pode a entidade que avalia desaparecer completamente e restar só o objeto? Pode a mente consi-

derar o fato sem avaliação, quer dizer, sem opinião? Quando há opinião a respeito de um fato, há confusão, conflito. Espero que estejais compreendendo.

A confusão é um desperdício de energia, e a mente está necessàriamente confusa quando se abeira de um fato com uma conclusão, uma idéia, opinião, juízo, condenação. Mas quando a mente percebe o fato como verdadeiro, sem ter opinião a seu respeito, há então apenas a percepção do fato, e desta percepção resulta uma extraordinária firmeza e sutilidade da mente, porque então não há mais diversões nem fugas, nem juízos, nem conflito, de modo que a mente não desperdiça as suas energias. Só há, então, pensar, sem pensador; mas o experimentar de tal coisa é dificìlimo.

Vêde o que ocorre. Assistis a um belo pôr-de-sol. No momento preciso em que o presenciais, não há experimentador, há? Só há o sentimento de uma grande beleza. Depois, a mente diz: Que belo que foi! Desejo mais" — e começa o conflito do experimentador a desejar mais experiência. Ora, pode a mente achar-se num "estado de experimentar", sem haver experimentador? O experimentador é memória, é o coletivo. Estais percebendo? Posso contemplar o pôr-do-sol, sem comparar, sem dizer "Que belo espetáculo, quem me dera gozá-lo mais vêzes!" — posso? O mais é produto do tempo, que encerra o mêdo de terminar, o mêdo da morte.

PERGUNTA: *Há dualidade entre a mente e o "eu"? Se há, como libertar a mente do "eu"?*

KRISHNAMURTI: Existe dualidade entre o "eu", a pessoa, o "ego", e a mente? Certo, não existe. A mente, é o "eu", o "ego". O "ego", o "eu", é êsse impulso de inveja, brutalidade, violência, essa falta de amor, essa busca perene de prestígio, posição, poder, essa luta para se ser alguma coisa; e isso é o que a mente também está fazendo, não é? A mente está sempre a pensar em como progredir,

adquirir mais segurança, uma posição melhor, mais confôrto, mais riqueza, mais poder e tudo isso é o "eu". A mente, portanto, é o "eu"; o "eu" não é uma coisa separada, embora gostemos de pensar que o seja, porque então a mente pode controlar o "eu", fazer êsse jôgo de vaivém, de subjugar o "eu", procurar alterá-lo — jôgo infantil da mente educada, "educada" no sentido errôneo que se costuma dar à palavra.

Assim, pois, a mente é o "eu", esta mesma estrutura de aquisição. E o problema é: Como pode a mente libertar-se de si própria? Tende a bondade de seguir isto. Se a mente faz qualquer movimento para se libertar, ela é ainda "eu", não achais?

Vêde: Eu e minha mente somos a mesma coisa; não há divisão entre mim e a minha mente. O "eu" que é invejoso, ambicioso, é a mesmíssima mente que diz "Não devo ser invejosa, devo ser nobre" — o que acontece é só que a mente dividiu a si mesma. Ora, se percebo isso, que devo fazer? Se a mente é produto do ambiente, da inveja, da avidez, de condicionamento, que lhe compete fazer? Sem dúvida, todo movimento que ela faça para se libertar, decorre dêsse condicionamento, não é exato? Estais compreendendo? Todo movimento que a mente faz para se libertar de seu condicionamento, é ação do "eu", que quer ser livre, a fim de ser mais feliz, ter mais paz, sentir-se mais perto da mão direita de Deus-Padre. Mas eu percebo tudo isso, todos os movimentos e truques da mente. Por conseguinte, a minha mente está quieta, completamente tranqüila, imóvel; e nesse silêncio, nessa tranqüilidade encontramos a libertação do "eu" e da própria mente.

Por certo, o "eu" só tem existência no movimento da mente para obter alguma coisa ou evitar alguma coisa. Se não há movimento de obtenção ou evitação, a mente está então muito tranqüila. E só então nos é dada a possibilidade de ficar livres da totalidade da consciência, como "coletivo" e como oposto do coletivo.

PERGUNTA: *Tendo "experimentado" sèriamente, durante muitos anos, o vosso ensino, tornei-me plenamente cônscio da natureza parasitária da consciência do "eu", cujos tentáculos vejo estender-se a cada um dos meus pensamentos, palavras e atos. E o resultado foi que perdi tôda a confiança em mim mesmo, todo o incentivo. O trabalho se me tornou canseira, e o lazer tédio. Minha existência é uma quase constante tortura psicológica, e mesmo essa tortura me parece ser um truque do "eu". Vejo-me num beco sem saída, em todos os setores da minha vida, e pergunto-vos o mesmo que tenho perguntado a mim próprio: E agora?*

KRISHNAMURTI: Estais "experimentando" o meu ensino, ou estais "experimentando" a vós mesmo? Espero que percebais a diferença. Se estais "experimentando" as coisas que digo, tendes então de chegar ao ponto de perguntardes "E agora?", porque nesse caso estais forcejando para alcançar um resultado que pensais que eu alcancei. Pensais que eu tenho uma coisa que vós não tendes, e que se "experimentardes" o que digo, a ganhareis também. É assim que procede a maioria das pessoas. Interessamo-nos por essas coisas com uma mentalidade comercial: Fazer isto, a fim de obter aquilo. Rezarei, meditarei, e farei sacrifícios, a fim de obter uma certa coisa.

Ora, vós não estais praticando o meu ensino. Eu nada tenho para ensinar. Ou, melhor, eu só vos digo que observeis a mente, que vejais até que profundezas ela pode chegar. Portanto, vós é que sois importante, e não o ensino. É de muita importância descubrais vossos próprios modos de pensar e tudo o que êsse pensar implica, como estive tentando mostrar-vos hoje de manhã. E se estais observando o vosso próprio pensar, se estais vigilante, "experimentando", descobrindo, largando, isto é, morrendo cada dia para tudo o que acumulastes, então nunca fareis a pergunta "E agora?".

Vêde, a confiança é uma coisa completamente diferente da "confiança em si mesmo". A confiança que nasce quando estamos descobrindo, momento por momento, é tôda diferente da confiança em si mesmo, resultante da acumulação de descobrimentos, que se tornam saber e vos conferem importância. Percebeis a diferença? Por conseguinte, o problema da confiança em si mesmo desaparece completamente. Há só o constante movimento do descobrir, a constante leitura e compreensão, não de um livro, mas de vossa própria mente, de tôda a vasta estrutura da consciência. Não estais então em busca de resultado algum. É só quando buscais um resultado, que dizeis: "Pratiquei tais e tais coisas, mas não ganhei nada com isso e perdi a confiança em mim mesmo. E agora?". Mas, se, ao contrário, estais examinando e compreendendo os movimentos da vossa mente, sem visardes uma recompensa, um alvo, sem o incentivo de ganho, há então autoconhecimento, de onde vereis surgir uma coisa maravilhosa!

PERGUNTA: *Como impedir que o percebimento se torne uma técnica nova, "a última moda" em matéria de meditação?*

KRISHNAMURTI: Sendo esta uma questão muito séria, vou examiná-la com certa profundeza, e espero não estejais fatigados demais, para seguirdes, com uma vigilância sem tensão, as operações da vossa própria mente.

É importante meditar, porém mais importante ainda é compreender o que é meditação, pois do contrário a mente ficará restrita a mera técnica. O aprender uma nova técnica consistente em respirar de certa maneira, ficar sentado em certa posição, com o tronco erecto, ou praticar um dos vários sistemas de silenciar a mente — nada disso é importante. O importante é que vós e eu investiguemos o que é meditação. Nesse próprio investigar do que é a meditação, estou meditando. Compreendeis? Ouvi com calma, Senhores; não concordeis nem discordeis.

É sumamente importante o meditar. Se não sabeis o que é meditação, isso é como ter nas mãos uma flor sem perfume. Podeis ter um extraordinário talento oratório, saber pintar ou gozar a vida, possuir conhecimentos enciclopédicos e saber relacioná-los, mas tôdas essas coisas não terão significação alguma, se não sabeis o que é meditação. Meditação é o perfume da vida, tem beleza infinita. Abre portas que a mente não é capaz de abrir, penetra profundezas inacessíveis à mente mais erudita. A meditação, pois, é importantíssima. Mas sempre fazemos a pergunta errada e por isso obtemos resposta errada. Dizemos: "Como meditar?", e lá vamos à procura de um certo **swami**, de uma certa pessoa extravagante, ou apanhamos um livro, ou seguimos um sistema, na esperança de aprendermos a meditar. Ora, se pudermos varrer **tudo isso** para o lado — os **swamis**, os iogues, os intérpretes, os mestres de respiração e de imobilidade — chegaremos inevitàvelmente a esta pergunta: "Que é meditação?".

Escutai agora com atenção. Não estamos mais perguntando como meditar, nem qual é a técnica da vigilância, mas, sim, **o que é meditação** — que é a pergunta correta. Se fazeis uma pergunta incorreta, recebeis resposta incorreta; mas se fazeis a pergunta correta, então esta própria pergunta revelará a resposta correta. Assim, que é meditação? Sabeis o que é meditação? Não repitais o que ouviste outro homem dizer, ainda que, como eu, conheçais alguém devotado à meditação há vinte e cinco anos. **Vós** sabeis o que é meditação? É claro que não sabeis, não é exato? Podeis ter lido o que muitos sacerdotes e santos e eremitas disseram a respeito da contemplação e da oração, mas não me estou referindo a nada disso. Estou falando sôbre a meditação; não interessa o significado lexicológico da palavra, que podeis procurar depois no dicionário. Que é meditação? Não sabeis. E sôbre esta base é que meditais!... (**Risos**). Não riais, por favor; continuai a escutar. "Eu não sei" — alcançais a beleza desta frase? Ela significa que minha mente está despida de tôda técnica, tôda

informação a respeito da meditação, tudo o que outros dela disseram. Minha mente não sabe. Só podemos avançar na investigação do que é a meditação, quando somos capazes de dizer honestamente "Não sei"; e não se pode dizer "Não sei" se persiste em nossa mente qualquer vislumbre de informações de segunda mão — o que disse o **Gita**, ou a Bíblia, ou São Francisco, a respeito da contemplação ou das virtudes da oração, coisa de que tanto se fala nas revistas, hoje em dia, e que se tornou a última moda. Tudo isso tendes de afastar de vós, porque, se copiais, se seguis, revertereis ao "coletivo".

Nessas condições, pode a mente pôr-se no estado em que seja capaz de dizer "Não sei"? Êsse estado é o comêço e o fim da meditação, porque, nêle, cada experiência é compreendida e não guardada. Entendeis? Desejais controlar o vosso pensar; e quando controlais o pensar, não permitindo distrações, vossas energias se consomem no controlar e não no pensar. Compreendeis? Só pode haver acumulação de energia, quando não a desperdiçamos em controlar, em subjugar, em lutar contra distrações, suposições, pretensões, incentivos. E esta enorme carga de energia, de pensamento, é completamente sem movimento. Comprendeis? Quando dizeis "Não sei", não há movimento do pensamento, não é verdade? Só há movimento de pensamento quando começais a indagar, a investigar, já que vossa investigação vai sempre do conhecido para o conhecido. Se não estais compreendendo agora, talvez compreendais mais tarde.

A meditação é um processo de purificação da mente. A purificação da mente só é possível quando não há "controlador". No controlar, o controlador dissipa energia. A dissipação de energia resulta do atrito entre o controlador e o objeto que êle quer controlar. Mas quando dizeis "Não sei", não há movimento do pensamento em direção alguma, visando a uma resposta; a mente está de todo em todo imóvel. E para que a mente esteja imóvel, faz-se necessária uma energia extraordinária. A mente não pode estar

imóvel, se lhe falta energia — não a energia que se dissipa no conflito, na repressão, na dominação, na oração, no buscar, no rogar, mas aquela energia que é tôda atenção. Todo movimento do pensamento em qualquer direção representa dissipação de energia, e para que a mente possa ficar em completa imobilidade, é necessária a energia da atenção total. Só então pode surgir uma coisa que não podemos chamar a nós, que não podemos ir procurar, uma coisa que dispensa a respeitabilidade, que não se ganha com a virtude nem com sacrifícios — o Estado Criador, o Atemporal, o Real.

28 de agôsto de 1955

FIM

ÍNDICE
E
RESUMO DAS PERGUNTAS

FIM